

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO

**NIETZSCHE: UMA PERSPECTIVA SOBRE A EDUCAÇÃO EM ASSIM
FALOU ZARATUSTRA**

ENOCK DA SILVA PEIXOTO

Rio de Janeiro, julho de 2013

ENOCK DA SILVA PEIXOTO

**NIETZSCHE: UMA PERSPECTIVA SOBRE A EDUCAÇÃO EM ASSIM
FALOU ZARATUSTRA**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro - UNIRIO, como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Educação.**

Orientador: Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea

Rio de Janeiro, julho de 2013

ENOCK DA SILVA PEIXOTO

**NIETZSCHE: UMA PERSPECTIVA SOBRE A EDUCAÇÃO EM ASSIM
FALOU ZARATUSTRA**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro - UNIRIO, como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Educação.**

Aprovado em: _____/_____/2013

BANCA EXAMINADORA:

**Orientador: Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea
(UNIRIO)**

**Prof. Dr^a Nailda Marinho da Costa Bonato
(UNIRIO)**

**Prof. Dr^a Rosa Maria Dias
(UERJ)**

DEDICATÓRIA

- A minha esposa Erbene Conceição de Almeida Barbosa, alguém que me ajuda todos os dias a impulsionar a vida.

- A minha mãe Zenaide da Silva Peixoto que, além dos valores que me ensina até hoje, foi a minha primeira alfabetizadora e grande incentivadora para que eu me empenhe no universo do saber.

- Ao meu pai Valdecir Peixoto (in memoriam), que além possibilitar a vida, me ensinou valores importantes e o amor pela música.

- Aos meus avós Antônia Fortunato Peixoto e Manoel Peixoto (in memoriam), que embora analfabetos, sempre acentuaram a importância do conhecimento. Além de estabelecerem de forma concreta, exemplos de vida extremamente significativos.

- Aos meus seis irmãos.

AGRADECIMENTOS

Ao caríssimo professor Miguel Angel de Barrenechea que sabiamente soube estabelecer uma orientação ao mesmo tempo “amiga”, profissional e competente.

A todos os professores do Programa de pós-graduação em educação da UNIRIO que com as suas aulas e reflexões contribuíram para o meu crescimento intelectual e humano.

A professora Nailda Bonato, pela gentileza em aceitar participar da banca e pelas significativas intervenções sobre o meu trabalho nas aulas de Temas em Subjetividade, Cultura e História da Educação e na banca de qualificação.

A professora Rosa Maria Dias, por gentilmente aceitar participar da defesa e pelas intervenções valiosas na banda de qualificação.

Aos colegas do “Grupo Nietzsche”, grupo de estudos integrado por membros do programa de pós-graduação em Educação e Memória Social da Unirio, que com as suas críticas e sugestões, contribuíram significativamente para a constituição deste trabalho.

Aos professores de todas as fases de minha vida, do ensino básico ao ensino superior, que contribuíram para que eu cultivasse o interesse pelo saber. Sobretudo aos professores do Curso de Filosofia da Universidade Salesiana de Lorena (Unisal).

Aos colegas e aos tutores presenciais e a distância do curso de Pedagogia do Cederj-Unirio, que com grande competência possibilitaram uma graduação à distância de incontestável qualidade.

A colega Nilcinéia Neves Longobuco com quem estabeleci um trabalho de parceria neste período de mestrado, pelas intervenções e correções no meu texto, realizadas com grande seriedade e competência.

A colega Adriana Maria da Silva pelas valiosas contribuições na elaboração final do texto.

A Samantha Aparecida Moura Martins Vieira, orientadora da monografia no curso de Pedagogia pelo incentivo para a realização desse mestrado.

**“Um dia virá em que só se terá um único pensamento: a educação”
Nietzsche: Fragmentos Póstumos (1875)**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	10
 CAPÍTULO I: A EXALTAÇÃO DO HOMEM CRIADOR	
1.1. Sobre o <i>Zaratustra</i>	17
1.2. A perspectiva educacional presente no prólogo de <i>Assim Falou Zaratustra</i>	20
1.3. Os discursos de <i>Zaratustra</i> e a exaltação do homem criador.....	32
 CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA	
2.1. A reafirmação do homem criador.....	50
2.2. A tradição ocidental e as doutrinas decadentes.....	57
2.3. A educação como “afirmação da vida”.....	67
 CAPÍTULO III: A EDUCAÇÃO EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA, INDICATIVO PARA CHEGAR A SER O QUE SE É.	
3.1. O “espírito de peso”, empecilho para se chegar à singularidade.....	85
3.2. Os homens superiores e a educação.....	105
3.3. Decurso para chegar a ser o que se é.....	117
3.3.1. Uma educação da singularidade.....	133
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
 RERERÊNCIAS	145

RESUMO

Nesta dissertação analisamos a perspectiva educacional presente na obra *Assim falou Zaratustra*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. O livro integra a terceira fase de sua obra e não trata especificamente do tema da educação institucional, algo que ocorreu na primeira fase de sua filosofia. Entretanto, entendemos que é possível encontrar nela uma concepção educacional, pois Nietzsche apresenta o personagem Zaratustra como alguém que ensina e aprende com a vida. Através dele, Nietzsche estabelece críticas aos modos de vida predominantes no mundo ocidental que construíram concepções de mundo decadentes, baseadas, sobretudo, numa interpretação transcendente do mundo. O percurso do personagem central indica que o homem moderno pode assumir a superação de si próprio. Vários capítulos do livro são abordados para detectarmos as concepções educativas ali presentes. Na primeira parte, partindo do prólogo e dos *discursos de Zaratustra*, estudamos como é possível encontrar uma perspectiva educacional que indica a criação como aspecto central. Em seguida, tendo como base a segunda parte do livro, estudamos o conceito de vontade de potência, entendido como intensificação da vida e investigamos como esse pode estar relacionado à educação. A terceira e quarta partes do livro nortearam a busca da perspectiva educativa que aponta para o caminho da singularidade, *para ser o que se é*. Aprofundamos como as várias experiências vividas pelo personagem o encaminham para a afirmação de si mesmo e de que modo esta afirmação pode servir como perspectiva educativa para os demais homens.

Palavras-chave: Zaratustra. Educação. Criação. Superação. Ser o que se é.

ABSTRACT

In this dissertation we analyzed the educational perspective presented in the work *Thus spoke Zarathustra*, from the German philosopher Friedrich Nietzsche. The book is part of the third phase work of the philosopher and does not specifically address the issue of institutional education, something that occurred in the first phase of his philosophy. However, we understand that it is possible to find a conception of education, therefore, Nietzsche presents Zarathustra character as someone who teaches and learns from life. Through it, establishes critics of the of way of life predominant in the Western world that have built decadent worldviews, based primarily on an transcendental interpretation of the world. The journey of the main character indicates that modern man can take the overcoming of himself. We approached several chapters of the book to detect in itself the educational concepts present there. In the first part, from the prologue and speeches of Zarathustra, we studied how it is possible to find an educational perspective that indicates the creation as the central aspect. We studied then based on the second part of the book the concept of will of potency, understood as the intensification of life and investigated how this can be related to education. The third and fourth parts of the book guided the pursuit of educational perspective that points to the path of uniqueness, to be what it is. we deepened in how the various experiences of the character leads him to the affirmation of itself and how this affirmation can serve as educational perspective to other men.

Keywords: Zarathustra. Education. Creation. Evercoming. Be what it is

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a perspectiva educacional presente no livro *Assim falou Zaratustra*¹, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.² Para tanto, estudaremos se nessa obra podemos encontrar uma concepção de educação que aponte para o desenvolvimento da singularidade de cada discente. O termo “singularidade” está sendo utilizado como uma oposição à noção de rebanho, isto é, dos homens que são movidos pelo comportamento da maioria. No fragmento póstumo XI 35/47, de maio de 1885 e no XII 9/153, do outono de 1887, Nietzsche alude a uma educação para o surgimento de homens que não se deixam mover pelo que se torna “regra geral”, daqueles donde pode emergir o homem superior, dos que criam seus próprios destinos. Para isso, a “educação deveria desenvolver o que há de mais original em cada um, os seus impulsos mais singulares.”³ Investigaremos em *Assim falou Zaratustra* como se apresenta a perspectiva educacional que conduz o homem *a ser o que se é*⁴, como um indicativo para estimular o surgimento do que há de mais *próprio* no ser humano.

¹ A obra em estudo está situada na terceira fase do pensamento nietzschiano (detalhada posteriormente, na nota 13). Foi escrita em três momentos distintos: a primeira parte teria surgido em apenas 10 dias, durante uma temporada que o filósofo passou na Itália em Rapallo. Foi enviada ao editor em 14 de fevereiro de 1883, mas publicada apenas em abril do mesmo ano. O atraso ocorreu porque o editor imprimia panfletos de Páscoa com propagandas antissemitas (Cf. JULIÃO, 2012, p. 100). A segunda parte foi escrita em Sils-Maria na Alemanha, no verão de 1883, em junho foi enviado a Schmeitzner o mesmo editor anterior, sendo publicada em agosto do mesmo ano (Cf. Ibidem, p. 102). Em janeiro de 1884, o filósofo estava em Nice, na França, e também de forma eruptiva escreve a terceira parte. Nietzsche teve a intenção de terminar o livro nesse momento, como se pode atestar em cartas escritas na época, como a enviada a Overbeck em abril de 1884 (KGB, VI, 479) [Cf. Ibidem, p. 104]. No ano seguinte, em 1885 o filósofo acrescenta ao livro uma quarta parte que a princípio integraria outro livro, intitulado *O grande meio-dia*, mas esta se tornou a última a integrar o livro todo, sendo editada pelo próprio filósofo e distribuída aos amigos (Cf. Ibidem, p. 107).

² Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Röcken na Alemanha, em 15 de agosto de 1844, ficou órfão de pai aos 5 anos e viveu sob a tutela da mãe em rígidos princípios religiosos, já que os pais eram de uma tradicional família luterana. cursou Teologia na Universidade de Bonn e a pretensão da família era que fosse pastor, assim como fora o pai. Na Suíça, com apenas 24 anos, passou a ser professor de Filologia na Universidade de Basileia. Deixou o trabalho em 1879 por estar doente, passando a receber uma pensão. Viajou pela França, Suíça, Itália e não conseguiu casar-se com Lou Andreas Salomé, como almejava. Ficou recolhido nos últimos anos de vida, falecendo em Weimar, em 25 de agosto de 1900.

³ SILVA, Marinete Araújo da. *Nietzsche e a educação: da crítica à educação moderna a uma educação para a criação*. In: GOUVEA, G. et. al. (Org.). *Pesquisas em Educação*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 116-124.

⁴ A questão de *chegar a ser o que se é* será aprofundada no último capítulo da dissertação. Nesse momento, destacamos que a expressão não remete a uma essência no homem, mas refere-se à constante busca de si próprio. Silvia Pimenta Veloso Rocha comenta que alude a um processo imanente, “a vida é um percurso no qual alguém vai se tornando, não cessa de se tornar, quem é.” (Cf. ROCHA, 2006, p. 270).

Roberto Machado afirma que Zaratustra passa por um processo de aprendizado e ensinamento. Primeiramente, o personagem anuncia o super-homem para todos, depois a vontade de potência para alguns e, finalmente, o eterno retorno⁵ para si mesmo. O objetivo do seu aprendizado é tornar-se mestre do eterno retorno, ele vai abandonando a intenção de ensinar para outros, como ocorre na primeira e segunda parte do livro, e passa a ser mestre de si, movido por uma dinâmica afirmativa. Zaratustra desponta como um herói apolíneo⁶ e vai percorrendo um caminho que o levará a integrar o lado noturno, tenebroso⁷ da vida, tornando-se dionisíaco.⁸ Tal perspectiva indica que, desde o início, acontece um processo de aprendizado-ensinamento que vai se aprofundando no decorrer da obra. *Assim falou Zaratustra* seria a narração dramática do aprendizado trágico de Zaratustra.⁹

Frezzatti Júnior comenta que a *Erziehung* (educação) sempre foi a preocupação de Nietzsche e não a *Schulung* (instrução escolar), ou *Gelehrsamkeit* (erudição livresca). A educação tem um objetivo mais geral: é entendida como atividade inseparável da vida, portanto, não deve ser compreendida como habilidade técnica de resolução de problemas, já que é um processo contínuo de transformação, de superação da cultura vigente.¹⁰ Em *Assim falou Zaratustra*, como em outras obras da terceira etapa da filosofia nietzschiana, a educação será abordada numa perspectiva mais abrangente, visando o questionamento da forma ocidental de interpretar o mundo. O projeto educativo “não está mais na matriz conceitual da metafísica de Schopenhauer ou na

⁵ As expressões “super-homem”, “vontade de potência” e “eterno retorno” são fundamentais em *Assim falou Zaratustra*. Nesse momento da dissertação estão sendo apenas aludidas, mas posteriormente serão abordadas de modo mais preciso. Quando Roberto Machado se refere a esse decurso educativo de Zaratustra que começa com o anúncio do super-homem para todos, depois da vontade de potência para alguns e finalmente do eterno retorno para si, está concordando com Eugen Fink, que ao comentar os discursos de Zaratustra, sustenta que o personagem perpassa esses caminhos. (Cf. MACHADO, R. 1997, p. 110).

⁶ Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche estabelece a diferença entre o apolíneo e o dionisíaco. O apolíneo seria o princípio de individuação, um processo de criação que se realiza como uma experiência da medida e consciência de si. Os lemas de Apolo são “conhece-te a ti mesmo” e “nada em demasia”. O dionisíaco significa o abandono dos preceitos apolíneos da medida e da consciência de si. Em vez de medida, calma, tranquilidade, o que se manifesta é a desmesura. (Cf. MACHADO, R., 1995, Introdução, p. 7-8).

⁷ A menção ao aspecto tenebroso da vida refere-se ao que Nietzsche denominará como trágico. “Assumir a tragicidade da vida é ter a mais dura e terrível percepção desta, não encontrando nisso objeção contra o eterno retorno da vida.” (MACHADO, 1997, p. 152). Como vimos na interpretação de Roberto Machado, o trágico consiste em dizer um sim absoluto e irrestrito à vida com aquilo que ela traz de “terrível e de belo”.

⁸ Cf. MACHADO, Roberto. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 49.

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 28-29.

¹⁰ FREZZATTI JR., Wilson Antônio. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Rio Grande do Sul, Ed. Unijuí, 2006, p.186.

música de Wagner, mas propõe como parâmetro a luta dos impulsos por mais potência.”¹¹

Abordaremos no primeiro capítulo a exaltação do homem criador, como a perspectiva educacional presente na primeira parte de *Assim falou Zaratustra*. Dividiremos o capítulo em três seções. Na primeira pesquisaremos as razões que levaram Nietzsche a escolher a figura histórica do Zoroastro persa como inspiração para a construção do personagem de sua obra e também analisaremos a interpretação que este adquire no contexto do livro em estudo.

Na segunda seção, estudaremos a perspectiva educacional presente no prólogo do *Zaratustra*, na qual se concentram os temas da morte de Deus, do super-homem e da fidelidade à terra.¹² A partir desses conceitos poderemos perceber que o filósofo alemão propõe uma nova perspectiva diante da vida, pautada em interpretações imanentes. Tal abordagem mostra que a sua crítica não mais se remete à educação formal, como o filósofo fizera na primeira fase do seu pensamento.¹³ Tratam da crítica à cultura¹⁴

¹¹ Ibidem, p. 184-185. Observemos que, nas primeiras obras de Nietzsche, prevalecem a influência de Wagner e Schopenhauer, como ocorre em *O nascimento da tragédia* e o filósofo destaca este fato em *Ecce Homo*, O nascimento da tragédia, & 1.

¹² Indicamos em nota anterior (nota5) que algumas expressões serão explicitadas no decorrer dos capítulos da dissertação, assim como ocorrerá com “fidelidade à terra”.

¹³ Scarlett Marton é um dos comentadores que divide a obra nietzschiana em três fases: a primeira, na qual o pensamento de Nietzsche está influenciado por Wagner e Schopenhauer, é denominada “metafísica de artista.” A segunda é denominada “científica” ou “positivista”, quando o filósofo deixa de lado a exaltação da metafísica da arte, valorizando a “gaia ciência” e o último, após o *Zaratustra*, foi designado de “consolidação da obra” (Cf. MARTON, 1990). Salientamos que na fase denominada “metafísica de artista”, Nietzsche assumiu um posicionamento veementemente contrário a uma educação controladora, disfarçada como propulsora da cultura, mas que na realidade, mantinha os jovens, tanto do ensino nos ginásios como na universidade, à mercê dos interesses estatais, científicos e comerciais. Entre outras análises, o filósofo criticou a tendência à ampliação máxima da cultura e a tendência ao enfraquecimento desta. Quanto à ampliação, o objetivo da educação seria conduzir o máximo de pessoas à cultura, mas com a intenção de estarem a serviço das ambições estatais. O máximo de conhecimento e cultura geraria o máximo de produção de necessidades, assim, a utilidade seria o objetivo e fim da educação (Cf. NIETZSCHE, F. 2003, p. 61). Quanto à redução da cultura, Nietzsche aponta, por exemplo, para a cultura da especialização impulsionada pela ciência, como o trabalho do homem erudito, o especialista que se ocupará de tal modo com uma determinada área a ponto de se despreocupar com todas as outras (NIETZSCHE, F. op. cit., p. 64). Para um estudo detalhado dessa fase do pensamento de Nietzsche e também para obter detalhes sobre a vida do filósofo, indicamos a obra de Rosa Dias (*Nietzsche Educador*, Rio de Janeiro: Scipione, 1991).

¹⁴ Nietzsche define cultura como “a unidade de estilo artístico em todas as manifestações de um povo” (NIETZSCHE, 1932, p. 6). O filósofo com esta expressão indica “o envolvimento de todos os aspectos humanos” (FREZZATTI, 2006, p. 68). A cultura então deve conduzir o homem à constituição de um *estilo* que abarque a multiplicidade que envolve a vida de um povo numa expressão una, sem que haja a desagregação dos comportamentos. O filósofo acentua a importância de se criar um estilo próprio e específico de cada nação. Critica em vários momentos de sua obra, a Europa do seu tempo que, para ele, não era exemplo desta unidade de estilo, definindo-a como semibárbara, por viver uma mistura de estilos do passado e do presente (Cf. *Além de bem e do mal* & 224). Sendo assim, a unidade de estilo não oscila conforme as diversas mudanças sociais, é definida, impõe para si uma precisão própria e só pode ser conseguida por homens que ousam ir além de si mesmos. O filósofo contesta a educação do seu tempo, que visava imprimir nos indivíduos as virtudes do rebanho: “quem aspira e quer promover a cultura de

ocidental como um todo, ultrapassando assim, uma abordagem restrita aos limites da educação institucional.

A terceira seção concentrará a análise sobre a educação, a partir dos discursos de Zaratustra, considerando que nestes predomina a exaltação do homem criador. Assim, estudaremos como ocorre o ato criativo para Nietzsche. As questões que nortearão as reflexões desta seção serão: o que é criar? De onde provém a possibilidade de criação? Como a criação está associada a uma determinada perspectiva educacional? Veremos que permanece também *nos discursos*, a crítica à cultura do ocidente, sobretudo nos aspectos em que está influenciada pelo socratismo-platonismo e pelo cristianismo.

No segundo capítulo da dissertação, estudaremos como a concepção educacional em *Assim falou Zaratustra* indica uma perspectiva que conduz o homem à “afirmação da vida”, expressão que deve ser entendida como a luta constante por mais potência. Então, procuraremos esclarecer como a noção de vida que o filósofo sustenta pode estar associada a uma postura educativa. Desse modo, a partir dos capítulos da segunda parte da obra em estudo, analisaremos a proposta nietzschiana de uma educação que visa à criação permanente que deve ser entendida como aquela que estabelece novas formas de existência, como possibilidade de expansão das forças vitais.

Zaratustra, no início da segunda parte do livro, indica que a sua doutrina está em perigo e retoma os seus ensinamentos, se posicionando veementemente contrário às atitudes que empobrecem e definham a vida, como a dos “compassivos”, e “dos sacerdotes”. Nesses capítulos, estudaremos os ensinamentos de Zaratustra sobre a criação como tentativa de salvar a sua *doutrina em perigo*.

O capítulo central analisado nessa seção será *Da vitória sobre si mesmo*, no qual o filósofo trata explicitamente da vontade de potência como dinâmica propulsora da vida: “onde encontrei vida encontrei vontade de potência.”¹⁵ Uma educação para a vida seria uma “educação afirmativa”, que impulsiona o homem e a cultura para o devir vital, através da constante superação de si. Sustentando que a proposta educacional na terceira

um povo deve aspirar a promover esta unidade suprema e trabalhar conjuntamente na aniquilação deste modelo moderno de formação.” (NIETZSCHE, *Escritos sobre educação*, p. 43). A crítica se dirige contra um tipo de vida igualitário, que por força das ideias coletivistas, enfraquece o que é próprio tanto de uma nação, como dos homens particularmente. “O filósofo questiona a compreensão distorcida de cultura que domina na modernidade que, com a sua tendência à generalização, à abstração, à dependência do mercado onipotente, aniquila a singularidade de cada grupo, de cada nação, de cada povo.” (VIEIRA, 2011, p. 38).

¹⁵ Será no capítulo *Do superar a si mesmo* em *Assim falou Zaratustra*, que Nietzsche abordará de forma mais explícita o conceito de vontade de potência. Esta deve ser compreendida como autossuperação e apareceu pela primeira vez em *De mil e um fitos* e, naquele momento, caracterizava a vida nos povos, nos homens. Na parte final do livro, a expressão “vontade de potência” estará associada à própria vida (Cf. MACHADO, 1997, p. 100-101).

fase do pensamento nietzschiano ultrapassa a crítica às instituições educativas e abarca a cultura como um todo, procuramos demonstrar que a proposta do filósofo alemão é interpretar o mundo como intensa e constante expansão, como tendência à superação e, desse ponto de vista, consideramos possível detectar no livro uma perspectiva educativa.

Na terceira e última parte da dissertação analisamos se o processo de transformações pelo qual passa o personagem Zaratustra, conduz a uma perspectiva educativa, que indica ao homem o caminho da singularidade, a “tornar-se o que se é”. A terceira e quarta partes do livro nortearão a pesquisa: estudaremos, juntamente com outros capítulos, aqueles que são centrais, que são *Da visão e do enigma* e *O convalescente*, nos quais o filósofo alude, pela primeira vez, de forma explícita à doutrina do eterno retorno. Esse é outro conceito basilar da obra, que abordaremos como apoio a nosso objetivo de encontrar uma concepção educativa no *Zaratustra*. Assim, analisamos de que forma o personagem principal afirmou constantemente a sua singularidade.

Também observamos como se dá a relação de Zaratustra com os homens superiores. Cada um deles representa um estilo de vida, um aspecto revelador das bases que sustentam as atitudes dos homens e da cultura do ocidente. Eles atingiram até certo ponto a superação e, por isso, o personagem de Nietzsche os considera superiores. O diálogo de Zaratustra com esses homens é um diálogo com a modernidade e até com o nosso modo histórico de viver. Nietzsche aponta para a atitude superior desses homens que, pelo menos parcialmente, estão acima do homem comum, *do homem da praça do mercado*. Eles são, portanto, um caminho para uma diferenciada educação do ser humano e da cultura.

Veremos como a afirmação do *amor fati*¹⁶ pode conter uma perspectiva educativa, uma forma de redimensionar o homem diante da vida. Sendo a ultrapassagem de um modo milenar de pensar a existência, que prioriza apenas o aspecto compreendido como correto, verdadeiro, sem considerar seu reverso como algo factual, que está integrado à existência.

Nesse último capítulo, abordamos o *Zaratustra* a partir de sua obra de 1888, *Ecce Homo*, a qual Nietzsche a considera como *um presente para a humanidade*. O

¹⁶ O termo *amor fati* será desenvolvido de modo mais detalhado no capítulo terceiro desta dissertação. Previamente podemos afirmar que significa *amor ao destino*, isto é, dizer sim aos aspectos da vida tanto positivos quanto negativos.

filósofo faz uma análise afirmativa sobre o livro e, por isso, ele será importante instrumento de pesquisa para estabelecermos se o protagonista da obra em estudo tornou-se um homem singular, a ponto de indicar para os demais homens a possibilidade de tornarem “aquilo que se é”. Analisaremos em seguida algumas proposições com as quais delinearemos, em linhas gerais, algumas propostas de uma educação não formal que emergem da perspectiva estudada no *Zarathustra*, visando evidenciar como estas vislumbram uma educação que visa o desenvolvimento das forças corporais do agir humano.

O itinerário acima citado norteará a pesquisa e terá como sustentação a crítica a uma concepção ultraterrena do mundo, o que distanciou o ser humano de si mesmo e da terra, impedindo o surgimento de homens verdadeiramente singulares para que através deles a cultura fosse elevada. Para isso, estudamos como Nietzsche aponta um caminho que conduz à superação. Nesse contexto interpretativo, a educação extrapola o âmbito institucional e aponta para a complexa realidade da criação. Será abordada a concepção de vida como constante devir, como expansão e não manutenção da existência, o que pode incitar a posturas educacionais que impulsionam à plena afirmação de si mesmo e da vida. Finalmente, analisaremos o processo de educação de si mesmo, como uma forma de encontrar o que é mais genuíno em cada ser humano.

Após a apresentação do percurso supracitado, que tomamos como base para abordarmos a perspectiva nietzschiana que prioriza uma educação para a singularidade, descrevemos abaixo algumas das obras e artigos que nortearão a pesquisa. A bibliografia primária utilizada será: *Assim falou Zarathustra*, *Escritos sobre educação*, *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, *Considerações intempestivas*, *Ecce homo*, *A gaia ciência* e *Fragmentos póstumos*. A bibliografia secundária utilizada será: Gilles Deleuze, *Nietzsche e a filosofia*; Michel Foucault, *Microfísica do poder*; Eugen Fink, *A filosofia de Nietzsche*; Roberto Machado, *Zarathustra, tragédia nietzschiana* e *Nietzsche e a verdade*; Miguel Angel de Barrenechea, *Nietzsche e o corpo* e *Nietzsche e a liberdade*; Wilson Antônio Frezzatti Júnior, *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*; José de Amorim de Oliveira Júnior, *Super-homem e superação: uma abordagem política*; Maria Cristina Amorim Vieira, *O desafio da grande saúde em Nietzsche* e Samantha Aparecida Moura Martins Vieira, *A perspectiva nietzschiana sobre a criação de valores na educação*. Ainda serão estudados os artigos: *O questionamento radical da pedagogia moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação fundamental* e *Nietzsche, memória e esquecimento e a alegria da*

superfície de Miguel Angel de Barrenechea; Angela Maria Souza Martins: *Nietzsche e a mudança de valores na educação*; Marinete Araújo da Silva, *Nietzsche e a educação: da crítica à educação moderna a uma educação para a criação* e Silvia Pimenta Velloso Rocha, *Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*.

CAPÍTULO I

A EXALTAÇÃO DO HOMEM CRIADOR

1.1 Sobre o *Zaratustra*

No período em que estudou a filologia indo-germânica, Nietzsche teve oportunidade de adquirir conhecimento sobre a língua e o pensamento ético-religioso das tradições dos povos, onde hoje é o Irã. Na época, os alemães estavam fascinados com a aparente proximidade com os aspectos de sua própria língua e cultura com aquela do Irã. Além do exotismo, a antiguidade das civilizações desse país fora amplamente pesquisada pelos germânicos¹⁷ A partir da influência desses estudos, possivelmente, o filósofo escolheu o Zoroastro persa como figura central da obra *Assim falou Zaratustra*.

O nome Zoroastro-Zaratustra foi inspirado em um antigo profeta persa que vivera no século VII a.C., oriundo da Bactriana. O profeta considerava que o princípio da vida (*Ahura Mazda*) se encontrava em luta com o princípio negativo (*Ahriman*), ou que o bem e o mal eram espíritos derivados de *Ahura Mazda*.¹⁸ O mazdeísmo e o zurvanismo são as duas correntes que se intitulavam portadoras do pensamento de Zoroastro. A primeira é dualista e alude a dois princípios em constante luta: o polo negativo e destruidor (*Angra Mainyu*) e o criador e renovador (*Spenta Mainyu*). No segundo, para o qual o ciclo e a temporalidade são ideias centrais, Zurvan é a figura divina do tempo infinito; antecede aos princípios do bem (*Ohrmazd*, ou *Ormuz*) e do mal (*Ahriman*).¹⁹ Vale observar que ambos os princípios apontam para a luta entre o bem e o mal, aspecto que será central para que Nietzsche escolha como homônimo do protagonista de sua obra principal, o Zoroastro iraniano. A luta entre o bem e o mal, no zoroastrismo, move o mundo, a ascese do iniciado nos rituais religiosos permitia a ele identificar-se com o princípio bom que o conduzia ao fortalecimento das forças vitais, sendo o mal considerado a diminuição dessas forças.²⁰

Nietzsche apresenta diversas razões pela escolha do Zoroastro iraniano como inspiração para o seu livro. O profeta persa teria sido o primeiro a ter visto na luta entre

¹⁷ Cf. FERNANDES, EDRISI DE ARAÚJO. *As origens históricas do Zaratustra nietzschiano: o espelho de Zaratustra, a correção do “mais fatal dos erros” e a superação da “morte de Deus”*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003, p. 2.

¹⁸ Cf. CRAGNOLINI, Monica B. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, Rosa, VANDERLEI, Sabina, BARROS, Tiago (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.p. 24-25.

¹⁹ Cf. FERNANDES, E. A., op. cit., p. 25.

²⁰ Cf. *Ibidem*.

bem e mal a essência das coisas, traduzindo a moral em linguagem metafísica. O Zaratustra iraniano fundou a moral, a concepção que separa o bem e o mal, sendo o primeiro a estabelecer uma visão dualista do mundo. O Zaratustra nietzschiano, porém, propõe-se a ser o seu oposto, afirmando a vida de forma plena, tanto no que ela traz de tenebroso, como o que traz de belo. Vai além das dicotomias morais e indica ao homem a necessidade de criar para si o seu bem e mal. Zaratustra considera a afirmação da realidade como virtude suprema, ao contrário da “covardia idealista” que foge do mundo real, acreditando em utopias e ficções.

Após essa análise geral sobre as características do Zaratustra persa e a razão de Nietzsche ter escolhido esse personagem como protagonista do livro em estudo, nos deteremos nas explicações do próprio filósofo para justificar a importância de *Assim falou Zaratustra*:

Entre meus escritos, Zaratustra ocupa um lugar à parte. Com ele outorguei à humanidade o maior presente que até agora recebeu. Este livro é dotado de uma voz que atravessa milênios, não apenas o livro mais elevado que existe, o autêntico livro do ar das alturas – todo o feito “homem” se encontra a enorme distância abaixo dele – é também o mais profundo, nascido da riqueza mais secreta da verdade, um poço inesgotável em que nenhum recipiente desce sem voltar repleto de ouro e de bondade.²¹

Nietzsche considera a sua obra *Assim falou Zaratustra* como uma dádiva para a humanidade, não uma dádiva qualquer, mas a maior que ela recebeu. O filósofo também afirma que *Zaratustra* é um “livro edificante”, um “livro sagrado”, um “livro da independência e da superação.”²² Em uma carta de junho de 1888, enviada a Karl Knortz, Nietzsche afirma que ela talvez fosse a obra mais profunda existente em língua alemã, e também a mais perfeita quanto ao idioma.²³

Em *Ecce Homo*, filósofo afiança que “talvez se pudesse classificar todo o Zaratustra como música.”²⁴ Machado interpreta que Nietzsche, quando relaciona a palavra com a música, remete a um tema de *O nascimento da tragédia*, quando o filósofo alemão repensa a poesia lírica. Apresentando a palavra e a música como seu componente apolíneo e dionisíaco, salienta o comentador que, nesta relação, a música prevalece.²⁵ A palavra, nesse caso, estaria também se referindo a uma nova estratégia de

²¹ NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que se é*. Tradução de Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2006, prólogo & 4.

²² Cf. *Ibidem*.

²³ KGB, 9/340.

²⁴ NIETZSCHE, F. *op. cit.*, *Assim falou Zaratustra*, & 1.

²⁵ Cf. MACHADO, R. 1997, p. 24-25.

expressão filosófica, o *Zaratustra* é arte e não uma prosa racional, metódica. “Toda verbalização é vergonhosa, as palavras despersonalizam, tornam o incomum comum”, afirma o filósofo em um fragmento póstumo.²⁶

A aproximação que Nietzsche faz entre *Zaratustra* e a música remete a uma perspectiva educativa, pois a educação demasiadamente formal impressa na cultura, baseada na tendência da palavra de tornar *o incomum comum*, impõe à vida um peso que não lhe é inerente. A música apontaria para outro horizonte, representaria a leveza, a ausência de um ordenamento limitador da vida, retoma a normalidade ao que é comum. Como expressão da arte, ela transformaria o homem naquilo que deve ser, isto é, um afirmador da vida. “Nietzsche sempre acreditou no caráter transformador da música e *Zaratustra* aponta para isso.”²⁷

Na obra em análise, a escrita deveria atingir a perfeição musical²⁸, diferindo do que ocorre com a maior parte das obras filosóficas. O autor considera o livro como a culminância de sua filosofia, a sua redação ocorrera em estado de espírito e sentimento afirmativo por excelência.²⁹ Também atesta o seu valor, um texto que Nietzsche redigiu em maio de 1883. Referindo-se à primeira parte do *Zaratustra*, ele escreve: “Tudo o que pensei, sofri e esperei encontra-se ali e de um modo tal que agora parece que a minha vida encontrou uma justificativa.”³⁰ Essas observações indicam a importância que o filósofo atribui àquela que ele considera como a sua principal obra. É em *Assim falou Zaratustra* que encontramos o que o filósofo denomina como o aspecto *mais afirmativo* da sua filosofia.

1.2 A perspectiva educacional presente no prólogo de *Assim falou Zaratustra*

Antes de nos determos na análise a partir do prólogo, é necessário que especifiquemos o sentido do termo “singularidade”, fundamental no estudo sobre a perspectiva educacional no *Zaratustra*, pois consideramos esta um aspecto central de toda a filosofia educacional de Nietzsche. Desde as suas primeiras obras, o filósofo acentua a importância da busca daquilo que é mais próprio em cada homem. Ele

²⁶ NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos*, outubro de 1887, 10 [60].

²⁷ Cf. MACHADO, R. 1997, p. 26.

²⁸ Cf. *ibidem*, p. 77.

²⁹ Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*, loc. cit.

³⁰ SLOTERDIJK, Peter. *O quinto Evangelho de Nietzsche: é possível melhorar a boa nova?* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2004, p. 40.

estabelece severas críticas ao estilo de vida gregário do mundo ocidental que molda os comportamentos, segundo as convicções da maioria. Em *Schopenhauer educador*, convoca o ser humano: “se tu mesmo”, isto indica que deve-se recusar fazer parte da massa, e evitar permanecer “nos grilhões da opinião corrente...”³¹. O filósofo já estabelece a tensão entre a singularidade, ou seja, o decurso para *ser o que se é* e o rebanho, isto é, o comportamento controlado pela opinião dominante; o homem é quem deve direcionar, impulsionar a própria vida: “temos de assumir perante nós mesmos a responsabilidade de nossa existência.”³² Nietzsche denuncia a concepção de que todos devem ser tratados como iguais, o que impede que a característica específica de cada um seja evidenciada como primordial na ação educativa.

O filósofo critica as escolas de sua época que fortaleciam através da educação o comportamento gregário, “nesse tipo de educação, [há] uma tendência niveladora, igualitária, que tenta abolir as diferenças e características singulares de cada um que quer tornar todos os cidadãos iguais por decreto.”³³ Para Nietzsche, a educação deveria visar, em primeira instância, possibilitar o encontro com o que é próprio, não com condutas que são de domínio da maioria. Conforme comenta Miguel Angel de Barrenechea, o termo “próprio” provém do alemão *Meinung* e “significa o que é meu e de mais ninguém.”³⁴ Na perspectiva nietzschiana, então, só faz sentido o ato de educar se possibilitar ao homem o estabelecimento daquilo que é mais genuíno em si mesmo. O filósofo afirma que o homem é “um milagre único”³⁵, ou seja, ele é insubstituível, é naturalmente composto de elementos exclusivamente seus. Embora façamos parte do gênero humano, nunca houve nem haverá ninguém semelhante, muito menos igual. Desse modo, a educação deveria existir para dar resposta, sobretudo para os aspectos singulares nos homens. “Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que necessitas atravessar, sozinho, para ultrapassar o rio da vida – ninguém a não ser tu.”³⁶ Essa concepção de singularidade percorre a obra em estudo e na nossa interpretação é o fio condutor da perspectiva educativa no *Zaratustra*.

³¹ NIETZSCHE, F. *Schopenhauer educador*, Coleção Grandes obras do pensamento ocidental. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza, Ed. Escala, São Paulo, 2008, p. 16.

³² *Ibidem*, p. 17.

³³ BARRENECHEA, Miguel Angel de, *O questionamento radical da pedagogia moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação fundamental*. In: GOUVEA, G. et. al. (Org.). Pesquisas em Educação. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 127

³⁴ *Ibidem*, p. 133.

³⁵ NIETZSCHE, F. 2008, loc.cit.

³⁶ *Ibidem*, p. 18.

Após nos atermos à análise do sentido do termo “singularidade”, que podemos compreender como sinônimos de: “ser tu mesmo”, “si próprio”, “único”, “idêntico a si mesmo”, os quais, conforme Jorge Larrosa, aparecem em diversos momentos da obra nietzschiana, sendo similares à expressão *tornar-se o que se é*³⁷, nos empenharemos no estudo sobre o *Zaratustra* e sustentamos que, desde o início do livro, Nietzsche apresenta uma determinada perspectiva educacional que tem como objetivo a afirmação daquilo que é mais “genuíno” no homem. Iniciaremos o esclarecimento desse caminho educativo, analisando o prólogo, no qual as ideias da morte de Deus, do super-homem e da fidelidade à terra prevalecem.

Nietzsche inicia o livro narrando a descida de Zaratustra da montanha. Ali ele ficara por 10 anos ininterruptos, na solidão, porém, não fora uma solidão estéril, pois o personagem do livro se sente vigoroso: “Gozou ali [...] de seu próprio espírito e da solidão, sem se cansar.”³⁸ Por esse motivo Zaratustra faz um discurso de agradecimento ao sol: “é preciso que eu baixe às profundezas, como fazes tu à noite, quando desapareces atrás do mar, levando ainda luz ao mundo ífero, ó astro opulento.”³⁹ Zaratustra anuncia que aquela sabedoria adquirida no tempo que ficara na montanha precisava ser doada, assim como o sol tem necessidade de emitir a sua luz. A luz solar só tem sentido porque este [o sol] teve alguém para iluminar. Assim como o sol, Zaratustra precisa voltar entre os homens para transmitir o seu excesso, pois declinar entre os homens⁴⁰ se torna necessário. Qual a função desse declínio? Zaratustra afirma: “Aborreci-me de minha sabedoria, como a abelha do mel que ajuntou em excesso; preciso de mãos que para mim se estendam.”⁴¹ Após esses 10 anos alimentando-se de sua solidão e sabedoria sentia necessidade de transmiti-la.⁴² Sentia-se pleno e, como o sol, intencionava emitir a sua luz para os demais: “Não é a miséria do ser humano, as carências do semelhante ou a penúria alheia que o incitam; é a riqueza, a exuberância, e até mesmo o absurdo esbanjamento.”⁴³ O excesso, e não a falta, é o que move Zaratustra em direção aos homens. Na sua solidão ele conseguira atingir o aumento de suas forças, isto é, chegou à afirmação de si e da vida, a ponto de sentir a extrema necessidade de doar o que “aprendera-vivera”.

³⁷ Cf. LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*, Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 42.

³⁸ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Mario da Silva. 18ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 33.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*, p. 33.

⁴² Cf. *Ibidem*.

⁴³ MARTON, S. *Silêncio, Solidão*. Cadernos Nietzsche 9, p. 79-105, 2000, p. 81.

A argumentação defendida acima sugere que há neste texto uma indicação educativa significativa. O personagem atingiu a plenitude, mas não guardou a sua sabedoria para si, sentiu o impulso de levar o seu aprendizado para os demais homens. Como apontamos acima, ele *gozou de seu espírito e de sua solidão sem se cansar*, porém, chegou o momento de anunciar aos demais o saber que gestou. Qual foi o aprendizado de Zaratustra? Nesse momento da obra, ainda não é possível desvendar qual seria este *gozo do seu espírito*, mas os anúncios da morte de Deus e do super-homem, que analisaremos posteriormente, apontam o caminho.

O texto narra o encontro de Zaratustra com um ancião e este é outro importante indicativo de que há uma perspectiva educacional presente no prólogo dessa obra:

Não me é desconhecido, este viajante; passou por aqui há muitos anos. Chamava-se Zaratustra; mas está mudado.
Naquele tempo, levavas a tua cinza para o monte; queres hoje, trazer o fogo para o vale?
Não receias as penas contra os incendiários?
Sim, reconheço Zaratustra. Puro é seu olhar e não há em sua boca nenhum laivo de náusea. Não será por isso que caminha como um dançarino?
Mudado está Zaratustra; tornou-se uma criança, Zaratustra despertou Zaratustra; que pretendes, agora, entre os que dormem?⁴⁴

O ancião é a imagem do eremita, mas que vive uma solidão frustrada por ter se decepcionado com a vida entre os homens; sua existência transcorre em um constante louvor a Deus e de total descrença em relação à humanidade. Conforme Machado, ele é o solitário que se isola, se evade da história, se recolhe na floresta e ao ermo porque o homem é imperfeito, o seu amor é direcionado a Deus e não aos homens, a solidão de Zaratustra, porém, não dispensa os homens.⁴⁵ O aspecto educativo desse encontro está na postura de ambos em relação à humanidade, o eremita se distanciou dos homens, não acredita mais neles. Representa o indivíduo moderno que nega a vida, simboliza os que perderam as esperanças nos seus contemporâneos, por isso prefere manter-se só. Zaratustra confia que os homens sejam capazes de acolher a mensagem que ele traz. É alguém afirmativo que desce vigoroso da montanha e pelo menos neste momento da obra pretende que os seus contemporâneos recebam o anúncio de sua mensagem - o super-homem.

O eremita fica admirado com o vigor de Zaratustra. Após 10 anos, seria provável que um homem de 40 anos estivesse debilitado, tivesse fraquejado em relação ao seu estado decadente anterior, quando eles haviam se encontrado. Diferentemente,

⁴⁴ NIETZSCHE, F. 2010, p. 34.

⁴⁵ Cf. MACHADO, R. 1997, p. 44.

Zaratustra estava mais jovem, havia reconquistado a sua força, o seu contato com a solidão o tornou mais saudável que antes. Na descrição do estado em que se encontrava Zaratustra, quando subira a montanha, carregando suas cinzas, podemos inferir quão debilitado ele estava naquele momento.

Depois dos anos de solidão, volta como um incendiário, pretendendo levar o seu fogo para os vales. Ele não caminhava pesadamente, mas como um dançarino. Tais fatos indicam que ele trazia uma “boa nova”⁴⁶ para os homens. A leveza, a luz, a atitude dançarina de Zaratustra indica uma oposição ao estilo de vida pesado, cansado e tenso do eremita. Zaratustra aponta para a necessidade de uma vida leve, potencializada, apesar das contradições da existência. O velho representa uma visão de mundo pautada ainda em velhos valores, ele não é capaz de criar o seu próprio modo de viver, tanto que a oração, que provavelmente aprendera no meio dos homens, é o que ainda lhe traz alegria. Zaratustra, embora não empregue o termo educação, indica um novo caminho educativo para os homens. Qual é este caminho? Entendemos que não se trata de educação formal, mas da proposta de um novo estilo de vida, pautado em perspectivas que brotam da força que é corporal. Nietzsche estabelece a superação como norte e para que seja possível, é necessário ultrapassar formas de vida decadentes e, a partir de si mesmo, impor posturas novas de existência. A sua educação é solitária e singular, tende sempre a um genuíno embate consigo, visando o auge da perspectiva educacional nietzschiana que é “tornar-se o que se é”.

A postura de Zaratustra em relação aos seres humanos é de profunda positividade: “trago aos homens um presente.”⁴⁷ Essa atitude é diferente daquela pessimista do ancião: “coisa por demais imperfeita é, para mim, o ser humano. O amor aos homens me mataria.” Ele discorda de Zaratustra por este último pretender voltar para o meio da multidão, pois ela não merece nenhum ensinamento. O velho desistiu dos homens, mas continua apegado ao seu Deus, este é o conforto que ainda o mantém vivo: “Faço canções e as canto; e, quando faço canções, rio, choro e falo de mim para mim: assim louvo a Deus.”⁴⁸ Zaratustra, porém, se admira da ignorância do eremita sobre a *morte de Deus*.⁴⁹

⁴⁶ Peter Sloterdijk destaca o *Zaratustra* sobre a perspectiva de “boa nova”, de um anúncio diverso daquele dos evangelhos que afirmou a existência ultraterrena, o ensinamento de Nietzsche privilegia a pregação da terra, do mundo, da vida, é uma inversão do além em favor da terra (SLOTERDIJK, 2004).

⁴⁷ NIETZSCHE, F. 2010, p. 35.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Cf. Ibidem.

O tema da *morte de Deus* é anunciado por Nietzsche pela primeira vez no aforismo 125 de *A gaia ciência*, intitulado *O insensato*, no qual o filósofo afirma: “Onde está Deus? [...] Nós o matamos, vocês e eu! Nós todos somos seus assassinos! [...] Aquilo que o mundo possuía até então de mais sagrado e mais poderoso perdeu seu sangue sob nossas facas [...]”⁵⁰ Para o filósofo, foi o homem moderno quem matou Deus – isso ocorreu quando a fé nos valores sobrenaturais perdeu o seu significado na vida do homem ocidental. O anúncio da morte de Deus alude à morte de todo o idealismo⁵¹, de toda a compreensão de mundo que desloca o homem da realidade, colocando o sentido da sua existência para o além, dissociando-o da terra.⁵² De que modo a morte de Deus pode estar relacionada a um determinado ensinamento? Não podemos afirmar que Nietzsche faz esta associação de forma explícita, mas assegurar que Deus morreu é defender que o homem finalmente pode viver, “pode deixar de criar algo superior a si mesmo.”⁵³ A crença em Deus levou o homem ocidental a acreditar em uma essência, em uma natureza humana associada à divina. Durante séculos, o ideal de ser humano esteve sujeito a concepções de perfeição inatingíveis, pois teria que se aproximar o máximo possível da divindade, sofrendo a nostalgia de não conseguir alcançar esse “elevado” patamar.⁵⁴

Qual seria a visão de homem que se poderia sustentar no contexto acima citado? Seria aproximar-se cada vez mais de um ideal de perfeição, de uma essência, porém, “para Nietzsche não há substância ou essência fixa no homem, mas sim forças em constante transformação. Para o autor, ao estar no mundo, no devir, o homem se modifica a todo o momento em seu contato com os outros e com o mundo.”⁵⁵ Sustentamos que se pode relacionar a questão da morte de Deus com uma interpretação

⁵⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, São Paulo: Ed. Escala, 2008, & 125.

⁵¹ Para Fink, a morte de Deus é a ideia condutora da primeira parte da obra *Assim falou Zaratustra*. O idealismo moral, metafísico, religioso aparece como o grande erro do humano; para o comentador a loucura do milênio é a interpretação idealista do homem e do mundo (Cf. FINK, E. 1983, p. 79). O idealismo remete às concepções filosóficas e religiosas que inverteram a interpretação da existência – o além mundo – tomou o lugar da realidade, da terra, como fonte interpretativa da vida.

⁵² O sentido do termo terra pode ser interpretado como: “A valorização da terra é o corolário da crítica da crença em ultramundos, em supostos mundos do além. A proposta de fidelidade à terra exige a afirmação da vida em todas as suas manifestações, abdicando das fantasias escatológicas, da fuga para supostos mundos ideais” (BARRENECHEA, 2009, p.10 - nota de rodapé).

⁵³ Cf. NIETZSCHE, F.2010, p. 36.

⁵⁴ Fink faz uma comparação entre a nostalgia nietzschiana e a agostiniana. Para o pensador de Hipona, o alvo de sua nostalgia é Deus, ele está acima do mundo criado, visível, por isso, o crente não encontra satisfação na finitude, pois, é o Deus infinito a resposta ao seu coração. Para Nietzsche, segundo o comentador, a *Grande Nostalgia* é o homem se manter no espaço e no tempo, é sua abertura para o mundo (FINK, E. 1983, p. 111).

⁵⁵ SILVA, M. A. da. 2006, p. 121.

educativa em Nietzsche, porque para que haja a autossuperação⁵⁶, é necessário que se admita a morte de uma fundamentação para a realidade baseada em forças superiores. Tais forças, sendo alheias à vida, ao mundo, impedem ao homem passar por uma transposição. Vale observar que no *Zarathustra*, a morte de Deus é enunciada antes do anúncio do super-homem. Nietzsche sustenta que a ideia de Deus precisou definhar para que o percurso que o conduz ao super-homem esteja finalmente aberto. O homem estivera atrelado a uma compreensão da vida que não lhe possibilitara a superação. O mérito que deveria ser creditado a ele, na sua relação com o mundo, fora transferido para forças transcendentais e houve uma relação tímida e não vital consigo, minando a sua própria possibilidade de criar sentido para a vida a partir de si mesmo. Por isso, para que o homem vivesse, foi necessário que Deus morresse.

O tema da morte de Deus está ligado à questão da educação, na medida em que abre espaço para novas possibilidades ao ser humano. Não é mais a divindade que o deve conduzir, ele próprio torna-se quem se autodesigna. A consequência concreta dessa postura está no fato de se abrir a chance de dar sentido ao mundo a partir do que lhe é peculiar, não a partir das verdades metafísico-religiosas. Durante toda a sua obra, Nietzsche estabelece críticas a uma visão transcendente da realidade, o homem ocidental teve sua conduta formada a partir de concepções que negam o ser humano para afirmar a divindade. Quando ele acena para a morte de Deus, está revertendo essa lógica, pois credita ao homem a capacidade de determinar-se.

A última postura citada tende a imprimir uma concepção de educação que aponta para a visão de que o homem e a realidade contêm uma essência, impondo aos sistemas formais de educação uma perspectiva nessa direção. Educar seria buscar a substância, a base, o fundamento das coisas. Nietzsche declara que essa postura se deve à influência da ideia de Deus. Mas, uma vez que essa definhou, as possibilidades humanas emergem, podendo a cultura ser influenciada por um panorama que parte do homem, do mundo, como fonte interpretativa. Após a morte de Deus, podem-se tomar duas posturas básicas: se tornar pessimista, negando a existência, uma vez que não há mais uma razão transcendente para viver; ou, inversamente, tomar uma atitude positiva, dizer um sim à vida e conduzi-la afirmativamente. Nietzsche sustenta a necessária

⁵⁶ Para José Amorim de Oliveira Júnior, a autossuperação significa intensificação “possivelmente das forças e impulsos vitais, a intensificação da vida, pois a vida é o referencial para se autossuperar; ou seja, quanto mais pleno de vida um indivíduo se torna, mais se autossupera.” (OLIVEIRA JR., 2004, p. 71).

ruptura com a crença na divindade para que se possa estabelecer a busca *daquilo que se é*.

Retomando o diálogo de Zaratustra com o ancião, observamos que, após conversarem, os dois saem sorrindo como crianças.⁵⁷ Talvez Nietzsche quisesse demonstrar que o sorriso de ambos era uma forma de afirmar as suas convicções. Para o eremita os homens não valem a pena, ele diz: “não vás para junto dos homens! Fica na floresta!”⁵⁸ Já para Zaratustra, eles podem aprender um novo ensinamento, neles é depositada confiança. O eremita não mais dialoga com os homens, fugiu deles para viver solitário e conversa apenas com Deus. Segundo Eugen Fink, “ele não tem doutrina, não se dirige aos homens; a sua existência de eremita transcende a condição do homem vulgar e aproxima-se de Deus, fala com Deus; o seu diálogo essencial é a oração [...]”⁵⁹ Ainda segundo Fink, o eremita ultrapassa a condição do homem vulgar, mas não dera o passo para superar a ideia de Deus. Zaratustra, porém, é um eremita que não tem diálogo com o transcendente e ao falar aos homens, invoca a suprema possibilidade humana que é a doutrina do super-homem.⁶⁰ O personagem de Nietzsche acentua explicitamente que pretende trazer um ensino cujo conteúdo principal é o anúncio da superação.

Zaratustra chega à praça do mercado e encontra uma multidão a quem anuncia o super-homem: “Eu vos ensino o super-homem”. O homem é algo que deve ser superado.”⁶¹ Para José Nicolao Julião, “o ensinamento da superação (*Überwindung*) constitui o principal tema abordado por Nietzsche em seu *Assim falou Zaratustra* [...]. O conceito de superação [...] é o *leitmotiv* da obra.”⁶² O ensinamento da superação para o comentador perpassa o *Zaratustra* e impulsiona a ação dramática do personagem para *tornar-se o que se é*.⁶³ Esse caminho da superação atravessa necessariamente pela transposição de uma visão transcendente da realidade que a ideia de Deus comporta.

Para Nietzsche, a praça do mercado simboliza o lugar dos comportamentos similares, ali se estabelecem posturas diante da vida, de acordo com a regra geral, onde é reduzida a possibilidade de surgir indivíduos que possam tornar-se uma exceção. Nesse lugar, onde se prima por formas de vida uniformizadas, o espaço para a criação, para

⁵⁷ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 35.

⁵⁸ Ibidem, p. 17.

⁵⁹ FINK, E. *A Filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1983, p. 72.

⁶⁰ Cf. Ibidem.

⁶¹ NIETZSCHE, F. op. cit., p. 17.

⁶² JULIÃO, José Nicolao. *Para Ler o Zaratustra de Nietzsche*, Barueri, SP: Filosofia em pílulas. 1ª edição, Ed. Manole, 2012, p. 79.

⁶³ Cf. Ibidem.

novas formas de pensar e agir, é minimizado. Portanto, será para estas pessoas da praça do mercado que Zaratustra anunciará o seu ensinamento sobre o super-homem. Nesse momento ele acredita que a multidão poderá assimilar a novidade que traz. O filósofo estabelece a tensão entre o *rebanho*, que se afirma através da vida em comum, e a *singularidade*, a afirmação pela solidão, pelo encontro consigo e a partir de si mesmo. É um indicativo de que para Nietzsche as atitudes gregárias – que visam se ancorar na coletividade para manter a vida – são enfraquecedoras da potência humana, impedem que se vislumbre a força específica de cada um e coíbem que se atinja o estágio máximo da educação nietzschiana, que é afirmar o que é próprio.

O conceito de *Übermensch*⁶⁴ não deve ser entendido como alusão a um super-herói, ou algo superior ao homem, um ser humano superpoderoso, mas como um caminho para a autossuperação. É um esforço constante para irmos além de nós mesmos, para nos superarmos sempre, para seguirmos o decurso da criação de diversificadas formas de vida. “O super-homem é superação, ultrapassagem. De quê? Do homem tal como ele foi; do homem do passado e da sua crença em Deus.”⁶⁵ Sobre isso Nietzsche afirma:

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem. Uma corda sobre um abismo [...]. O que é grande no homem, é ser ponte, e não meta. O que se pode amar no homem, é ser uma transição e um ocaso. Amo aos que não sabem viver senão no ocaso, porque estão a caminho do outro lado.⁶⁶

O que Nietzsche considera grande no homem é este ser uma passagem para o super-homem. Essa perspectiva de buscar a superação é essencial nessa análise da concepção educacional em *Assim falou Zaratustra*, pois será através de inúmeras transformações que o protagonista da obra em análise chegará à singularidade. “O princípio de superação funciona como um ensinamento que educa o indivíduo como chegar a ser o que se é, superando em si tudo o que há de *humano, demasiadamente humano*.”⁶⁷ Os verdadeiros criadores somente surgirão a partir do redimensionamento da cultura, da superação de uma visão de mundo, pautada em velhos valores. A concepção de super-homem leva a um modo afirmativo de pensar a humanidade. Para

⁶⁴ Roberto Machado comenta que super-homem é a melhor tradução para *Übermensch*, e entre as razões que expõe para essa fundamentação, defende que “é importante manter a correspondência entre “super-homem... “super-herói”... “super-espécie”... “superar” “autossuperação” ... para indicar mais claramente que o sentido de “super homem” é dado pelo processo de autossuperação” (MACHADO, 1997, p. 45).

⁶⁵ MACHADO, R. 1997, p. 46.

⁶⁶ NIETZSCHE, F. 2010, p. 38.

⁶⁷ Cf. JULIÃO, J. N. 2012, p. 82.

Gilles Deleuze, “o super-homem define-se por uma nova maneira de sentir [...] um tipo diferente do tipo humano [...]. Uma nova maneira de pensar [...]. Uma mudança e uma inversão no elemento da qual deriva o valor dos valores, uma ‘transvaloração’.”⁶⁸ A proposta é a de apontar para algo totalmente novo, diverso, uma nova estruturação da vida e da cultura ocidental, sustentada em parâmetros estabelecidos pelo próprio homem, que após a morte de Deus, pode redimensionar o seu lugar no mundo.

Para Pierre Héber-Suffrin Zaratustra “é apresentado como o anunciador de uma completa transformação cultural, o profeta de uma nova civilização, nem grega, nem cristã, radicalmente nova.”⁶⁹ Nietzsche sustenta que encontrar homens dispostos a assumirem e a viverem na perspectiva do super-homem pode contribuir para que ocorra o surgimento de uma cultura superior. Para Julião o anúncio do super-homem estaria relacionado ao projeto educativo de elevação da humanidade presente na primeira fase da filosofia nietzschiana. Quanto a essa questão, afirma:

[...] para que Nietzsche efetive o seu antigo projeto pedagógico de constituição do tipo mais elevado, que em AFZ, ele expressou com o conceito de super-homem (*Übermensch*) será necessária a superação do homem moderno, produto de uma cultura decadente. Mas o desafio de tal tarefa implica antes a superação da metafísica.⁷⁰

O personagem nietzschiano anuncia, posteriormente ao episódio da praça do mercado, o super-homem como o sentido da terra: “Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Fazei vossa vontade dizer: que o super-homem seja o sentido da terra.”⁷¹ O sentido da terra remete à afirmação do mundo, da realidade; o filósofo exorta que não se deve acreditar “nos envenenadores que falam de esperanças supraterras.”⁷² Notemos que Nietzsche pretende reverter uma visão de mundo que privilegiou historicamente uma interpretação metafísica da realidade, que ocasionou o desprezo pelo mundo, mas na visão do autor, o super-homem é o mar, capaz de limpar o rio poluído por uma visão pessimista do corpo:

Outrora a alma olhava desdenhosamente o corpo; e esse desdém era o que havia de mais elevado; queria o magro, horrível, faminto. Pensava, assim, escapar-se dele e da terra.
Oh, essa alma era, ela mesma, ainda magra, horrível e faminta; e a crueldade era a vossa volúpia!

⁶⁸ Cf. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1976, p.76.

⁶⁹ SUFFRIN, Pierre. H. *O “Zaratustra” de Nietzsche*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 141.

⁷⁰ Cf. JULIÃO, J. N. 2012, op. cit. p. 82-83.

⁷¹ NIETZSCHE, F. 2010, p. 36.

⁷² Cf. *Ibidem*.

Mas também ainda vós, meus irmãos, dizei-me: que vos informa vosso corpo a respeito de vossa alma? Não é a miséria, sujeira e mesquinha satisfação? Em verdade, um rio imundo, é o homem. E é preciso realmente ser um mar, para absorver, sem sujar-se um rio imundo. Vede, eu vos anuncio o super-homem: é ele o mar onde pode submergir o vosso grande desprezo.⁷³

O propósito do personagem-central é desvencilhar o homem de uma postura que denigre o corpo, a existência terrena em função de forças do além. O desprezo ao mundo poderá ser superado pelo super-homem: embora critique o homem de sua época e toda uma tradição cultural que deslocou o ser humano das forças da terra, Zaratustra continua acreditando nele, mas como uma ponte para ultrapassar o seu estado atual. Podemos defender que Nietzsche apresenta, através do anúncio da morte de Deus e do super-homem, uma nova forma de repensar uma cultura que durante séculos focalizou as crenças ultramundanas como base que sustenta sentidos para a história.

Observemos que Zaratustra tem uma clara intenção de ensinar, como podemos atestar novamente no prólogo: ele percebeu que dirigir-se à multidão fora um equívoco, por isso toma outro caminho, outra estratégia, lhes anuncia o último homem:⁷⁴ “Vede! Eu vos mostro o último homem.”⁷⁵ Há uma nítida decepção, por causa do insucesso do seu anúncio: “Eles não me compreenderam: eu não sou boca para esses ouvidos.”⁷⁶ Mesmo com a primeira estratégia equivocada, Zaratustra não desiste do seu propósito. Mas anunciar o último homem também foi motivo de riso. Isso pode ser um indicativo de que a massa tem necessidade de pastores, precisam de um guia, de alguém que lhes indique um caminho. O que Zaratustra conseguiu provocar foi um sorriso frio e o ódio da multidão.⁷⁷ O ancião que ele encontrou no início do livro tinha razão: transmitir a sua luminosidade para os homens poderia ser perigoso e até fatal para a vida dele, porém ele continuou no seu caminho. Qual é esse caminho? Como falar nisso se Nietzsche assinala que o caminho não existe?⁷⁸ O percurso imanente de Zaratustra ocorre mediante um embate com a própria contradição que a vida oferece, o caminho se constrói caminhando, vivendo, não temendo arriscar! A educação que Zaratustra transmite é

⁷³ Ibidem.

⁷⁴ O último homem representa o homem moderno que perdeu a esperança no idealismo, sem entusiasmo, perdeu a vontade de arriscar, já não mais vive, mas apenas conduz os seus dias tediosamente, mas este homem pequeno, que “nada quer”, poderia ser a esperança para um novo começo, o super-homem. (Cf. FINK, E. 1983, p. 71).

⁷⁵ NIETZSCHE, F. 2010, p. 41.

⁷⁶ Ibidem, p. 42.

⁷⁷ Cf. Ibidem.

⁷⁸ No capítulo *Do espírito de gravidade*, na terceira parte do *Zaratustra*, o personagem principal afirma que chegou a sua verdade por muitos caminhos e de diversas maneiras, e responde aos que o perguntaram pelo caminho: *o caminho de fato não existe*.

movida pela potência da vida e é um decurso *para ser o que se é*. Embora estejamos defendendo que há um percurso de aprendizado, este não está guiado por nenhuma teleologia, não busca um objetivo qualquer, mas é uma abertura à dinâmica da própria existência que move o personagem.

O protagonista do livro não conseguiu companheiros no meio da multidão, mas chega a uma consideração interessante: “Em verdade, uma linda pescaria fez hoje Zaratustra! Não pescou nenhum homem, mas um cadáver.”⁷⁹ É preciso notar que anteriormente ele havia dialogado com o equilibrista e manifestado para ele que não havia nem diabo, nem inferno e assim foi parabenizado porque morrera por causa do seu ofício que lhe impunha muito perigo.⁸⁰ Talvez Zaratustra considere que esta foi a única pesca que fizera, pelo fato daquele homem compreender a dignidade de assumir a vida *como um perigo* e de retirar dele o medo das fantasias do além – o céu, o inferno.

Apesar do novo fracasso, Zaratustra não desiste do seu plano: “Quero ensinar aos homens o sentido de seu ser: que é o super-homem, o raio que rebenta da negra nuvem chamada homem.”⁸¹ A procura por homens “vivos” que possam compreender o seu anúncio continua. Após dormir por muito tempo, Zaratustra tem uma nova perspectiva:

Uma luz raiou em mim: de companheiros eu preciso, e vivos – não de companheiros mortos e cadáveres, que levo comigo aonde quero.

Preciso, sim, de companheiros vivos, que me sigam porque eles querem seguir-se a si mesmos – e para onde eu queira.

Uma luz raiou em mim: não a multidão fale Zaratustra, mas a companheiros! Não deve Zaratustra tornar-se pastor e cão de um rebanho!⁸²

No percurso de anúncio do super-homem, Zaratustra aprende um novo ensinamento: não é como um pastor de rebanho que deverá falar, deve anunciar apenas para aqueles que quiserem ouvir, os que por conta própria aceitarem segui-lo para onde quer que ele vá. O objetivo de Zaratustra é seduzir muitos para fora do rebanho⁸³ e procurar tirar dentre eles, aqueles que são criadores, companheiros que possam ajudá-lo em sua jornada:

Companheiros, procura o criador, e não cadáveres; nem, tampouco, rebanhos e crentes. Participantes na criação procura o criador, que escrevam novos valores em novas tábuas.

⁷⁹ NIETZSCHE, F. 2010, p. 44.

⁸⁰ Ibidem, p. 43.

⁸¹ Ibidem, p. 44.

⁸² Ibidem, 47.

⁸³ Ibidem.

Companheiros, procura o criador, e participantes na colheita...
 [...] Participantes na criação, procura Zaratustra, participantes na colheita e festejadores
 [...] que tem ele a ver com rebanhos, pastores e cadáveres!⁸⁴

Na sequência, ocorre uma mudança de postura. Zaratustra procura aqueles que podem estabelecer novos valores, os mortos e o povo não o ajudarão nessa colheita. O filósofo indica a dificuldade de, no rebanho, encontrarmos homens que possam tornar-se uma exceção. Será no meio daqueles que fogem da massa, da vida que repete o *status quo*, de onde podem emergir os criadores. O cadáver do palhaço é por um momento o seu companheiro, mas ele está à procura de companheiros vivos, daqueles capazes de estabelecer *criações singulares*. Zaratustra passa por um processo de autoaprendizado - ele ensina, mas também aprende – e vai mudando de postura diante das novas circunstâncias que emergem da vida.

Finalizando a análise sobre o prólogo, cabe aqui uma pergunta: qual a relação que esse texto tem com a educação? Nietzsche apresenta o protagonista do livro em estudo como um pregador, um anunciador de uma mensagem às avessas do que a cultura na sua época determinava como verdade. Tais como a fundamentação transcendente do mundo, sustentada pelo judaísmo-cristianismo e pela metafísica, que tem em Sócrates e Platão os seus principais iniciadores⁸⁵. As bases estruturais que sustentam a forma ocidental de pensar o mundo estariam ancoradas nesses elementos que de modos diversos penetraram na vida social. Tal concepção de mundo não remete a uma educação formal, institucional, mas trata de uma educação ampla, que aborda o modo de vida de toda uma cultura que teria se estruturado em valores decadentes, os quais não ampliam o poder vital humano. A constatação da morte de Deus, o anúncio do super-homem e a fidelidade à terra pretendem reorientar os comportamentos, como numa tentativa de destituir visões de mundo aniquiladoras da potência humana e do mundo para construir novos parâmetros baseados no que o próprio homem cria, não em valorações impostas de fora. Zaratustra vive um percurso de superação que ocorre em meio a muitas contradições e visa à aceitação da tragicidade da vida na parte final do livro. Embora possamos sustentar que ele seja singular em todos os momentos, se direciona para o *extremo* dessa afirmação, através de muitas transformações.

⁸⁴ Ibidem, p. 47-48.

⁸⁵ Suffrin afirma que para Nietzsche há uma relação de afirmação e negação em *Assim falou Zaratustra*. A afirmação do valor da vida é o seu sim absoluto à existência e a contrapartida é sua crítica à cultura judaico-cristã, que com sua concepção dualista inventa outro mundo para negar este. (Cf. “*O Zaratustra*” de Nietzsche, p. 141).

1.3 Os discursos de Zaratustra e a exaltação do homem criador

Após analisar a perspectiva educacional presente no prólogo da obra em estudo, nos deteremos em alguns dos *discursos* presentes também nessa primeira parte do livro. Vale destacar que não analisaremos todos, mas apenas aqueles nos quais encontramos ideias que podem inspirar alguma concepção educacional. O filósofo, como fizera em todo o seu percurso intelectual, propõe uma nova postura diante da realidade, sendo ela incentivadora da atitude criadora e esta é a tônica que predomina nos *discursos*. O primeiro é intitulado *Das três metamorfoses* e versa sobre as três metamorfoses do espírito, mostrando como este se transforma em camelo, em leão e em criança⁸⁶.

O camelo é aquele espírito que reclama por coisas mais pesadas. Quais são estas coisas pesadas? São os valores instituídos, os mantenedores de uma determinada visão de mundo e de homem, valores que são considerados superiores. São concepções de vida que Nietzsche critica desde as suas primeiras obras, caracterizando-as como decadentes. Eles levam a “amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma, quando ele nos quer assustar.”⁸⁷ Os valores do camelo podem ser caracterizados com a formulação “tu deves”. É difícil abandoná-los, pelo fato de serem milenares, arraigados nos homens e na cultura como um todo. Também encontramos a imagem do dragão guardião dos valores do passado. Esse dragão dimensiona o camelo a afirmar: “todo o valor já foi criado e todo valor criado sou eu. Na verdade, não deve haver mais nenhum ‘Eu quero’!”⁸⁸ O dragão é a imagem de um terrível cerceamento da instintividade; representa a religião, a metafísica, os valores inalterados, “imagem que alude ao peso monstruoso, a face terrível e opressora dos ideais – que inibe coercitivamente qualquer desejo, qualquer iniciativa pessoal.”⁸⁹ O dragão que impulsiona as atitudes do camelo não é inerte, sem coragem, sem propósito. Tanto que tem a imagem de algo feroz, ativo, que emite fogo, é símbolo de força, mas força para manter, não para intensificar a vida. Por outro lado, o dragão é ilusório, mítico, desloca o homem de suas forças mais precisas, isto é, as fisiológicas, por isso os valores nessa fase do espírito são estáticos e não lhes cabem mudanças.

⁸⁶ Cf. NIETZSCHE, 2010, p. 51.

⁸⁷ Ibidem, p. 51.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008, p. 90.

O “espírito camelo” vai para o deserto e na extrema solidão passa pela segunda metamorfose,⁹⁰ torna-se leão. Ocorre a passagem de um estágio a outro e Nietzsche não explica como isso acontece, mas é possível afirmar que não há um fundo, uma base, um fundamento pelo qual essas metamorfoses ocorreram. Elas fazem parte da dinâmica vital, emergem ocasionalmente, movidas pela força que impulsiona o homem a expandir-se.⁹¹

O leão é aquele que reage à atitude do camelo, reage frente aos pesos impostos e busca a transformação, mas ele é apenas reativo, não criativo: “criar valores novos o leão ainda não pode fazer; mas criar para si a liberdade de novas criações – isso a pujança do leão pode fazer.”⁹² A atitude leonina é importante e necessária, ainda não produz valores novos, mas possibilita a abertura para que estes surjam. O leão cria a própria liberdade e diz um sagrado não, mesmo ao dever.⁹³ Essa atitude reativa pode estar carregada de ressentimento, de aversão ao camelo, cujo fardo pesara sobre seus ombros, pois para um espírito dócil e respeitoso, conquistar o direito a estabelecer novos valores é a tarefa mais difícil⁹⁴. Entretanto, a atitude do leão é violenta e assim precisa ser. Para livrar-se dos valores do “tu deves”, por amor à sua liberdade, é preciso reagir com violência.

Após a atitude do leão que ataca os valores do espírito ocorre a outra transmutação. A próxima mutação é a da criança. Conforme Nietzsche, ela é “inocência [...] esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer sim.”⁹⁵ A criança simboliza o *jogo* da criação, Nietzsche afirma que para que este jogo ocorra é necessário uma *santa afirmação*. Afirmar significa ser capaz de criar um sentido novo para a vida, estando ela totalmente absorvida pelo presente, mas é capaz de estabelecer posteriormente uma nova brincadeira, sem estar presa à anterior. O seu jogo é sem interesse, não tem propósito, não busca nada, ela brinca apenas pelo prazer de brincar! A sua brincadeira é muitas vezes fantasiosa, irreal, mas num determinado momento cria sentido para o existir, podendo, no momento seguinte, ser substituída por outra, sem estabelecer apego pela primeira. A criação do novo é o que Nietzsche parece indicar com a metáfora da

⁹⁰ NIETZSCHE, F. op. cit., p. 52.

⁹¹ Nietzsche é um filósofo que questiona toda ideia de fundamento. Interpreta que no mundo não há substancialidade, estabilidade, o mundo é um jogo de forças no qual nada se fixa, tudo muda, tudo flui, tudo se transforma. (Cf. *Fragmento Póstumo* de 1889, 9 [91]).

⁹² Cf. NIETZSCHE, F. loc. cit., p. 52.

⁹³ Cf. *Ibidem*.

⁹⁴ Cf. *Ibidem*.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 53.

criança, a menos comentada das três metamorfoses. Talvez com isso o filósofo quisesse deixar para os leitores a possibilidade de uma leitura própria dessa imagem: “a criança” é sempre possibilidade de ir além, inclusive para quem a interpreta.

O camelo que carrega cargas pesadas está atrelado a antigos valores. Por sua vez, o leão reage com bravura, mas carrega o ressentimento dos pesos do passado e, por isso, não está totalmente livre para viver de forma afirmativa, e embora reativo e crítico aos valores, continua ressentido. A criança é símbolo da inocência, representa o *esquecimento*, projeta-se sem que os pesos da tradição a condicione. Ela não reage bravamente porque constantemente diz *sim à vida* e aceita o seu fluxo. Ao comentar sobre a criança, Barrenechea escreve que:

[...] ela não está ligada nem à conservação, como o camelo, nem à destruição, como o leão. O artista criança, o lúdico-criador, é pura afirmação, pura atividade [...]. Ele independe do passado e do futuro, habita plenamente o presente, onde brinca gerando interpretações singulares.⁹⁶

As reflexões sobre as três metamorfoses, embora não apontem ideias diretamente ligadas à educação formal, indicam para um caminho de transformação. Nesse sentido, o que podemos compreender como proposta educacional é a valorização do homem criador. E quanto ao camelo, podemos afirmar que ele é passivo? Entendemos que não, ele é ativo de acordo com a sua perspectiva, tem como base manter os valores estabelecidos, entretanto, não apenas repete ou aceita o que já foi imposto, ele não é simplesmente subserviente. Conforme a interpretação de Maria Cristina Franco Ferraz, o fato de o camelo desejar carregar sobre as costas pesos, não é para fazer sacrifícios no sentido cristão, mas “busca o mais pesado [...] exatamente para avaliar suas forças, para experimentar sua potência, o que, na perspectiva nietzschiana, se dá simultaneamente ao próprio exercício da força.”⁹⁷ O camelo não dobra os joelhos porque quer se penitenciar, rezar por suas limitações, isto seria a imagem da fraqueza, mas o faz exatamente por ser forte, para que os valores em que acredita possam ser sustentados. O camelo é um animal resistente, é um exemplo de perspectiva educativa porque dimensiona para uma determinada visão da vida é capaz de potencializar, de buscar ser si próprio, tanto que não teme a solidão, “marcha carregado para o deserto,

⁹⁶ BARRENECHEA, M. A. 2008, p. 93.

⁹⁷ FERRAZ, Maria Cristina Franco. *O que nos faz pensar -14. Homenagem a Friedrich Nietzsche por ocasião do cem anos de sua morte.* Org: Kátia Muricy, Cadernos do departamento de Filosofia da PUC-Rio, 2000, 201 p. 48.

marcha ele para o próprio deserto.”⁹⁸ Sendo assim, representa uma educação mantenedora do que é estabelecido, não por servilismo, mas por depositar fé nas suas convicções. “Nessa passagem, o deserto vincula-se, de modo explícito, à escassez, à aridez e, sobretudo, à solidão e isolamento.”⁹⁹ O camelo é um resistente, um guerreiro, capaz de enfrentar o deserto mais difícil que é o “seu deserto”. Nietzsche está tentando acentuar que o camelo não é decadente, mas usa a sua potência de forma reativa, pois são os valores que acata que não são intensificadores da vida.

Desde a fase inicial de sua filosofia, Nietzsche critica a educação que não expande as possibilidades humanas, tanto que começa a *Segunda consideração intempestiva* com a frase de Goethe: “De resto, detesto tudo o que só serve para me instruir sem aumentar minha atividade ou animá-la diretamente.” Observemos que a frase situa o espírito de Nietzsche frente à educação e cultura modernas. Comparando a citação acima com a metáfora do camelo, entendemos que esta última representa a afirmação daquilo que está socialmente estabelecido. Esta aponta para uma visão de mundo que luta para manter os velhos valores imprimindo na cultura uma compreensão da realidade que não contribui para o surgimento de novas interpretações vitais.

Curiosamente, tomando como base a interpretação de Ferraz, o que possibilita ao camelo a transmutação em leão é exatamente a sua força, ele consegue mudar porque é capaz de superar-se, de viver a sua experiência própria, “quer conquistar, como presa, a sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto.”¹⁰⁰ O camelo não poderia ser a imagem da humilhação e da penitência, tais imagens impossibilitariam que se modificasse, só foi possível a ele a transformação porque fora capaz de viver a partir de uma determinada potencialização da vida.

O leão, com a sua atitude contestadora, remete também a uma perspectiva educativa; pode aludir a uma “educação para o combate”, que luta contra os valores estabelecidos, mas é movido ainda pelo ressentimento, o que minimiza a possibilidade de uma genuína transformação criativa. Ele ainda está associado ao camelo por estabelecer uma crítica aos pesos dos velhos valores a partir destes. O seu combate não parte de algo novo, mas tem o antigo como inspiração de sua luta. Então, a postura educativa que ele indica é crítica, destruidora dos valores do camelo, mas não transformadora. Como afirma Larrosa: “O leão tem a ver com a crítica do que somos,

⁹⁸ NIETZSCHE, 2010, p. 52.

⁹⁹ FERRAZ, M.C.F. 2000, op. cit., p. 49.

¹⁰⁰ NIETZSCHE, F. op. cit.

do que nos constitui [...]. E com a crítica também do que queremos ser, de tudo aquilo que ainda está na lógica do projeto, do ideal, da autoconservação, do sentido.”¹⁰¹

A criança, no entanto, é a imagem que melhor representa uma perspectiva educacional coerente com o pensamento de Nietzsche, pois é inocência, recomeço e esquecimento. Ela é afirmativa e essa característica aponta para o caminho do ser humano que “quer a sua própria vontade, aquele que está perdido para o mundo conquista o seu mundo.”¹⁰² A metáfora da criança é o indicativo mais preciso do homem que está livre do peso de uma moral que não foi por ele instituída, simbolizada pelo camelo. Além disso, está liberto, também, do combate contra os valores estabelecidos, representada pela atitude do leão. A criança é a imagem para aquele que avalia sempre, educando a si mesmo, através da afirmação criadora da vida. É o decurso *para ser o que se é* que aponta o símbolo da criança das três metamorfoses.

Os discursos seguintes continuam acentuando a abertura a uma vida intensificadora, tendo como foco a plena afirmação da vida. Em *Do ler e escrever* Nietzsche aborda o tema do voo e do riso – tema recorrente na obra nietzschiana, em *A gaia ciência*, por exemplo, no aforismo 177, o filósofo o associa à educação. O autor afirma que o homem superior sente falta de um grande sistema de educação e que os homens superiores da Alemanha não riem.¹⁰³ Nietzsche critica a cultura do seu tempo que impõe uma educação séria, metódica, demasiadamente racional, sustentada pela seriedade daqueles que se consideram homens superiores. Essa análise é retomada em *Assim falou Zaratustra*, quando o filósofo alemão sustenta que aquele que escala elevados montes ri de todas as tragédias da vida. A sabedoria nos quer brutais, guerreiros, despreocupados. Ele afirma também que as borboletas e as bolhas de sabão são as que mais entendem de felicidade, elas são como dançarinos; são capazes de livremente voar, de forma suave, harmoniosa. Contrariamente, o espírito de gravidade¹⁰⁴ é o que faz cair todas as coisas. Zaratustra diz que aprendeu a andar, depois a correr e, por fim, a voar. E, desde então, não quer ser empurrado para sair do lugar.¹⁰⁵

Como quem dança, as borboletas e as bolhas de sabão riem e dançam, são símbolos da liberdade que desafiam a gravidade. Voar significa leveza, condução da

¹⁰¹ LARROSA, J. 2009, p. 98.

¹⁰² Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 53.

¹⁰³ Cf. NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*, p. 146.

¹⁰⁴ O *espírito de gravidade*, ou *demônio*, ou o *anão*, são figuras criadas por Nietzsche para representar aqueles que negam a vida, que impedem que Zaratustra intensifique a existência, são pregadores do pessimismo e estabelecem uma interpretação negativa do mundo.

¹⁰⁵ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 67.

vida por si mesmo e de forma suave. Há uma significativa perspectiva educacional nesse capítulo, quando Zaratustra admite que aprendera a andar, a correr e depois a voar. A partir desse momento, não precisa mais ser empurrado, mas conduz sua vida independentemente. A partir de concepções vitais, o ensino-aprendizado não deve ultrapassar etapas: primeiro Zaratustra anda, depois corre e, finalmente, voa. Isso significa que após uma árdua e longa tensão com a vida, o personagem atinge a possibilidade de se superar. Nietzsche está tecendo uma crítica a uma forma de vida pesada, baseada em valores velhos que desumanizam e impedem a expansão das possibilidades humanas. Ver a leveza dessas almas – como afirma Zaratustra – é o que lhe arranca lágrimas e canções.¹⁰⁶ O voo permite subir ao alto, o lugar da solidão, onde sempre se está só. Ser solitário é ser criador, inventor de novos valores. O voo e o riso talvez sejam figuras de uma vida menos formal, menos racional que se abre à existência como uma borboleta que voa ou como uma bolha de sabão que “conduzem” suas existências com leveza e autonomia.

Vários são os discursos nos quais Nietzsche tece uma radical crítica aos que negam a vida em função de uma realidade ultraterrena, como em *Das cátedras da virtude*, onde o filósofo faz uma crítica aos pregadores da virtude. O que eles pregam é a calma, a harmonia, a falta de tensão, simbolizada pelo sono. Deve-se viver para dormir bem, manter uma vida regrada para poder dormir tranquilo, em paz:

Respeito e pudor diante do sono! Isso em primeiro lugar! E evitar todos os que dormem mal e passam a noite acordados! Paz com Deus e o teu próximo: é o que exige o bom sono [...]. Respeito à autoridade e respeito, também, à autoridade cambaia! É o que exige o bom sono.¹⁰⁷

As virtudes são consideradas entorpecentes, acabam criando o homem que se adapta e aceita o modo de vida vigente, procurando o previsível, não se arriscando, querendo a harmonia e a paz para poder dormir bem. A crítica se refere, conforme a nossa interpretação, às virtudes cristãs e à filosofia ocidental que criaram uma concepção de vida que anula a luta, a tensão inerente à existência. Fink afirma que este é o sono do homem que ainda não acordou para si próprio, está preso à aparência da transcendência e esquece sua própria natureza criadora, pregando o esquecimento de si.¹⁰⁸ Considerando que Nietzsche está criticando aqueles que criaram uma “cultura do

¹⁰⁶ Cf. *Ibidem*.

¹⁰⁷ Cf. *Ibidem*, p. 54.

¹⁰⁸ Cf. FINK, E. 1983, p. 78.

sono”, a sua proposta dimensiona a uma cultura da singularidade. Superar esse sono aponta para a possibilidade do novo. Acordado é possível pensar e viver a partir de si, e não baseado em forças supramundanas. Zaratustra aponta para o homem ativo, que despertou do sonho transcendente e pode estabelecer, para a vida, criações próprias.

Em *Dos trasmundanos*, Nietzsche também faz uma significativa análise sobre o homem criador. Nesse capítulo é posto em questão de onde provém a potência criativa no homem. Para o filósofo, a criação de um Deus, de um mundo transcendente, não veio do além, mas das cinzas do próprio homem¹⁰⁹; foi a fadiga e o sofrimento que inventaram os além-mundos. O filósofo sustenta que a criação desse âmbito ilusório surgiu do próprio homem. Para esquecer o sofrimento, ele criou algo para além de si mesmo.¹¹⁰ O texto aborda explicitamente o que se pretende ensinar com essas críticas: foi um corpo doentio que criou os além-mundos, o que Nietzsche considera um sinal de enfermidade; o ser humano temia a dor e o sofrimento, por isso, estabeleceu um sentido ultramundano, portanto, essa mesma criação partiu de suas cinzas, de seu mais profundo “ser”. Sendo assim, a criação de utopias do além emerge das entranhas do homem, mesmo quando projeta para fora de si sua força criativa. Compreendemos que a articulação deste capítulo com o problema educacional é explicitada no fato de ter sido criada uma visão de mundo baseada em padrões fixos, quando a educação do homem deveria emergir daquilo que é mais vital. Não foi de um corpo sadio a eclosão de uma visão patológica da vida, logo, o corpo e a terra, para Nietzsche, são os parâmetros de saúde. A partir dessa perspectiva, o filósofo propõe que o homem não deve criar sentidos, partindo de uma concepção de mundo baseada no além, mas deve ouvir as entranhas da terra, o mais íntimo de si mesmo. Assim se abre uma possibilidade de uma educação diversificada para a sociedade e o homem, partindo dos valores “mundanos”, sem origem no temor e no medo, mas a partir da afirmação de si mesmo:

O criador não produz a partir do nada, não constrói valores novos apenas pelo desejo unilateral da sua vontade, por uma suposta potência demiúrgica do seu querer; ele age em sintonia com forças que o convocam de dentro, seguindo impulsos que ecoam no seu corpo, profundamente enraizados na terra. A criação nasce na escuta de instintos viscerais, de impulsos fisiológicos que permeiam a presença do mundo no que há de mais íntimo.¹¹¹

¹⁰⁹ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 57.

¹¹⁰ Cf. Ibidem.

¹¹¹ BARRENECHEA, M. A. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 95.

Dos desprezadores do corpo é um dos discursos nos quais o autor de *Além do bem e do mal* acentua a importância de interpretar o mundo a partir do corpo. Embora o tema do corpo esteja sendo abordado para abalizar a nossa tese de que há uma perspectiva educacional nos *discursos de Zaratustra*, é necessário destacarmos que Nietzsche o interpreta como algo dinâmico, vital, que parte da relação de forças presentes na natureza: “O corpo é a expressão do dinamismo do vir-a-ser, jamais se fixa, se estabiliza, mudando conforme o impulso ou o grupo de impulsos que, num instante efêmero, impõe sua vontade à comunidade orgânica.”¹¹² O corpo flui como a vida, a compreensão sobre ele deve colocar-se para além da dicotomia corpo-alma – ideia arraigada na tradição ocidental. Essa concepção difere dos conceitos substancialistas, que apontam para uma natureza estática. Na visão nietzschiana, o corpo é dinâmico. Nietzsche afirma que o homem é corpo e nada mais, a alma assinala para alguma coisa no corpo. O corpo é uma *grande razão* e a alma uma *pequena razão*.¹¹³ Os que desprezam o corpo deveriam considerar que aquilo que eles desprezam é a partir de onde efetivamente se cria. A análise de Michel Foucault sobre o corpo como origem de todas as nossas ações contribuem para essa compreensão do mundo a partir da corporeidade:

O corpo – e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é lugar da *Herkunft* [origem]: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.¹¹⁴

A interpretação do mundo se dá a partir do corpo e não das forças ultraterrenas, emerge do conflito constante da dimensão corporal. Uma educação que proponha a abertura as pulsões do corpo deve partir de princípios ativos, vitais, orgânicos e não apenas da racionalidade. Nietzsche assume uma postura contrária à incidência do racionalismo socrático¹¹⁵ sobre a cultura ocidental, e afirma que o homem “é

¹¹² Ibidem, p. 51.

¹¹³ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 60.

¹¹⁴ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 22.

¹¹⁵ Sócrates, filósofo grego que viveu entre 469-399 a.C., é considerado por Nietzsche o precursor de uma das formas decadentes de interpretar o mundo no ocidente, por priorizar a razão em detrimento das *forças corporais*. Já em sua primeira obra, *O nascimento da tragédia*, o filósofo alemão questiona o racionalismo socrático que teria minimizado a força do helenismo arcaico, que primava pela harmonia entre vida e pensamento, não havia dicotomia entre esses, como pode atestar a relação dos gregos com os deuses, segundo a interpretação nietzschiana: “para poderem viver, tiveram os gregos, levados pela mais profunda necessidade, de criar tais deuses [...]. Os deuses legitimavam a vida humana pelo fato de eles próprios a viverem.” (*O nascimento da tragédia*, &3). Mas ocorreu, segundo Nietzsche, algo danoso para

acorrentado pelo prazer socrático do conhecimento e pela ilusão de poder curar, com ele a ferida da existência.”¹¹⁶ É a correção da realidade através da racionalidade que o filósofo denuncia como um impedimento para que surgissem indivíduos criadores. Barrenechea, ao comentar a crítica nietzschiana à racionalidade socrática, afirma que esta transpôs uma civilização forte, representada pela Grécia arcaica, iniciando um processo de decadência. O racionalismo de Sócrates supervaloriza a razão em detrimento dos instintos; prioriza a ciência, o controle racional, condenando a arte, as forças vitais.¹¹⁷ Ocorreu uma demasiada reverência à razão e “ao agir dessa forma, referendou só uma das características humanas (a que é comum a todos – a razão) e depreciou as que eram singulares: os instintos e as paixões.”¹¹⁸ Tal postura crítica está presente no pensamento do filósofo no decorrer de sua obra e também a encontramos em *Assim falou Zaratustra*.

Nessa fase do pensamento nietzschiano, porém, não há mais uma abordagem focalizada nas instituições de ensino, mas o *Zaratustra* intensifica a preocupação com uma educação (perspectiva de mundo) que abrange toda a cultura ocidental. Esta, em geral, educou e educa para a racionalidade, para a obtenção de parâmetros e atitudes previamente determinados e não para a singularidade. Isso não quer dizer que, desde o início, Nietzsche não estivesse estabelecendo uma crítica ampla, mas nesse momento ele não age mais como um crítico que pensa na transformação da cultura do seu tempo. O seu projeto é retomar a proposta de “superação da metafísica” e, principalmente, indicar ao homem o percurso para a superação de si mesmo:

Em Nietzsche, o tema da superação tem um duplo significado; ele aparece, primeiro, como no uso da expressão “superção da metafísica”, a qual tem um sentido mais histórico, filogenético, e implica uma crítica, ou uma oposição, à tradição do pensamento ocidental; e, também – como consequência do primeiro –, aparece no sentido de uma transposição de obstáculos num processo performático pedagógico, como, por ex., em: “o melhor é ainda algo que deve ser superado” (AFZ, III, “Das Velhas e Novas Tábuas”), com uma

a cultura que foi o surgimento do socratismo: este imprimiu o racionalismo e a pretensão de através dele corrigir a “ferida da existência”. Sócrates teria inaugurado “essa inabalável convicção de que o pensamento, pelo fio condutor da causalidade, possa penetrar até o mais profundo dos abismos do ser e tenha o poder não somente de conhecer, mas também de corrigir a existência.” (Ibidem, & 15). O filósofo grego seria o iniciador da racionalidade ocidental, teria estabelecido a ruptura com os gregos arcaicos e inaugurado um estilo de vida que, em nome do pensamento “metódico”, desprezara os impulsos corporais que movem o ser humano, apenas um aspecto da característica humana passou a ser privilegiado, ou seja, a razão.

¹¹⁶ NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, § 4, 1992.

¹¹⁷ Cf. BARRENECHEA, M. A. de. 2009, p. 65.

¹¹⁸ SILVA, M. A. 2006, p. 120.

conotação mais existencial, ontogenética, que implica uma oposição ao princípio de conservação como sendo a meta da existência.¹¹⁹

Conforme Julião, a perspectiva educativa em *Zarathustra*, tem como “meta” a busca da superação. Através do personagem, Nietzsche visa demonstrar que o homem pode elevar-se para além de si mesmo e do tempo em que vive e pretende ultrapassar uma visão metafísica de mundo, conduzindo a um incessante processo transformador. A nossa tese, porém, é de que esse caminho que passa pela superação, tem como fio condutor principal levar o homem *a tornar-se o que se é*. Todo o percurso de *Zarathustra* tem como objetivo esse caminho, que desencadeará na afirmação do eterno retorno.

A seção *Dos desprezadores do corpo* indica que tal desprezo é uma forma de minimizar a nossa principal fonte criativa, só se pode criar algo acima de si mesmo, partindo do corpo e não de uma fuga deste. Nesse sentido, educar não deve ter como ponto de partida e de chegada a mente, a racionalidade, mas o corpo, o mundo. A criação sugere a associação à terra e não a um suposto e inexistente mundo ultraterreno. Nessa relação, nem sempre o corpo está saudável, podendo gerar visões de mundo também doentias. Os pregadores da morte são os que vivem em função da crença numa suposta eternidade. Eles são pessimistas, não se ocupam com o momento presente, se evadem com o trabalho e, desse modo, fogem de si mesmos. Os pregadores da morte apontam para uma afirmação de um mundo ideal, no qual orientam o sentido do existir, contrário a isso, o filósofo alemão propõe a própria vida como ponto de partida para o homem criar sentido para o mundo.

Em *Da guerra e dos guerreiros*, Nietzsche continua questionando o homem de sua época e critica a vida moderna com a sua morosidade e apatia. O filósofo, diferentemente, afirma que a superação deve ser a força que move o homem. *Zarathustra* “celebra a coragem guerreira, imagem da luta pelo domínio de si”¹²⁰ e ultrapassar o homem corrente é a guerra necessária para que se atinja a superação:

Deveis amar a paz como meio para novas guerras. E mais a paz curta que a longa.

A vós, não aconselho o trabalho, mas a luta. A vós, não vos aconselho a paz, mas a vitória. Que o vosso trabalho seja uma luta; e a vossa paz, uma vitória!...

Mas o mais excelso pensamento da vida, deveis deixar que eu o ordene a vós – e reza: o homem é algo que deve ser superado.¹²¹

¹¹⁹ Cf. JULIÃO, J. N. 2012, p. 81-82.

¹²⁰ SUFFRIN, P. H. 2003, p. 123.

¹²¹ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 73-74.

Nietzsche exalta os guerreiros, aqueles que não querem conduzir a passagem dos dias como simples conformidade. A sua bravura está para além dos conceitos e atitudes piedosas. A vida do guerreiro deve ser de obediência e de guerra. Então, qual é a sua luta? A luta é contra a vida medíocre do homem moderno, a mais elevada esperança do guerreiro é superá-la.¹²² A cultura ocidental, por influência principalmente das teorias religiosas e metafísicas, criou uma forma conformista de acolher a existência, entretanto, esse conformismo não significa falta de ação, de luta, mas a diferença é que as lutas ocorridas visam o equilíbrio do mundo. O que Nietzsche critica é exatamente essa postura estática, a visão de um mundo harmônico, sem tensão, algo que, segundo a interpretação do filósofo, estaria em total dissonância com a realidade, marcada pelo conflito, pela constante luta por mais potência.

Em *O novo ídolo*, Zarathustra afirma que aqueles que se libertaram do velho Deus saíram cansados do combate e criaram no Estado um novo ídolo.¹²³ Para o personagem o Estado é um *lento suicídio* porque minimiza a potência humana, a organização estatal remete a um determinado tipo de educação, pois precisa constituir indivíduos úteis para que a sua continuidade seja possível. Geralmente trata os homens como iguais, sem considerar a sua singularidade e, desse modo, a organização escolar segue esse critério de formar a maior quantidade de pessoas possível, para dar conta da burocrata estrutura estatal. Esse *novo ídolo* é tão mortal quanto à ideia de uma divindade que norteia os comportamentos humanos, pois impede que o caminho para si mesmo seja construído. Numa relação direta com o problema educacional, Nietzsche aborda, por exemplo, no fragmento póstumo XII 9 (170) do outubro de 1887, a educação do seu tempo como um “adestramento do cérebro”. No fragmento XII 10 (166), ele interpreta a educação como criadora de “servidores úteis ao Estado”. O filósofo se opõe a uma formação que não contribui para o surgimento do homem criador, tornando-o um servo estatal.

Para Nietzsche, o Estado é uma instituição desumanizadora, é o espaço do poder no qual os que o servem são induzidos à subserviência. Essa instituição impede que o caminho da superação seja transitado, instiga à conservação e não à expansão. “Querer autoconservar-se é a expressão da calamidade, uma restrição ao verdadeiro instinto da vida que tende à expansão da potência e que, nesta vontade, põe em questão e frequentemente sacrifica a autoconservação.”¹²⁴ É preciso estar nos espaços distantes

¹²² Cf. Ibidem, p.74.

¹²³ Cf. Ibidem, p. 76.

¹²⁴ NIETZSCHE. F. *A gaia ciência*, aforismo 349.

dele para que se possa respirar, para que se possa ser “si mesmo”. Nietzsche indica que o Estado substituiu o antigo ídolo, Deus, mas continuou tornando o homem servo. No Estado, a singularidade fica anulada, tende-se a viver obedecendo às ordens estatais e o caminho para a criação é abolido. Sobre essa questão, José Amorim de Oliveira Júnior afirma que para Nietzsche, o Estado contribui para o surgimento do tipo nobre, quando o cultiva como promotor de um homem mais elevado, através da autossuperação. Porém, geralmente estimula a possibilidade inversa, a produção do tipo medíocre, o animal de rebanho que apenas sobrevive¹²⁵ – o que diverge da perspectiva filosófica nietzschiana, que visa ao máximo de impulso vital.

Nietzsche afirma que “criadores, foram os que formaram os povos e suspenderam por cima deles uma fé e um amor; assim serviram a vida.”¹²⁶ Desse modo, compreende que eles são os que estabelecem novas formas de existência, algo que não ocorre no Estado, por este buscar controlar os homens: “Vede como ele os atrai a si, aos muito-demais! Como os devora e mastiga e rumina!”¹²⁷ Livrar-se desse monstro dominador é um importante passo para o surgimento de homens intensificadores. Nietzsche rechaça todas as formas de aprisionamento que impedem a expansão das forças vitais. Afirmar que é necessário fugir das instâncias estatais para que o super-homem possa emergir, é admitir que não se deve viver controlado, sendo coagido por esse ídolo que se impõe como o novo Deus: “Nada há na terra maior do que eu; Eu sou o dedo ordenador de Deus.”¹²⁸ Novamente o filósofo acentua a necessidade de o homem criar a partir de si mesmo. O capítulo analisa a não necessidade de criar ídolos, mas, a partir de si, constituir novas “configurações vitais”.

Em *Das moscas da feira*, o filósofo retoma a análise sobre a tensão existente entre o solitário e a massa. O personagem central afirma que os grandes homens devem fugir para a sua solidão, pois são perseguidos pelos grandes e pelos pequenos homens. O povo chama de grandes homens os encenadores, os comediantes.¹²⁹ O comediante, porém, tem pouca consciência do espírito, o que ele crê hoje pode mudar amanhã, pois surgirá uma nova crença, suas percepções e intuições mudam rápido.¹³⁰ Nietzsche reafirma, nesse discurso, a necessidade de fugir do rebanho, da praça de mercado, lugar

¹²⁵ OLIVEIRA JR. José Amorim de. *Nietzsche, super-homem e superação: uma abordagem política*. Goiânia: Alternativa, 2004, p. 36-37.

¹²⁶ NIETZSCHE, F. 2010, p. 75.

¹²⁷ Ibidem, p. 75.

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ Cf. Ibidem, p. 77-78.

¹³⁰ Cf. Ibidem.

onde os homens não estão voltados para as grandes causas. Quais são as grandes causas que o filósofo está apontando? É a causa da criação. Criar, como já afirmamos anteriormente, só é possível a partir de si mesmo e o rebanho tende a repetir, a dar valor ao superficial, às *comédias e encenações*. Vale destacar que o homem do rebanho está mais voltado para o que acontece no momento presente e muda de opinião de acordo com as circunstâncias sem criar raízes em suas convicções. É por isso que o solitário não pode os ouvir, deve evitar a algazarra superficial da praça pública. O filósofo novamente aponta para o estabelecimento de valores não a partir daquilo que fora denominado cultura, do que é compreendido como socialmente aceitável, mas valoriza a singularidade e instabilidade da solidão, onde perspectivas originais podem ser criadas.

No discurso *Do caminho do criador*, Nietzsche aborda novamente a questão do solitário. O texto sustenta que para se tornar criador o caminho não é simples, mas é possível ter força para constituir um decurso “genuíno”: “Podes dar a ti mesmo o teu mal e o teu bem e suspender a tua vontade por cima de ti como uma lei? Podes ser o teu próprio juiz e vingador da tua lei.”¹³¹ A criação é novamente a tônica nesse discurso, mas o que o criador deve criar? É algo que leve a ultrapassagem de si, sendo essa a perspectiva central em todos os discursos, acentuada de forma efusiva neste em análise, pois o criador deve ser capaz de estabelecer a sua lei, vivendo não em função de uma normatividade imposta de fora. Nietzsche já encaminha o que desencadeará nos últimos capítulos do livro, nos quais o personagem se torna criador de si próprio com a afirmação plena da vida, simbolizada pelos ideais do eterno retorno e o *amor fati*.

No capítulo *Dos mil e um fitos*, Nietzsche escreveu que Zarathustra visitou vários povos e nunca encontrou poder maior que o bem e o mal.¹³² O que faz com que o vizinho sinta ciúmes de um povo, é aquilo que se tornou o seu sentimento mais elevado, que para ele é o sentido que outorga às coisas.¹³³ A criação do bem e do mal é o que o filósofo alemão considera a atitude mais elevada nos povos, o que os diferencia e os move, dando sentido as suas existências, isso torna os vizinhos espantados com as criações uns dos outros. Criar bem e mal é criar valores novos, por isso é considerado *o maior poder na terra*. Zarathustra afirma que os homens que criaram para si todo bem e todo o mal, não o receberam, não o encontraram e nem lhes caiu como uma voz do

¹³¹ Ibidem.

¹³² Cf. Ibidem, p. 84-85. O conceito de vontade de potência é relevante na estratégia demonstrativa nietzschiana. Aqui só apontamos que ele aparece, pela primeira vez na obra de Nietzsche, em *Zarathustra*, no II Livro, *Do superar-se a si mesmo*. Posteriormente, em outro momento dessa dissertação, esse conceito será mais aprofundado.

¹³³ Ibidem, p. 85.

céu.¹³⁴ Colocaram valores nas coisas, a fim de se conservar, dando um sentido humano a elas e por isso se chama homem, por isso é aquele que avalia. Posteriormente, Nietzsche continua afirmando que avaliar é criar, este “é o valor e a preciosidade de todas as coisas avaliadas.”¹³⁵ No texto, identificamos o ser humano com ser criador, avaliador. Não fora nenhuma força transcendente ou externa a ele que o fez criar, foi ele quem valorou todas as coisas. Valorar é típico do homem, faz parte de sua força vital, quando este é impelido a repetir valores, não está exercendo sua atividade basilar que é fazê-los germinar.

Em *Do amor ao próximo*, Zarathustra diz não ensinar o próximo, mas o amigo e quer que este seja a festa e o *presságio do super-homem*;¹³⁶ aconselha não o amor ao próximo, mas ao distante.¹³⁷ O que seria o distante? Seria o amor ao *longínquo*, àquilo que ainda não se sabe e nos impele para além de nós mesmos. A ideia cristã de próximo remete à *compaixão*, que será abordada posteriormente com mais precisão. No momento, acentuamos que “sentir com”, expressão que remete ao conceito de compaixão, retira o homem de si mesmo, o outro é como se fosse um “espelho”, aquilo que dá significado e molda o estilo de vida. Nietzsche, ao se referir à ideia de amor ao *distante* põe a ação humana no campo das possibilidades, não no campo da precisão, pois o próximo é alguém que se sabe quem é, e isso traz segurança. Contrário a qualquer certeza, Nietzsche propõe o *distante*, aquilo que não sabemos o que é, sendo exatamente por isso, o que nos impulsiona para adiante, na busca de novos horizontes. A ideia de próximo é estabilizadora, contraria a proposta educativa de *Zarathustra*, que visa a constante intensificação na busca de *ser aquilo que se é*.

O verdadeiro amigo não é o que aceita as ideias e o modo de ser do outro, mas aquele que incita a superação, que muitas vezes se apresenta como inimigo, como alguém distante: “Deve-se no amigo, ter o melhor inimigo. Deves estar com o coração mais perto dele do que nunca, quando a ele te opões.”¹³⁸ Deve-se, por isso, ser para o amigo uma flecha em direção ao super-homem.¹³⁹ Para Nietzsche, a amizade é um incentivo ao ato criador, um impulso para irmos à busca do longínquo e não do próximo, o “próximo” sugere algo já instituído, familiar, conhecido, que não nos instiga à busca do indefinido, do incerto. Aproxima-nos da conveniência do “já estabelecido”,

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 86.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*.

¹³⁶ Cf. *Ibidem*, p. 88.

¹³⁷ Cf. *Ibidem*, p. 87.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 83.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*.

sem nos mover para horizontes novos. É amigo quem nos impulsiona e somos amigos de quem impulsionamos a superar-se.

Do casamento e dos filhos é outro discurso que aponta para a criação de valores e para a superação. Zaratustra pergunta àquele que quer se casar se é um homem que tem direito a ter filhos. Esse direito só se adquire quando se é um vitorioso, um dominador de si mesmo, dono dos sentidos e das virtudes.¹⁴⁰ O sentido do filho e do casamento instiga a criar algo superior: “Deves construí-lo acima e para além de ti mesmo.”¹⁴¹ Mas para constituir algo é preciso que o homem tenha construído a si mesmo, o matrimônio não tem o objetivo apenas da reprodução, mas deve ajudar o homem a ser criador.

Qual seria então a função do casamento? Seria a de criar criadores! Os supérfluos, porém, afirma Nietzsche, “compreendem o matrimônio como uma mísera concordância a dois, dizem que tais uniões se concluem no céu.”¹⁴² A união matrimonial que tem como função institucionalizar “a benção do céu”, tende a conduzir o homem à “infertilidade criativa” uma vez que nessa visão, o sentido da vida não está nesse mundo, mas no utópico além-mundo.

Para Nietzsche, o sentido do matrimônio não é a estabilidade, mas visa sempre a intensificação: “flecha e anseio no rumo do super-homem: fala, meu irmão, é essa a tua vontade de casamento?”¹⁴³ Fazendo uma analogia da metáfora do matrimônio com a educação, vemos que esta última deve servir à geração da vida criativa, do crescimento humano, como um caminho que conduz o homem para além de si próprio. O matrimônio é intensificador quando desenvolve o poder gerador. Essa gestação, então, será eficaz ao servir para fazer nascer algo que não seja imagem e semelhança dos velhos valores, mas que estabeleça parâmetros para além deles.

Da virtude dadivosa, o último discurso dessa primeira parte da obra, indica que Zaratustra conseguiu discípulos: “muitos dos que se diziam seus discípulos o seguiram.”¹⁴⁴ O protagonista do livro os convoca a permanecerem fiéis à terra, proclama que o seu conhecimento esteja a serviço dela.¹⁴⁵ Segundo Zaratustra, a terra precisa ser restituída de seu sentido humano e de sua virtude, que se extraviou.¹⁴⁶ A convocação é

¹⁴⁰ Cf. *Ibidem*, p. 96.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² Cf. *Ibidem*, p. 96.

¹⁴³ Cf. *Ibidem*, p. 98.

¹⁴⁴ Cf. *Ibidem*, p. 101.

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, p. 103.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, p. 104.

para que se abandonem as propostas extraterrenas. Considera-se que a terra está enferma e deverá se tornar um lugar de cura. O processo curativo será indicado pelos solitários, que se tornarão um povo, do qual surgirá um povo eleito, e deste o super-homem.¹⁴⁷ O personagem central reúne homens criadores que preferem viver de modo diverso do estilo de vida do homem da praça do mercado. Tal perspectiva demonstra o que Nietzsche escreve em relação à postura do mestre frente aos discípulos:

Retribui-se mal um mestre quando se permanece sempre e somente discípulo. E por que não quereis arrancar folhas da minha coroa?
 Vós me venerais; mas e se, algum dia a vossa veneração vier a morrer? Tomai cuidado com o que não quereis arrancar folhas da minha coroa?
 Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra! Sois os meus crentes; mas que importam todos os crentes!
 Ainda não vos havíeis procurado a vós mesmos: então, me achastes. Assim falam todos os crentes; por isso, valem tão pouco todas as crenças.
 Agora, eu vos mando perder-vos e achar-vos a vós mesmos; e somente depois que todos me tiverdes renegado, eu voltarei a vós.
 Em verdade, com outros olhos, meus irmãos, procurarei, então, os que perdi, com outro amor, então vos amarei.¹⁴⁸

Barrenechea assim comenta esse trecho: “Zaratustra é o mestre que manda embora os seus discípulos para que sigam seu próprio caminho é o professor que questiona a dependência reverencial dos alunos [...] atíça a autonomia e a independência dos seus seguidores.”¹⁴⁹ O personagem de Nietzsche não procura meros repetidores dos seus ensinamentos, mas indivíduos capazes de criar seus próprios destinos. Ele aceita ser mestre, mas rejeita a reverência subserviente, que não conduz à criatividade. Só aceitará o retorno dos seus discípulos quando eles estiverem em condições de debater com ele sobre os grandes temas da vida, sem que a conversa pareça um monólogo no sentido dos discípulos serem meros repetidores daquilo que ele ensinara. Esse trecho dimensiona de modo preciso a proposta educativa no *Zaratustra*, pois o que se pretende é que surjam homens capazes de transporem as *crenças*, os *mestres*, os valores de seu tempo e instituírem percursos existenciais a partir do que é próprio.

Retomando a análise sobre os discursos de Zaratustra, observamos que foram os velhos valores, presentes na cultura do seu tempo, que impulsionaram a crítica de Nietzsche. Todos apontam para a ascensão do homem criador. Querem impelir uma diferente forma de educação, isto é, um novo modo de se situar no mundo. Acordar do sonho transcendente, acreditar na terra e no corpo, pregar a vida. Esses são novos

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, p. 105.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p.105.

¹⁴⁹ BARRENECHEA, M. A. 2006, p. 125.

ensinamentos que podem conduzir a cultura à superação, a caminhar em direção ao super-homem. É possível sustentar que, para Nietzsche, educar é valorar e se autossuperar. Em *Dois mil e um fitos* vimos que foi o homem que deu valor às coisas. Nietzsche caracteriza a “humanidade” com o fato de criar sentido para o mundo; valorar é típico do homem, logo, a educação deve dar conta desse aspecto tipicamente humano. Nietzsche apresenta também o casamento, o amor ao próximo e a amizade, numa perspectiva totalmente diversa da compreensão desses valores dentro da cultura ocidental. Eles só fazem sentido quando elevam o homem à criação de novas formas de vida. Numa concepção tradicional, tais valores conduzem indivíduos e sociedade à repetição cíclica do que fora estabelecido, sem abrir possibilidades para o surgimento do que é singular.

Do caminho do criador é central na análise sobre a criação, nele se afirma *que o criador deve criar algo para além de si mesmo*, evidenciando a tônica que perpassa todos os discursos: criar é valorar e para criar valores é preciso superar-se. *Da virtude dadivosa* termina com um texto educativo e controverso; como pode um mestre deixar só os discípulos? A perspectiva é na realidade profundamente positiva, pois o mestre Zarathustra ambiciona que os discípulos, aqueles que aprenderam com os seus discursos, não sejam repetidores nem mesmo dos valores que ele lhes ensinara, mas devem criar os seus próprios modos de vida.

A exaltação da criação tem uma relação direta com o prólogo do livro, pois foi preciso Deus morrer para que o homem pudesse afirmar à existência mundana e reconhecer que é do pulsar da terra que brota a capacidade de ir além de si mesmo. Os discursos ainda conduzem à reflexão sobre o objetivo, o fim último da superação. Para Nietzsche, entretanto, não há lugar, não há ponto final e conclusivo, não há *télos* na vida humana. A superação inclui-se no devir característico do mundo, do próprio movimento do existir, e quando saímos desse fluxo estamos sendo portadores da *morte* e não da *vida*. Viver é superar a si mesmo e a educação, nesse contexto, não é algo que ocorre em algumas situações existenciais específicas, ou seja, na escola, na família, na política, nas diversas instituições sociais, ocorre quando efetivamente se afirma a vida, quando se *estabelecem caminhos*.

A partir dos discursos é possível inferir a acentuação da singularidade que perpassa todo o livro. O *Zarathustra* narra a trajetória de como o seu personagem principal vai delineando o caminho para encontrar aquilo que é mais único em si mesmo. Nesse sentido, o estudo sobre a educação nessa obra já contém uma resposta

antecipada: *tornar-se o que se é*, é o centro de toda a trama do livro. O capítulo analisado apontou a exaltação da criação como o ponto de partida desse caminho. Na próxima seção, analisaremos de que modo a intensificação da vida pode conter essa perspectiva educativa que conduz o homem a ser o que se é. Vale ressaltar que a busca da singularidade é o fio condutor educativo da obra, entretanto, para Nietzsche, *buscar já é um encontro*, pois no caminho para ser si mesmo o personagem constrói um processo sempre afirmativo.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

2.1 A reafirmação do homem criador

A questão da constante superação, da intensificação permanente da vida norteia a nossa busca de uma concepção educativa na obra em estudo, tomando como base o segundo capítulo do livro. Contra a visão conservacionista do darwinismo, de Espinosa e de Mayer,¹⁵⁰ Nietzsche propõe o avanço constante das forças vitais de acordo com a vontade de potência. Conforme comenta Julião, Mayer, em 1842-43, criou “o princípio de conservação da energia.” Esta tese pode ser resumida na ideia de que a energia se conserva sempre, mesmo com todas as transformações, ela não pode ser criada, mas, apenas transformada. Concepção que o filósofo alemão combate, pois para ele, “não existe nenhum princípio de penúria (...) de conservação na natureza, a qual faz tudo não para se conservar, mas para se expandir.”¹⁵¹ A preocupação de Nietzsche não é com a demonstração do “princípio de conservação de energia” que permanece válido, mas, a consequência concreta que este tipo de pensamento pode causar. Esse princípio imprime a concepção de que existem aspectos na realidade que se mantêm imutáveis, perenes, apesar das mutações existentes. Para Nietzsche, portanto, nada se mantêm estável, a vida é um constante devir, está se transformando sempre, postura que traz uma perspectiva diversificada diante da existência.

Na divergência com Darwin, o filósofo também estabelece a crítica ao princípio de conservação presente na teoria do cientista inglês. Nietzsche não concorda com Darwin a respeito do princípio de conservação da espécie, pois este, segundo o filósofo, “conduz, frequentemente, ao fracasso e à destruição dos fortes, das exceções (...). Darwin (...) afirma o aperfeiçoamento das espécies visando à conservação.”¹⁵² Nietzsche não aceita que a natureza seja interpretada de forma reativa, que pretende

¹⁵⁰ **Julius Robert Von Mayer** (1814-1878), médico e físico alemão. “O contato de Nietzsche com Mayer se deu por intermédio de Peter Gast, que, em 8 de abril de 1881, lhe enviou o tratado *Mechanik der Warme*, sobre o qual somente se pronunciou um ano depois (...) com tom reprovatório (...). Todavia Nietzsche não deixa de mencionar de forma elogiosa as ideias de Mayer, como se pode constatar nos póstumos: KSA, IX, 11 (24); 11 (68); 11(136). (JULIÃO, 2012, nota de rodapé, p. 91). **Charles Robert Darwin** (1809- 1882), biólogo e naturalista inglês, fundador da teoria moderna da evolução, pela qual ocorreria um desenvolvimento de todas as formas de vida por meio de um processo de seleção natural. **Baruch Espinosa** (1632-1677), filósofo nascido na Holanda. É um dos mais importantes representantes do racionalismo no século XVII.

¹⁵¹ JULIÃO, J. N. 2012, p. 91.

¹⁵² Ibidem, p. 92.

apenas conservar a vida, gerando uma luta incessante para se manter a qualquer custo. Tal perspectiva teria se originado de uma visão distorcida da forma do ser humano pensar sobre si mesmo (no caso, o povo inglês) atribuindo esta interpretação antropomórfica à natureza. Afirma Nietzsche em *A gaia ciência*:

Todo o Darwinismo inglês exala como que o ar sufocante do excesso populacional inglês, o odor da arraia miúda. Mas um investigador da natureza deveria sair de seu reduto humano: e na natureza não predomina a indigência, mas, a abundância, o desperdício, chegando mesmo ao absurdo. A luta pela vida é apenas uma exceção (...) a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder (...).¹⁵³

Do homem culturalmente esgotado é donde pode emergir esta visão decadente da vida que pretenderia a todo custo se manter. Ela, porém, não tende à manutenção de si mesma, não visa absolutamente nada, não tem objetivo algum, a não ser tender a mais potência. O que ocorre na natureza não é uma luta pela sobrevivência, na qual os mais fortes se sobressaem sobre os mais fracos se adaptando a uma realidade estável. Segundo Nietzsche, “todo ser vivo, pode mostrar-se com maior clareza que ele faz tudo para não conservar-se, mas para *tornar-se mais*.”¹⁵⁴ Espinoza também é um dos pensadores que Nietzsche interpreta como portador de um pensamento decadente, a ponto de afirmar: “É preciso ver um sintoma no fato de certos filósofos, Espinoza, por exemplo, o tísico, ter considerado o instinto de autoconservação como decisivo: eram homens em estado de calamidade”. Foi um estado doentio, o causador de uma interpretação também decadente sobre a vida; eram corpos cansados ou doentes, como o de Espinoza. A pobreza e a dificuldade de sobreviver dos povos ingleses¹⁵⁵ teriam gerado também uma perspectiva existencial decadente que os levaram a sustentar o princípio de penúria diante da vida. Podemos inferir que Nietzsche está denunciando um estilo de pensamento que se perpetuou na cultura ocidental, conduzindo-a a um estado de estagnação. O homem estaria bem quando conseguisse preservar um estilo de vida em conformidade com o que predominava entre seus contemporâneos. Neste contexto a valorização da vida coletiva, da obediência a normas comuns, da criação de instituições que defendam o interesse coletivo e que, em última instância, visam à manutenção da vida, é essencial. Num fragmento póstumo, abordando a educação para o rebanho Nietzsche alude a essa formação:

¹⁵³ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*, & 349.

¹⁵⁴ KSA, XIII, 14 [121]

¹⁵⁵ Cf. NIETZSCHE, F. op. cit.

É necessário que se possa te reconhecer pelo que tu és, é necessário expressar teu ser interior por sinais reconhecíveis e constantes – senão tu és perigoso: e se és malvado, a faculdade de te fazer passar por outro é o que o rebanho reconhece como pior. Nós desprezamos aquele que não se deixa reconhecer, que permanece secreto.¹⁵⁶

O diferente parece perigoso em uma sociedade que pretende manter comportamentos análogos; essas condutas que visam a uniformização, têm ressonância nos homens, na sua educação, tanto a formal como a informal. Na nossa interpretação, a educação formal teria se instituído a partir desta visão homogeneizante da existência: educa-se para a manutenção da espécie, repetem-se códigos estabelecidos para que a vida mantenha o seu curso, preferivelmente com o mínimo de contradições. Num sentido diverso, Nietzsche interpreta a vida como expansão, tendência ao crescimento, a ser mais. É importante salientar que ela é manifestação da vontade de potência: “a vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de poder, onde falta a vontade de potência, há declínio.”¹⁵⁷ A vida portanto não tende ao definhamento das forças vitais, mas à sua intensificação. A partir do que se afirmou acima, a vida fora identificada com a vontade de potência, isto é, como uma tendência a sempre superar a si mesma. Retomaremos esta abordagem quando tratarmos do capítulo *Do superar a si mesmo*, no momento, vamos nos ater aos capítulos que antecedem e preparam essa questão. Iniciaremos a abordagem examinando como Zaratustra reafirma a importância da criação.

O capítulo *O menino com o espelho* abre a segunda parte da obra *Assim falou Zaratustra*, nele Nietzsche mostra a volta da personagem principal do livro para a solidão de sua caverna e mantém-se afastado dos homens. Ele espera como um semeador que lançou sua semente, se sente impaciente e anseia o convívio com os discípulos, aqueles que ele amava; considerava que tinha muito ainda para dar-lhes.¹⁵⁸ Atentemos para o fato de que Zaratustra sente necessidade de estar entre os homens, como ocorrera no *prólogo* do livro. Ele buscou revigorar-se na solidão e anseia por divulgar entre os homens o seu ensinamento. Neste momento da obra, Zaratustra ainda age como um “mestre”, embora seja diferente dos pedagogos, sacerdotes ou profetas, que lançam uma doutrina e esperam que esta seja acolhida pelos discípulos. “Ele fixa

¹⁵⁶ NIETZSCHE, F. *Fragmento Póstumo* 24[19] do inverno de 1883/1884.

¹⁵⁷ NIETZSCHE, F. *O Anticristo*, Tradução Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Ed. Escala, 2006, p.13.

¹⁵⁸ NIETZSCHE, F. 2010, p. 111.

sua tarefa de educador, ao sair do seu isolamento e tentar ensinar os indivíduos a se autossuperar”¹⁵⁹, mas esta atitude é provisória, já que o protagonista caminha para a educação de si mesmo, que se manifestará mais precisamente na última parte do livro.

Devemos atentar que a solidão é para Zaratustra um espaço de revigoramento das forças, ele se preenche novamente de sua sabedoria, no entanto sente a necessidade de estar entre os homens de novo. A solidão de Zaratustra, como indica também o prólogo da obra, o torna saudável. Com ela, chega a um grau de vitalidade, de intensidade, tão profundo que o faz sofrer com sua plenitude; não é um sofrimento por falta, mas, por *transbordamento*, por *abundância*. “Existem dois tipos básicos de sofredores: os que sofrem por privação e os que sofrem por abundância. Ora, somente os fortes sofrem de superabundância e buscam o seu alívio no transbordamento da força.”¹⁶⁰ Assim, Zaratustra é um sofredor que não busca alívio na convivência gregária. É a potência, o excesso, o impulso por ser mais que alavanca o protagonista do livro, sendo assim: “a solidão é meio para a educação.”¹⁶¹ Ser solitário é um ato educativo, sua função [da solidão] é contribuir para que o homem seja *mestre de si próprio* e estabeleça um comportamento diverso daquele da maioria, “permitir o desenvolvimento das próprias potencialidades, impedir seu sufocamento pela ‘regra geral’ - eis a essência da solidão na educação.”¹⁶²

Ao voltar para o convívio com os homens, o personagem principal do livro pretende presentear-los com a sua potencialização, com aquilo que tem de melhor. Conforme o que ocorrera no prólogo, a sabedoria adquirida por ele não devia ser guardada, mas anunciada. Talvez possamos identificá-lo com o sentido específico da criação, pois remete à ultrapassagem dos saberes já adquiridos. A sabedoria é vital e intensa, a ponto de fazer com que o personagem-central sinta a extrema necessidade de reportá-la para além de si mesmo. Vejamos como Roberto Machado alude à questão educativa na segunda parte de *Assim falou Zaratustra*:

[...] é constituída por três estágios de crescente importância. O primeiro trata da reeducação dos discípulos através de um ensino em continuidade com a primeira parte: expõe inicialmente, a crença em Deus, considerando-a causa do niilismo incompatível com o super-

¹⁵⁹ OLIVEIRA JR. 2004, p. 85.

¹⁶⁰ SOUZA, Maria Cristina dos Santos de. *Leituras de Zaratustra*/ Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X Faperj, 2011, p. 110.

¹⁶¹ Fragmento Póstumo X 15 [21] do verão/outono de 1883.

¹⁶² FREZZATTI JR., W. A. 2006, p. 196.

homem e a vontade criadora, por abolir o tempo e o devir com a doutrina do imperecível e a promessa de redenção fora do tempo...¹⁶³

O comentário de Machado descreve adequadamente o capítulo que estamos analisando, destaca que o personagem havia lançado sua semente e aguardava que esta germinasse. Tal afirmação indica que há uma intenção educativa e que ela está em continuidade com os discursos do primeiro capítulo. Ele havia anunciado o super-homem, a fidelidade à terra, a morte de Deus e aguardava o resultado de seu anúncio.

Numa manhã, após meditar na cama por muito tempo, Zaratustra diz a si mesmo que tivera um sonho do qual lhe sobreveio medo, o que o faz acordar. Aproximara-se dele uma criança com um espelho, e a imagem que via não era a sua, mas “a cara zombeteira de um demônio. A advertência do sonho é que sua doutrina estava em perigo, o joio queria passar-se por trigo.”¹⁶⁴ A que se remete Zaratustra quando afirma que a sua doutrina está em perigo? Qual doutrina é esta? Qual o perigo que ela corre? O protagonista do livro certamente retoma o ensinamento que apresentou na primeira parte do livro. Ele começou pelo anúncio da morte de Deus, estabelecendo o caminho da superação para o homem e sustentando que este deve ser fiel à terra, sem procurar dar sentido a si mesmo e ao mundo, não há, portanto, que se remeter a forças metafísicas, alheias a si próprio.

Os discípulos de Zaratustra tinham se envergonhado do dom que ele lhes dera, pois sua doutrina fora desfigurada. Ele perdera os amigos e chegara o momento de procurá-los novamente.¹⁶⁵ O sonho que Zaratustra tivera é um indicativo de que a sua doutrina estava sendo distorcida. O demônio, que em vários momentos do livro tenta Zaratustra, é para ele um espírito de peso que o leva a desistir da vida, reaparece neste momento. A perspectiva educativa é bastante precisa, a doutrina, que foi sustentada anteriormente, na qual a exaltação do homem criador é o principal anúncio, está em perigo. Quando Zaratustra se distanciou dos discípulos, eles definharam e acabaram sentindo vergonha do que lhes foi ensinado.

Nietzsche realiza uma profunda crítica à vida gregária, dirigida principalmente à época moderna. Zaratustra foi para a solidão e se alimentou do excesso de sabedoria, a distância da massa permitiu que ele se fortalecesse. Os discípulos, porém, ao

¹⁶³ MACHADO, R, 1997, p. 82.

¹⁶⁴ NIETZSCHE, F. 2010, p. 111. Como ocorre em várias passagens do Zaratustra, esta é uma nítida referência à *Bíblia* (Mt. 13, 24-30). É também uma forma de reverter à doutrina judaico-cristã que historicamente, segundo a interpretação nietzschiana, teria desprezado a vida em função de valores transcendentais.

¹⁶⁵ *Ibidem*.

permanecerem no meio da vida gregária não conseguiram fugir de seu controle e chegaram a sentir vergonha da possibilidade de conduzirem a vida por eles mesmos. Tal crítica é uma reação à comodidade, à manutenção do que está estabelecido. O “mestre” Zaratustra ensinou a autonomia, a afirmação de si próprio, a ousadia diante das dificuldades e agruras da existência. Para isto, é necessário ser implacável consigo mesmo, agir e pensar de modo diverso da forma em que a maioria das pessoas pensam e agem. Pode ser que, por essa razão, os discípulos tenham preferido manterem-se atrelados aos velhos valores, sem coragem de instituir trajetórias originais.

Zaratustra afirma que tem o direito de descer para junto dos amigos e também, inimigos, tornando a falar e doar aos que ama o que tem de mais caro. Ele diz que por demasiado tempo sofreu, viveu na solidão, mas agora quer precipitar suas palavras nos vales. Sustenta que a torrente do seu amor poderia encontrar obstáculos, mas indaga *como uma torrente não encontraria o caminho do mar?* Há um “lago” em Zaratustra que faz com que ele *baste a si mesmo*, também há nele uma torrente que o arrasta para a planície, para o mar.¹⁶⁶ Este desejo de expandir-se não ocorre porque o personagem central pretende que os homens se tornem seguidores cegos dele, não parece que haja carência em Zaratustra a ponto dele depender dos homens. A imagem da torrente que é levada para o mar se refere à força vital que precisa ser transbordada. Podemos nos apropriar desta ideia de transbordamento, de afirmação de intensidades como um horizonte para se pensar a educação. Zaratustra se ocupou em ensinar não por interesses econômicos, visando à formação técnica dos homens para obter, com isso, algum benefício. O seu ensino não é utilitário, apenas visa comunicar o que tem em excesso, embora ele fale em doutrina, esta não remete a teorias que sustentam um determinado padrão de comportamento. Doutrinar, neste contexto, remete à busca constante da superação, da afirmação da força vital que move cada ser humano. Não nos envergonhando de sermos potentes, vibrantes, intensificadores, não temendo a vitória, o sucesso, a liberdade, mas também sem medo do oposto disso, da derrota, do insucesso, do aprisionamento, pois a diversidade da vida exige acolher as contradições.

Esta contradição não é uma aceitação passiva das circunstâncias da vida, mas viver conforme o impulso vital seria seguir o fluir da existência, que é expansivo. Na solidão, as potencialidades de Zaratustra ganham força e ele deseja se precipitar nos vales, para sugerir aos discípulos que podem estabelecer a sua própria doutrina. A

¹⁶⁶ Ibidem, p. 112.

indicação educativa, que encontramos neste capítulo, é apontar que esta doutrina é acessível a qualquer um que tenha a coragem de viver intensamente. É compreensível que os discípulos tenham se intimidado, regredido, pois não é fácil estabelecer novos valores, superar os caminhos já percorridos, já que eles trazem segurança, estabilidade. O novo é quase sempre motivo de terror, de incerteza, mas a proposta de Zaratustra não consiste na manutenção do estabelecido, e sim na superação permanente de si mesmo e, por isso, ele percebe que precisa retomar o ensinamento de sua doutrina.

A imagem do mar, da planície remete a uma oposição ao alto, à montanha, o lugar da sabedoria adquirida através da solidão. A planície alude aos vales, seria o lugar onde estão os homens, a multidão, os amigos e também os inimigos de Zaratustra. É nos corações dos amigos que Zaratustra quer depositar o que tem de mais caro.¹⁶⁷ Diferentemente do que ocorrera na primeira parte do livro, o personagem não anuncia mais uma doutrina para todos, mas apenas para os amigos, os discípulos, aqueles que teriam assumido a sua doutrina da superação, “pois a superação, atuando de maneira dinâmica, impulsionada pelas contradições, sempre buscando o mais e a intensificação (...) como formas de sua expressão, nunca atingirá um ponto de estagnação (...)”.¹⁶⁸ Ela é sempre intensa, prospectiva, não cabe em si mesma, precisa necessariamente crescer, se expandir, “chegar ao mar”. O mar é uma torrente que chega a um lugar que não é um porto seguro, não é um fim absoluto, mas é um local que traz uma visão de unidade, entretanto, contém também tempestades, contradições, passa por calmarias e por tensões. Essa imagem remete à concepção de que viver é prodigalizar o que é grande, o transbordamento, a potencialização de si mesmo. Conforme comenta Gilvan Fogel, ao analisar o capítulo da primeira parte do *Zaratustra, Da morte voluntária*, destacando a relação entre *vida e morte*:

Vida é a eterna, plácida, doadora. O “grande”, de alma “grande”, fala da sobra, do transbordamento, da superabundância – o próprio da vida. E morrer sempre em combate, isto é, vivendo, sendo, existindo e, por isso e assim, na decisão, como decisão, sobrando, transformando, prodigalizando.¹⁶⁹

Viver não é aceitar o que está instituído, mas potencializar o crescimento. Nesta conjuntura, a educação, nesta segunda parte da obra *Assim falou Zaratustra*, pode ser

¹⁶⁷ Cf. Ibidem, p. 113.

¹⁶⁸ JULIÃO, J.N. 2012, p. 80.

¹⁶⁹ FOGEL, Gilvan. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.p. 300.

interpretada como uma “pedagogia do excesso”, das intensidades, do impulso para que o homem ultrapasse a si próprio. A criação emerge da pujança, daquilo que está transbordando, não do que está estabelecido, determinado. A “pedagogia do excesso” difere de uma relação com o conhecimento que impõe aos estudantes a repetição dos saberes adquiridos socialmente. Essa relação apenas satisfaz a necessidade de sobrevivência segundo alguns códigos culturais estabelecidos, visa que o aprendiz esteja preparado para assumir uma função que possa ser útil às instituições vigentes. Este seria um aspecto da educação importante, mas não essencial. Nietzsche nos inspira a pensar um modelo de educação que impulse o homem para a criação, para a superação constante, assim como a vida é sempre tendência a ser-mais, educar só faz sentido quando contribui para que o ser humano desaloje-se do seu lugar e proporcione a si mesmo possibilidades inovadoras. A função da escola não seria trabalhar ações específicas somente, buscar descobrir o talento de cada um, uma vez que os seres humanos podem mudar de forma permanente. A proposta é impulsionar o crescimento constante, isto é, mesmo que as circunstâncias mudem, o homem pode tentar sempre redimensionar a vida. O talento específico pode ser explorado, mas a educação proposta por Nietzsche visa fazer vibrar aquela força que está para além de qualquer especificidade, tendência que faz parte do próprio movimento vital que instiga sempre à autossuperação.

O capítulo *O menino com o espelho*, no nosso entendimento, aponta para a necessidade de reafirmação do *homem criador*. Como ocorrera no início da obra, após passar pela solidão, Zaratustra sente a necessidade de anunciar sua doutrina aos homens. Agora, não se trata do anúncio na *praça do mercado*, para a multidão, mas para uns poucos amigos, aqueles que teriam assumido o desafio de serem criadores. Estes, porém, por estarem no meio do *rebanho* acabam sucumbindo, entretanto, Zaratustra não desiste, continua sustentando que o homem moderno pode ultrapassar uma visão *gregária* da vida. A atitude de ir em direção aos homens contém, conforme nossa interpretação, uma intencionalidade que visa à superação da compreensão negativa da vida. Para aprofundar esta perspectiva, trataremos na seção seguinte: quais os perigos que teriam surgido contra a *doutrina* de Zaratustra e quais são as *imagens distorcidas no espelho* que o filósofo anunciou neste capítulo?

2.2 A tradição ocidental e as doutrinas decadentes

Após o episódio de *O menino com o espelho*, Zaratustra atesta em vários discursos uma espécie de reafirmação da doutrina que ensinara. A tônica é a superação de uma visão tradicional, pautada em valores metafísico-religiosos, apresentando uma visão do homem que cria a partir de si mesmo, da terra, do corpo. *Nas ilhas bem-aventuradas*, *Dos sacerdotes* e *Das tarântulas* são discursos que analisaremos para explicitar a retomada que Nietzsche faz dos ensinamentos do personagem principal do Zaratustra. O estudo destes será um importante aporte para alavancar a nossa tese de que há, no livro, um indicativo de uma educação para o desenvolvimento da singularidade. Podemos perceber isto quando o filósofo, de forma veemente, critica posturas que deturpam a compreensão da vida.

Iniciaremos a análise com o capítulo *Das ilhas bem-aventuradas*. “O título (...) já evidencia que, neste momento, voltar para o meio dos homens, não mais significa voltar para a grande cidade, para a praça do mercado, para todos.”¹⁷⁰ A busca é dirigida aos *únicos*, àqueles que podem ser construtores do próprio destino. “Nietzsche está salientando a importância do indivíduo heroico”¹⁷¹, pois conforme explicita Machado, “na mitologia grega, é nas Ilhas Bem-Aventuradas que se reúnem as almas dos heróis.”¹⁷² O anúncio para todos, presente na primeira parte do livro, agora é restringido para alguns, é para os discípulos de Zaratustra, como afirmamos anteriormente, para os *guerreiros* aos quais ele quer apontar um caminho de singularidade.

No início do capítulo em análise, Nietzsche diz que Zaratustra é como o vento do norte para figos maduros e os que caem sobre o toque do vento, são gostosos e doces. Assim como os figos que caem para os amigos de Zaratustra, seus ensinamentos caem, como sumo e doce polpa.¹⁷³ Zaratustra apresenta o seu ensinamento como uma fruta saborosa, como um vento que sopra sobre os amigos: “Vede que plenitude há em torno de nós! E daqui, desta abundância, é bonito olhar, ao longe, para mares distantes.”¹⁷⁴ O ensinamento que Zaratustra remete aos discípulos é algo saudável, que aponta para horizontes distantes, isto é, indica que o homem pode mudar de *lugar*, seguindo a dinâmica da vida, entendida como um contínuo jogo de forças em expansão.

¹⁷⁰ MACHADO, R. 1997, p. 83.

¹⁷¹ Ibidem.

¹⁷² Ibidem (comentário de nota de rodapé).

¹⁷³ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 114.

¹⁷⁴ Ibidem.

Eugen Fink afirma que nesse capítulo se “firma a *imagem do criador*, a sua relação com o tempo e com o seu ateísmo necessário.”¹⁷⁵ Após anunciar a superação através da imagem do super-homem e comunicar a morte de Deus, o homem pode ser criador tendo a si mesmo como única referência. O personagem retoma a crítica à concepção metafísica de mundo, e novamente acentua o esvaziamento da crença em Deus: “Dizia-se, Deus, outrora, quando se olhava para mares distantes: mas, agora, eu vos ensino a dizer: ‘super-homem.’”¹⁷⁶ Apresenta-se o super-homem como possibilidade de superação do homem moderno, aquele que recebeu a influência de teorias alheias à vida, mas agora pode ser uma ponte para *tornar-se mais*. Para Zaratustra, os discípulos não seriam este super-homem, mas deveriam tornar-se pais e ancestrais deste; esta deveria ser a melhor criação deles.¹⁷⁷ O protagonista se apresenta como modelo, “mas a experiência da superação é singular, somente cada um pode se reconhecer, reconhecer o seu próprio caminho.”¹⁷⁸ Para tornar-se o que se é, é necessária definitivamente a ultrapassagem dos velhos valores. Os discípulos se curvaram perante a antiga doutrina e Zaratustra lhes reapresenta a sua. A melhor criação que estes podem oferecer a si mesmos é serem pontes para que emergja um estilo de homem que não carregue a fraqueza de precisar criar fantasias, mentiras e valores inexistentes para justificar a sua vida.

Em seguida Zaratustra critica os homens do conhecimento quando alude à ideia de Deus. Nesse momento, não se remete apenas às teorias judaico-cristãs ou à metafísica socrático-platônica, mas também ao erudito de seu tempo, ao homem de ciência que não conseguira se afastar das teorias transcendentais. Ele mudou apenas o discurso, entretanto, a fundamentação metafísica de mundo continua implícita em sua forma de pensar e agir: “Podeis pensar um Deus? Mas é isto que significa o vosso desejo de verdade: que tudo se transforme no que pode ser pensado (...).”¹⁷⁹ A tentativa de obter um controle absoluto sobre a vida, é isto que faz com que se estabeleçam teorias universalistas, a busca da pretensão de totalidade, algo que, segundo Nietzsche, é um engodo, pois nega o jogo de forças plural e as contradições inerentes ao mundo. “Procurar descobrir valores que tenham uma existência em si é uma atitude desesperada do decadente, é um desejo de segurança do fraco – é a manifestação dos instintos de

¹⁷⁵ Fink, 1983, p. 83.

¹⁷⁶ NIETZSCHE, F. 2010, loc. cit.

¹⁷⁷ Cf. Ibidem.

¹⁷⁸ JULIÃO, J.N. *O ensinamento da superação em Also Sprach Zarathustra*. Tese de doutorado – Unicamp, Campinas, 2001, p. 187.

¹⁷⁹ NIETZSCHE, F. 2010, op.cit.

conservação.”¹⁸⁰ A proposta nietzschiana alude à verdade como uma perspectiva pontual que não remeta a fixidez, que vise um estado de perfeição ou a um objetivo final. Como afirma Nietzsche em um *Fragmento Póstumo* de 1887: “a verdade não é alguma coisa que existiria para ser encontrada e descoberta- mas alguma coisa que deve ser criada e que se dá em um processo, mais ainda, a uma vontade de ultrapassar que não tem fim.”¹⁸¹ A contínua ultrapassagem de si, o crescimento constante, é o que remete a perspectiva nietzschiana mediante a sua crítica a uma concepção universal de verdade. As doutrinas que remetem a verdades estáticas, a uma essência fixa no mundo, visam um ensinamento que tem como fim último atingir alguma perfeição nos seres, ou seja, alguma veracidade, certeza ou precisão. Ao propor uma verdade móvel que deve ser criada a cada momento, *que não existe para ser encontrada ou descoberta*, o filósofo contribui para que se pense a educação numa outra perspectiva, pois, não há nada no homem ou no mundo que seja imutável. A vontade de ir além, de não contentar-se com nada fixo, mas a busca constante é o que deve mover as interpretações humanas.

Na nossa visão a educação na cultura ocidental está fundamentada nesta concepção de verdade estável. Nietzsche critica a ideia de que haveria uma *verdade fixa* na ciência, na religião, na educação, nos comportamentos. Isso gerou uma postura que teria imprimido, nas vivências e no modo de pensar, a ilusão de uma busca pela perfeição. Neste contexto interpretativo, afirma Frezzatti: “A função da educação é fundamental para o rebanho: além de igualar os homens entre si deve (...) determinar a essência do homem (...) e desprezar as próprias transformações.”¹⁸² A educação se limitaria a indicar a reprodução de comportamentos ou de ações direcionadas para um fim já determinado, que seria a *verdade*, tanto no sentido moral, isto é, na constituição dos comportamentos, quanto nas pesquisas científicas, pois seria a educação “uma instituição social que transmite, constrói e modifica valores éticos. O processo educativo pressupõe valores que fundamentam um determinado fim que se pretende alcançar.”¹⁸³ A crítica nietzschiana, porém, se direciona a uma concepção de homem que tem o objetivo de atuar para dominar ou defender uma determinada verdade, mas, “o conhecimento nada tem a descobrir; ele tem é que inventar.”¹⁸⁴ Esta visão nos remete ao

¹⁸⁰ MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*, São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 103.

¹⁸¹ NIETZSCHE, F. *Fragmento Póstumo* de outubro de 1887, 9 [91].

¹⁸² FREZZATTI JR., W. A. 2006, p.189.

¹⁸³ MARTINS, Angela. *Nietzsche e a mudança de valores na educação*. In: Charles Feitosa; Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro (orgs.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Assim Falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio; Brasília, DF: capes, 2006, p. 320.

¹⁸⁴ MACHADO, R. 1999, loc. cit.

homem enquanto criador, que não descobre “verdades” sobre o mundo, mas cria perspectivas para o mesmo, o criador inventa significados, “produz a realidade”, já que não há sentido em si mesmo, só interpretação humana.

Nietzsche chama de “anti-humanas as teorias do uno, perfeito, imóvel e imperecível,”¹⁸⁵ aludindo às metafísicas que sustentam que haveria uma essência real que dá suporte ao mundo. Tais teorias acenam para o estático, o imóvel, quando para o filósofo alemão, é pelo fluir das forças que devemos criar nossas interpretações. Afirma que “do tempo e do devir devem falar as melhores imagens, estas devem louvar e justificar toda transitoriedade”.¹⁸⁶ Para Nietzsche, vida é trânsito, fluxo, jogo de forças. É ilusório acreditar em um lugar ideal, eterno, imutável. O pensamento sobre Deus remete a esta fantasia: “Deus é um pensamento que torna torto tudo o que é reto e faz girar tudo o que está parado.”¹⁸⁷ A filosofia nietzschiana destaca que tudo é devir, mudança e esta concepção está presente no itinerário de Zaratustra para “tornar-se si próprio”.

Vejamos a interpretação de Rosa Maria Dias sobre a concepção de Nietzsche: “Não há começo, nem ponto final; tudo está ainda por se fazer. E dizer que tudo está em mudança é dizer que tudo está sujeito às leis da destruição. A realidade do devir, da mudança é a única realidade.”¹⁸⁸ Trata-se de um percurso que não visa a um objetivo final, que se afirma a cada situação da existência: tanto que Zaratustra sofre, se alegra, mas não desiste de criar. “Criar é a redenção do sofrimento,”¹⁸⁹ afirma ele. Isto torna a vida mais leve, já que não é sem sofrimentos e transformações que alguém se torna criador. Para poder dar sentido a um mundo em fluxo e sem significados móveis: “muitas mortes e sofrimentos acontecerão aos criadores.”¹⁹⁰ O criador, para tornar-se o que se é, “deve ser o recém-nascido e ao mesmo tempo a parturiente e a dor da parturiente.”¹⁹¹ O personagem de Nietzsche sustenta que a criação a partir de si mesmo é como um parto, ocorre com grandes dores, é um redimensionamento da vontade que não vem de fora do homem, de forças externas a ele, mas das suas próprias entranhas. Trata-se de uma gestação que exige um novo querer, mesmo surgindo no sofrimento, que conduz à alegria: “Tudo o que em mim sente, sofre de estar numa prisão; mas a minha

¹⁸⁵ NIETZSCHE, F. 2010, p. 115.

¹⁸⁶ Cf. Ibidem.

¹⁸⁷ Ibidem.

¹⁸⁸ DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.70.

¹⁸⁹ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, loc.cit.

¹⁹⁰ Ibidem.

¹⁹¹ Cf. Ibidem.

vontade chega sempre como libertadora e porta-voz da alegria.”¹⁹² Para Zaratustra, “o querer liberta” ele ensina “que não determinar valores, não criar representa a doutrina do cansaço e isto ele não quer.”¹⁹³ A vontade para Nietzsche não deve ser confundida como uma deliberação de um suposto “eu pensante”, do homem entendido como sujeito livre que determinaria a sua ação. O querer provém das forças viscerais presentes no homem e isto ocorre mesmo quando ele interpreta a vida aderindo a um ponto de vista decadente. A vontade, entretanto, na concepção nietzschiana, determina que a criação surja das entranhas, daquilo que é mais íntimo do que deve mover o ser humano.

O parágrafo final do capítulo *Nas Ilhas bem-aventuradas* resume as ideias centrais do mesmo, acentua a importância do querer como aquilo que liberta o homem. Liberdade que emerge da capacidade de criar a partir de si mesmo, daquilo que é mais próprio. Não querer, não avaliar é um desinteresse que Zaratustra despreza, ele sente prazer no conhecimento quando esse procria e se traduz em atos¹⁹⁴. Através do personagem do *Zaratustra*, Nietzsche denuncia a morosidade, a ausência de querer, já que o conhecer só faz sentido quando “leva à procriação”.¹⁹⁵ Tal vontade afastou Zaratustra da crença nos deuses. Segundo ele, a ideia de Deus seria um impedimento à criação, pois distancia o homem de si, ao projetar para fora a possibilidade de interpretar o mundo, acaba negando sua própria capacidade de criar: “A sua vontade de criar o impele para os homens, como um martelo é impelido para a pedra,”¹⁹⁶ seu desejo de ensinar, de anunciar novos caminhos, emerge de um crescente aumento de força que nasce de uma *vontade mundana*, imanente.

Zaratustra é portador do excesso, não da falta. É importante novamente acentuar esta ideia, pois ela ajuda a pensar não somente a educação no sentido mais geral, isto é, a não formal, mas pode ser uma indicação educativa no sentido institucional também. O que queremos destacar é que na maior parte de nossas escolas atuais se ensina a partir da falta, então porque não ensinar a partir do “excesso”? É necessário então que expliquemos o que estamos interpretando como falta e excesso. O termo falta é relacionado com a ideia nietzschiana de *esgotamento* das forças vitais que impõem um ensino demasiadamente formal e sem relação com a vida. A crítica de Nietzsche presente na *Segunda consideração intempestiva*, citada abaixo, explicita esta

¹⁹² Ibidem, p. 116.

¹⁹³ Cf. Ibidem.

¹⁹⁴ Cf. Ibidem.

¹⁹⁵ Cf. Ibidem.

¹⁹⁶ Cf. ibidem.

excessiva formalidade que domina a educação, em detrimento de uma formação para a vida:

O jovem começará sua educação aprendendo o que é a cultura, não aprenderá o que é a vida (...) seu cérebro será cheio com uma quantidade enorme de noções extraídas do conhecimento indireto de épocas passadas e dos povos desaparecidos e não da experiência direta da vida (...) como se a própria vida não fosse um trabalho que é necessário aprender a fundo, que é necessário reaprender incessantemente, que é necessário exercitar sem trégua.¹⁹⁷

O filósofo aponta para um ensinamento que é responsável pelo *definhamento das forças* que não contribui para que se desenvolva aquilo que é próprio, único em cada um, apenas visa formar indivíduos que repetem o saber instituído, sem receberem estímulos para a construção de novos caminhos. A questão é demonstrar de que forma estes conhecimentos estão relacionados com a vida e podem ser relevantes para a existência concreta. Educar a partir da “falta” seria ignorar o aspecto vital da educação, desprezando os sentimentos, os impulsos, as intuições, as relações existenciais que vão além da capacidade racional de conceber o mundo. Explorar o excesso, por sua vez, seria em nossa interpretação, dar vazão a potencialidade criativa e que move todo ser humano, o que contribuiria para que a escola não fosse um espaço de cerceamento da criatividade, mas, contrariamente, um lugar apropriado para que esta se desenvolvesse. Saber explorar o excesso, não temê-lo, é um caminho que precisamos aprender. Esta ideia está de acordo com o comentário de Angela Maria Souza Martins:

Vários teóricos da educação afirmam que não podemos fazer uma separação entre educação e vida; no entanto, na maioria das vezes, a educação é um artifício que cria uma vida imaginária que passa ao largo daqueles que pretendem educar, porque ela começa por cercar a força vital das pessoas, matando na verdade, os desejos, os sonhos, as emoções, impondo procedimentos que tiram a capacidade de expressão e criação daquele que se pretende educar.¹⁹⁸

O temor de que o excesso se manifeste como violência, como desobediência à ordem estabelecida remete a uma desesperada tentativa de dominar o caos. A falta remete ao esgotamento, ao desejo de não querer, não avaliar. “É preciso trazer para o processo educacional uma moral que recupere a força vital, a ousadia, a expressão da liberdade, o amor à vida, a imaginação.”¹⁹⁹ A educação sustentada apenas na

¹⁹⁷ NIETZSCHE, F. *Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*. Segunda Consideração Intempestiva. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, número 88- São Paulo: Ed. Escala 2006, p. 118.

¹⁹⁸ MARTINS, Angela. 2006, p. 325.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 326.

manutenção da vida, direciona ações que repetem modos de agir repetitivos, que com o tempo levará necessariamente ao conformismo, à passividade e a angústia por não se pretender *mais criar*.

Dos sacerdotes é outro capítulo no qual Zaratustra aponta para os perigos de sua doutrina ser distorcida. Ele diz aos seus discípulos que embora os sacerdotes sejam seus inimigos, “entre eles há heróis que sofreram demais e por isso querem que outros sofram.”²⁰⁰ Os sacerdotes são portadores da doutrina do sofrimento, são homens da religião, mas aqui Nietzsche também alude aos homens da ciência, da cultura. O sofrimento emergido da negação da vida remete ao desejo do sofrimento alheio, portando o desejo de morte, do desejo de sofrer. Em *Genealogia da moral*, Nietzsche denominou o sacerdote como aquele que instrumentaliza o ideal ascético, perspectiva que está em consonância com a crítica expressa no *Zaratustra*:

(...) o ideal ascético nasce do instinto de proteção de uma vida que degenera, a qual busca se manter por todos os meios, e luta por sua existência; indica uma parcial inibição e exaustão fisiológicas, que os instintos de vida mais profundos, permanecidos intactos, incessantemente combatem com novos meios e invenções. O ideal ascético é um tal meio: ocorre, portanto exatamente o contrário do que acreditam os adoradores deste ideal – a vida luta nele e através dele com a morte, contra a morte, o ideal ascético é um meio para a preservação da vida.²⁰¹

O sacerdote ascético pretende de todos os modos manter a luta pela existência, ele é criador, combatente, mas o seu combate não é pela expansão da potência vital humana, seu embate é pela conservação. Deste modo, tenciona para que os homens sejam dominados pela fraqueza, e não pela força. Ele é útil para uma sociedade que tem medo de viver sem metas, “ele precisa de um objetivo – e, preferirá ainda o querer o nada a nada querer.”²⁰² A consequência dessa atitude para a ação é procurar a segurança, temer o mundo com suas limitações e contradições e criar um sentido para além de si mesmo, como atesta Maria Cristina Amorim Vieira:

O sacerdote aparece como intermediador do desejo de uma *outra vida*, ele seduz os mais infelizes a desejá-la e, mais do que intermediador ele é mentor deste ideal. O sacerdote parece ser aquele que vive mais incessantemente este elã entre vida e morte. Sua promessa é: esta vida é apenas uma transição, há outra melhor, além. Assim, o sacerdote

²⁰⁰ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 120.

²⁰¹ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 132.

²⁰² *Ibidem*, p. 107.

ascético, este curandeiro e agenciador da vida, mas de uma vida abrandada, enfraquecida, vai tentar excluir a morte da vida.²⁰³

Zaratustra afirma na sequência que os sacerdotes chamam de igrejas as suas tendas, que “são um antro de cheiro adocicado”.²⁰⁴ Nesse *lugar sombrio*, nesse *ar abafado*, não é possível ser livre. Aquela liberdade anunciada na primeira parte da obra, que exalta o homem como capaz de superar-se graças a sua capacidade criativa, é retomada aqui. Nietzsche denuncia novamente a prisão imposta por teorias religiosas, pelas quais o homem deixa de ser si mesmo para viver conforme valores sombrios, contrários à vida, estabelecidos à revelia de sua vontade.

Os sacerdotes criaram a penitência, conforme aponta Nietzsche, porque tinham vergonha de si mesmos. Eles chamavam de Deus aquilo que os contrariava, não souberam amá-lo senão pregando o homem numa cruz.²⁰⁵ A invenção das teorias religiosas teve como consequência o aniquilamento, a crucificação do homem, este inventou para si sofrimentos e penitências devido a seus supostos pecados, enfraquecendo o que tem de mais visceral: o seu corpo, que torna possível toda e qualquer afirmação de si mesmo. Segundo Roberto Machado, Nietzsche “critica os sacerdotes, e sua humildade rancorosa, por só terem sabido amar o seu Deus crucificando o homem e por serem prisioneiros de falsos valores e palavras ilusórias do Redentor.”²⁰⁶ Os sacerdotes estabeleceram uma interpretação da vida humilde, subserviente, controlada, que minimiza a possibilidade de expansão, impondo a carência, o definhamento, e não a potência, a força, o excesso.

O último capítulo que analisaremos antes de abordarmos a ideia da vida como vontade de potência será *Das tarântulas*. Neste, Nietzsche através de Zaratustra afirma que “se tocar a toca da tarântula ela estremecerá (...). Em sua alma mora a vingança, onde pica forma uma escarra negra, o seu veneno injeta na alma e a faz rodopiar”²⁰⁷ Por meio dessa afirmação o filósofo alemão considera que os pregadores da igualdade são como as tarântulas, almas vingativas que reagem contra os que valorizam a “diferença.” Ele “aponta a velada impotência que clama e exige por igualdade por ser fraca, sendo que, por meio da igualdade, poderia ela também expor e até concretizar seus

²⁰³ VIEIRA, Maria Cristina de Amorim. *O desafio da grande saúde em Nietzsche*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000, p. 24.

²⁰⁴ NIETZSCHE, F. 2010, loc.cit.

²⁰⁵ Cf. Ibidem, p. 121.

²⁰⁶ MACHADO, R. 1997, p. 85.

²⁰⁷ NIETZSCHE, F. 2010, op. cit., p. 129.

interesses.”²⁰⁸ Assim, pregar a igualdade é um mero “jogo de interesses” que possibilita, aos fracos, manterem a impotência como se esta fosse uma manifestação de força. Através da metáfora das tarântulas, o filósofo acentua a importância de uma visão de mundo que ultrapasse o comportamento uniforme: “Elas [as tarântulas] são animais que atacam suas presas de modo furtivo, saltando sobre elas a partir de tocas escuras, onde ocultam seu ser perigoso e venenoso.”²⁰⁹ Nietzsche também valoriza a abertura ao estabelecimento de modos de vida diversificados e critica os que se denominam sábios por se auto-denominarem portadores da igualdade, ao proporem o nivelamento e a eliminação da diversidade. Zaratustra diz que não quer ser confundido com estes homens, pois a sua justiça fala: *os homens não são iguais.*²¹⁰

A pregação da igualdade sustenta a compreensão de um mundo sem metamorfoses, com doutrinas repetitivas: “A igualdade e a universalidade atribuídas ao homem o convertem em função do rebanho.”²¹¹ Na perspectiva educativa de Nietzsche deve-se apostar num constante investimento em si, no aspecto de que somos seres únicos, absolutamente distintos de todos os outros da natureza. “Ao partir da singularidade do homem (...). Nietzsche procura conferir-lhe uma nova dignidade, enquanto lhe atribui a possibilidade de dotar a existência de sentido e valor desde uma perspectiva própria, singular e não comum.”²¹² Ser singular consiste na atitude de procurar a solidão própria de cada um, aquele *mundo* no qual nenhum outro pode penetrar, porque pertence a alguém específico, pois *só se vive a experiência de si mesmo.*²¹³ Nossa cultura está imbuída de uma concepção que visa um comportamento geral como base para dimensionar propostas educacionais e, para isso, o sangue de muitos é sugado para que a máquina coletiva possa funcionar! O filósofo alemão propõe que se parta da “regra particular”, para se estabelecer sentidos, cada homem é um universo e precisa descobrir-se e projetar-se a si mesmo para que não viva toda uma existência pautada em valorações inibem a expressão da sua singularidade.

A perspectiva deste capítulo é realizar uma análise educativa, o que se justifica exatamente pelo fato de Nietzsche privilegiar uma educação para *ser o que se é*. Os pregadores da igualdade remetem a uma visão de homem e, conseqüentemente, a uma

²⁰⁸ TOMAZELLA, Marlon. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 213.

²⁰⁹ SOUZA, M.C.S. de. 2011, p. 109.

²¹⁰ NIETZSCHE, F. 2010, p. 131.

²¹¹ AZEREDO, Vania Dutra de. *Nietzsche e a aurora de uma nova ética*, São Paulo: Humanitas; Unijuí, 2008, p. 275.

²¹² *Ibidem*.

²¹³ NIETZSCHE, F. 2010, op. cit., p. 187.

visão de educação na qual os diferentes são tratados como iguais. Aliás, está é uma visão que o filósofo em estudo criticou na sua época e que continua presente na cultura ocidental, já que em muitas circunstâncias da vida atual não se levam em conta as diferenças individuais. Confirma esta ideia o que comenta Barrenechea:

Nietzsche, muitas vezes, afirma que existe vingança nas propostas políticas dos democratas e dos socialistas. Ele é um crítico mordaz dos desejos “igualitários” da sua época: o nivelamento por decreto é tentar eliminar arbitrariamente as diferenças impostas pela própria vida, entre indivíduos fortes e fracos.²¹⁴

Tal postura produz a ilusão de que existe uma universalidade no agir humano e acaba minando as potencialidades, afasta as possibilidades de criação a partir do que é específico de cada um. Quando se acentua um comportamento igualitário, a ocasião de *intensificar* as forças vitais, de atingir *a montanha, o alto*, o lugar próprio, fica restringida. A atitude simbolizada pelas tarântulas é contrária ao aumento do vigor humano. Eugen Fink comenta que as tarântulas lutam contra tudo aquilo que é potente. A vida forte estimula a desigualdade entre os homens, mas aquele que se sente mais impotente é o que mais defende a igualdade. As tarântulas tecem a sua rede e estrangulam a vida nobre.²¹⁵

Os capítulos analisados anteriormente remetem a retomada da crítica a atitudes que impossibilitam o homem de viver de forma intensificadora. Trata-se de uma postura contrária a atitudes históricas que levaram o homem moderno a desenvolver modos de pensar a vida que fragilizam o ato criador. O questionamento aos valores transcendentais sustentados pelos *sacerdotes*, a pregação da igualdade das *tarântulas* em *As Ilhas Afortunadas*, indicam que Nietzsche, através de Zarathustra, quer frisar a importância do homem adotar uma atitude diferente: criar valores, dar sentido para o mundo.

Após a análise dos capítulos acima estudados, nos deteremos na seção seguinte na abordagem da *educação como afirmação da vida*, tendo como base principal o capítulo *Do superar a si mesmo*, entretanto, tematizaremos outros capítulos que o antecedem e sucedem, considerando que remetem a concepções que podem ser consideradas educativas, são eles: *O canto noturno*, *O canto da dança* e *O canto do túmulo*; *Da Redenção* e *A hora mais silenciosa*.

2.3. A educação como “afirmação da vida”

²¹⁴ BARREBECHEA, M.A. 2008, p. 127 (comentário de nota de rodapé).

²¹⁵ Cf. FINK, E. 1983, p. 84.

Do superar a si mesmo será o capítulo central para a abordagem que faremos sobre uma educação neste capítulo do nosso trabalho. Nele Nietzsche define a vida como vontade de potência: “onde há vida também há vontade: mas não vontade de vida, senão - é o que te ensino - vontade de poder.”²¹⁶ O filósofo afirma que a vida não tende à conservação, mas à constante expansão. Será nesse aspecto, de incessante superação, que podemos empregar o conceito de vida para sustentar a presença de uma perspectiva educativa no capítulo em estudo.

Antes de analisarmos a vida entendida como intensificação, abordaremos alguns aspectos presentes nos cantos de *Zarathustra* - que interpretamos como uma espécie de introdução preparatória para o capítulo que será foco de nossa análise. Depois do último discurso, “há como que um corte na narrativa e Zarathustra aparece só, não mais pregando ou discursando para outros, mas cantando.”²¹⁷ Nos cantos, Zarathustra não fala, mas se exprime artisticamente. Cantar é a melhor forma de expressar a vida enquanto intensificação. Em *O canto noturno*, ele diz que é noite, momento no qual falam mais alto “todas as fontes borbulhantes.”²¹⁸ A alma²¹⁹ de Zarathustra “é um canto de alguém que ama.”²²⁰ Ele se apresenta como alguém que manifesta um enorme grau de intensificação. Assim como a escuridão, que no cair da noite faz cintilar uma luz em si, ele quer poder brilhar. Isso indica que Zarathustra é autossuficiente, não recebe “luz”

²¹⁶ NIETZSCHE, F. 2010, p. 146. É importante acentuar que a utilização do termo “poder” não é unânime entre os comentadores e tradutores, uns utilizam “poder”, outros “potência”. Barrenechea afasta-se da tradução de Paulo César de Souza e opta por traduzir “Macht” por potência, argumentando que, em português, tem um sentido mais abrangente: há potência no homem, nos animais, no mundo orgânico. Já “poder” se limita às relações humanas, alude ao poder militar, econômico, estatal e outros. (Cf. BARRENECHEA, *Nietzsche e o Corpo*, 2009, p. 59, nota de rodapé). Para Antônio Edmilson Paschoal, entretanto, o termo deve ser traduzido por “vontade de poder”, para dar ênfase à ideia de “poder” como “jogo de poder” e para se distanciar do termo “potência” que é um conceito próprio da filosofia aristotélica (Cf. PASCHOAL, 2009, p. 39). Utilizaremos “potência” por concordar que este termo é mais abrangente e não se remete apenas à potencialização humana. Porém, as traduções que estamos utilizando: de Mario da Silva e de Paulo César de Souza utilizam o termo “poder”. Para ser coerente com as traduções, sempre que for necessário utilizar uma citação direta, seguiremos os tradutores.

²¹⁷ MACHADO, p. 1997, p. 86.

²¹⁸ NIETZSCHE, F. op.cit, p. 135.

²¹⁹ É importante ressaltar que a concepção de alma, em Nietzsche, não se remete a uma esfera metafísica que está para além do corpo, da vida. Alma deve ser entendida como o movimento de todo o “ser” de um indivíduo, manifestando-o de forma unitiva, é a expressão de suas forças corporais. Afirma Nietzsche: “A crença no corpo é bem melhor estabelecida do que a crença no espírito” (Fragmento Póstumo, 1885, 40 [15]). Nietzsche critica à tradição dualista que vem de longa data, como por exemplo, na tradição platônica, na qual “a alma é entendida como uma substância relacionada ao mundo ideal” (BARRENECHEA, 2009, p. 10). Seria ela uma realidade perfeita e verdadeira que se opõe a uma realidade limitada e imperfeita que é o “nosso mundo terrestre”. Mas, Nietzsche, conforme comentário de Barrenechea, “sustenta de forma enfática, ao longo de toda sua obra, que todos os fenômenos psíquicos surgem exclusivamente da atividade orgânica e que mesmo os processos denominados espirituais ou racionais decorrem de atividades instintivas” (Ibidem, p. 10-11).

²²⁰ NIETZSCHE, F. op.cit., p. 135.

alheia, é senhor de si próprio, absorve e se fortalece da luminosidade que emerge de si mesmo. Esta é uma evidente crítica ao homem moderno que constrói as suas interpretações sobre a vida a partir daquilo que é alheio, sendo, por isso, desvitalizado e não consegue criar sentidos para o mundo a partir daquilo que é visceral. Conforme comenta Sabina Vanderlei: “A alma de Zaratustra tem anseio de amor (...) é um amor em sua mais elevada concepção: o *amor fati*. É um sentimento fundamental para os que partem as velhas tábuas e afirmam a existência.”²²¹ Zaratustra vive em situação de abundância, por isso quer experimentar algo diferente. Essa abundância se traduz como uma celebração da intensidade, como a valorização do querer *ser mais*.

Zaratustra não teme a intensificação, o excesso, ele aprende com a vida e constrói um itinerário próprio diante dela. A noite o instiga a falar, como uma nascente que dele brota²²², a escuridão é contrastada com o excesso de luz²²³ que ele tem. “É uma alma dadivosa tão plena de si mesma que dá e sente inveja da sua própria doação.”²²⁴ Isto o impulsiona ao *aprendizado de si mesmo*, portanto, como já afirmamos anteriormente, o conteúdo de seu aprendizado não parte de uma perspectiva de recepção de informações estabelecidas pelo *rebanho*, “é um canto de nostalgia do pensador, solitário na luz do sol do seu conhecimento, pela noite, pelo abismo, pela dissimulação,”²²⁵ sendo uma orientação para um caminho singular. O nostálgico canto noturno é um canto do solitário, que chega a sofrer com o seu excesso de luz em contraste com a escuridão. Vemos nele uma perspectiva educativa que celebra uma nova linguagem que está para além da forma habitual de ensinar, o canto é “interno”, não formal, pessoal, não se remete a outrem, mas àquilo que é *próprio* e, no nosso entendimento, impulsiona o protagonista a ensinar e aprender a “expansão da vida.”

Em *O canto da dança*, Zaratustra canta um louvor à dança, ao repreender as belas jovens que dançavam²²⁶, para que elas não parassem a sua atividade artística. Ele estaria contrariando e lutando contra *o espírito de gravidade* - aquele comportamento

²²¹ VANDERLEI, Sabina. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 410.

²²² Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 137.

²²³ Nietzsche apresenta Zaratustra como portador da luz que pode ser contrastada com as trevas da caverna de Platão, que sustenta que o verdadeiro conhecimento do mundo se dá na esfera transcendente (Cf. PLATÃO, *A República*, Livro VII). A luz em Zaratustra quer iluminar a própria vida superando uma interpretação além-mundo. A luz remete a Dioniso e segundo Machado o Canto Noturno é “caracterizado por Nietzsche como um ‘dítirambo dionisiaco’ (...) entoado por um coro em honra a Dioniso (...) *dítirambo de solidão do sol na luz* (*Ecce Homo*, Assim Falou Zaratustra & 8).

²²⁴ VANDERLEI, P. 2011, op. cit., 411.

²²⁵ FINK, E. 1993, op. cit., p. 87.

²²⁶ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 137.

que rejeita a leveza, a beleza. Como alguém que ama a vida, Zaratustra preza pela possibilidade de ser livre, de superar os pesos impostos pela cultura. Logo em seguida após o episódio da dança, o personagem entoia um canto. Mesmo que por um momento curto, ocorre uma superação dos pesos impostos pela cultura da demasiada formalização. Ele mesmo ainda não consegue dançar, pois não é plenamente afirmativo, mas assistir alguém que expressa a arte, no caso a dança, o incita ao canto, ou seja, o torna criador. Ao assistir as jovens dançarem, o personagem sente a necessidade de se expressar artisticamente, não dança - imagem que é símbolo da leveza, de despreendimento dos formalismos -, mas canta, algo que também é uma expressão da arte, portanto, da liberdade, de uma forma leve de conduzir a vida. Interpretamos que a imagem da dança e do canto sugerem possibilidades educativas por remeterem a atitudes que visam livrar o homem das forças que minimizam a potencialização da vida. O demasiado formalismo, presente em muitas correntes educacionais, pode ser caracterizado como um desses pesos. Basta atentarmos para a crítica que Nietzsche levanta - já abordada anteriormente - sobre o racionalismo socrático. A proposta nietzschiana remete a abertura a modos de vida intensificadores. A escola ao valorizar a arte, a criação, pode redimensionar a relação com o conhecimento. A arte dimensiona para a criação de perspectivas novas, aborda aspectos que extrapolam o uso metódico do corpo, mas também exige disciplina, trabalhados com aspectos que desenvolvem outras capacidades dos discentes que vão além da dimensão da racionalidade.

O protagonista da obra em estudo afirma que olhara nos olhos da vida e parecia que ela o afundava no imperecível, mas logo ela o tirou para fora e riu zombeteira.²²⁷ A vida zomba de Zaratustra por tê-la considerado misteriosa. Entendemos esse episódio como uma crítica ao homem ocidental, que cria teorias mirabolantes diante do que não entende e formula hipóteses transcendentais para justificar sua ignorância. O homem moderno mantém o equívoco de querer abarcar plenamente o saber, de tornar controlável a existência; a vida, porém, “escapa de todas as tentativas de enclausuramento que qualquer *ideal* possa vir tentá-la.”²²⁸ A vida se apresenta como uma força, algo que muda constantemente, sendo “selvagem” como uma *mulher sem virtude*²²⁹, isto é, que não se deixa dominar, controlar, e existe livre sem domínio, sem pudores, sem restrições, para além de qualquer interdição moral, isto é, ela é sensível,

²²⁷ Cf. Ibidem, p. 138.

²²⁸ VIEIRA, M.C.A. 2000, p. 37.

²²⁹ NIETZSCHE, F. 2010, p. 139.

intensa e exuberante. Zaratustra conversa a sós com sua sabedoria e ela zangada diz: “Tu queres, desejas amas; e somente por isso louvas a vida!”²³⁰ Querer, desejar, amar, é atitude de quem vive intensamente. Na seqüência da cena, a vida perguntou a Zaratustra: o que vem a ser a sabedoria? Então ele respondeu:

Tem-se sede dela e não se fica saciado, olha-se para ela através de véus, procura-se caçá-la com redes.
É bonita? Sei lá! Mas é uma isca com que as mais velhas carpas ainda se deixam fugar.
Mutável, é ela, e voluntariosa; vi-a, frequentemente, morder os lábios e passar o pente no cabelo a contrapelo.
Talvez seja má e falsa e, em tudo feminina; mas, quando fala mal de si mesma, é então que mais seduz.²³¹

Observemos que quando Zaratustra fala da sabedoria, o seu discurso alude aquilo que a vida havia dito de si mesma. A sabedoria dele e a vida se identificam a ponto de parecer que, ao falar da primeira, ele estivesse falando de si mesmo. Este é um significativo fato para a nossa análise sobre as questões educativas presentes nessa passagem do texto. Sugere o caminho mutável da vida como ensinamento, pois foi a leveza e beleza da dança das jovens que o motivaram a cantar. O seu ensinamento é, portanto, artístico. Um ensino que se distancia cada vez mais do formalismo, já que com a vida que aprende o percurso para ser o que se é.

Voltando ao episódio da dança, vemos que quando esta acaba, as moças vão embora e Zaratustra sente-se triste. O personagem sentia que algo desconhecido estava ao seu redor e se pergunta como ainda vivia: “Não seria tolice viver?”²³² A ausência de alguém que dance, que o afaste do *espírito de peso*, do seu *demônio*, o faz sofrer. Ele “ainda não havia superado o espírito de gravidade do niilismo, e nem havia passado pela experiência do eterno retorno.”²³³ Não era possível ainda afirmar a vida plenamente. Isso só ocorrerá posteriormente, entretanto, continua o embate consigo mesmo, pergunta se não seria tolice viver, mas não desiste da vida. “O peso das verdades do mundo que [ele] carrega consigo, na condição de homem entre outros homens, não o impede de associar-se à dança.”²³⁴ Mesmo que não seja plenamente, mesmo havendo, em Zaratustra, algo que o impedia de *ser o que se é*, ele celebra a expressão vital da arte simbolizada pelas jovens. A força da beleza, da jovialidade, da dança permite que ele

²³⁰ Ibidem.

²³¹ Ibidem.

²³² Ibidem.

²³³ VANDERLEI, S. 2011, p. 110.

²³⁴ SOUZA, M.C.S. 2011, p. 112.

dialogue profundamente com a vida, por outra parte, ele se frustra quando a dança termina.

A vida se apresentou, perante o protagonista, como mutável, mas não imperscrutável. É possível que o homem dialogue com ela, não podendo ignorá-la e nem dela fugir. Por ser a vida como uma mulher indomável, é possível amá-la, querê-la, deixando-nos ser conduzidos pela leveza de seu jogo e de sua dança inocente. No final do canto, Zaratustra pede desculpas aos discípulos, por sentir-se triste,²³⁵ ele ama a vida mais ainda não consegue unir-se a ela plenamente, estando impossibilitado de transmitir o que tinha de melhor, de mais intenso: “Embora (...) tivesse ele próprio amor à vida (...) ainda se abalava com o niilismo circundante e com os próprios afetos ruins que brotavam de sua relação com o mundo, a ponto de entristecer-se e por em dúvida seu próprio amor à vida.”²³⁶

A vitalidade que contagia Zaratustra no canto que analisamos anteriormente dá lugar a um sentimento de *sepultamento* ao longo de todo o canto posterior: *O canto do túmulo*. Nessa seção, o personagem nietzschiano se dedica a falar daqueles que perderam o prazer de viver e todo o frescor de sua juventude. Zaratustra alude à ilha dos sepulcros, lugar no qual se encontram os sepulcros de sua juventude.²³⁷ Ele parece se referir a momentos do passado que não foram vividos com intensidade e aos seus inimigos, os que divulgaram visões decadentes sobre a existência. Embora Nietzsche não mencione quem são tais inimigos é possível inferir que se trata daqueles homens que são amantes da fraqueza, que aniquilam tudo o que é forte, que odeiam o que é potente, que fizeram dos dias de Zaratustra um aprendizado que o levou ao meio dos túmulos, ao declínio. Maria Cristina dos Santos de Souza apresenta algumas observações sobre o que Zaratustra padeceu perante o sepultamento de si mesmo: “não poderíamos pensar que a juventude de Zaratustra represente os vigorosos horizontes abertos ao mundo ainda em sua origem”?²³⁸ Estaria Nietzsche, através de Zaratustra, lamentando o percurso que tomara a história da vida do homem ocidental, ao elaborar interpretações negadoras da existência e, desse modo, impedir que a vitalidade conduzisse o homem sempre ao crescimento, a “ser mais”? E continua a comentadora: estaria Zaratustra, “aludindo à oposição erguida na origem do mundo entre a sedução de

²³⁵ Cf. NIETZSCHE, F, 2010, p. 140.

²³⁶ MARTINS, André. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 458.

²³⁷ Cf. NIETZSCHE, F, 2010, op. cit.

²³⁸ SOUZA, M.C.S. 2011, loc.cit.

uma única e consoladora verdade sobre a existência e a vontade de infinitos, seguramente incertos, mas também florescentes horizontes”²³⁹ Neste caso, o mundo teria sido aprisionado em sepulcros, que impediram visões afirmativas sobre a vida, destruindo as formas de existência diversificadas. No canto em estudo vemos uma crítica à cultura ocidental, que estaria fadada ao sepultamento, por ter sido assolada por teorias que enfraquecem a potência vital do homem, além da crença em uma única verdade, o que impediu que perspectivas diversificadas fossem possíveis.

Parece plausível interpretar, também, que Nietzsche afirma que o vigor da juventude de Zarathustra foi contaminado pela convivência com o homem moderno, que, segundo a perspectiva nietzschiana, cultua a morte, estabelece valores decadentes e formas de viver doentias. Salientemos que Zarathustra viveu durante trinta anos no meio da massa, durante esse período sua juventude fora contaminada pelos valores deturpados dessa época. Ele não esteve isento da influência de uma sociedade medíocre e decadente. Por isso aos trinta anos, período da maturidade, vai para a solidão a fim de tentar aprender e percorrer o caminho *da singularidade*.

O canto destaca a repugnância àqueles que fazem lembrar os túmulos, ou seja, daquilo que passou e não pode mais voltar, tudo o que não foi devidamente vivido na juventude porque os inimigos de Zarathustra tiraram dele essa possibilidade. Mas a sua vontade de destruir os túmulos é superior. A ressurreição pode surgir exatamente a partir da morte: “só há ressurreição onde há túmulos.”²⁴⁰ As suas diversas “mortes” abriram a possibilidade de ressurgir, de recriar-se, ele “faz a grande descoberta rumo à sabedoria trágica. Descoberta essa que não diz respeito mais à humanidade ou aos discípulos, mas à *experiência de si próprio* – é o momento que começa a viver o processo da própria redenção.”²⁴¹ É importante destacar que os *Cantos* estudados não são de fácil compreensão, como afirma Fink: “É difícil dizer o que eles significam. Tratar-se-á de cantos que exprimem estados de alma, cujo sentido mais profundo seria vão procurar”²⁴² Concordamos com Fink, entretanto, entendemos que é possível inferir dos cantos uma interpretação que pode servir à educação não formal, enquanto busca de novos caminhos, porque para afirmar a vida, não é suficiente falar; somente através do canto, é possível estabelecer um ensinamento para além dos determinismos. Os cantos

²³⁹ Ibidem.

²⁴⁰ NIETZSCHE, F. 2010, loc.cit.

²⁴¹ COSTA, Gustavo .B.N. *Leituras de Zarathustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.p. 306.

²⁴² FINK, E. 1983, p.85.

simbolizam aspectos diversificados da existência, expressam alegria, gozo, como indica *O canto da dança*, mas também englobam o sofrimento, a nostalgia - presente no *Canto noturno* - e a tensão em relação ao passado - no *Canto do túmulo* -, ou seja, são cantos existenciais por expressarem sentimentos diversificados, tipicamente humanos. Eles aludem à vida em toda a sua complexidade, indicando que para haver redenção é preciso superar os esquemas que enquadram e limitam o homem. A criação de si próprio pode ser empreendida após ter morrido na melhor época da vida. Não seria por esta razão que o capítulo seguinte versa sobre a superação de si mesmo? A seguir tentaremos esclarecer essa questão.

Em *Do superar a si mesmo*, o protagonista afirma que a vontade de conhecer a verdade é o que inflama *os mais sábios dentre os sábios*. A vontade de que “todo o existente é possível de ser pensado.”²⁴³ O filósofo de Röcken critica aqui, os homens do conhecimento que querem abarcar o mundo através do saber,²⁴⁴ com sua arrogante e ingênua pretensão de dominar plenamente a realidade. Esse controle, entretanto, não é para tornar o homem senhor de si mesmo, mas para criar algo que o domine: “A vossa esperança e embriaguez é criar um mundo que possais ajoelhar-vos diante dele.”²⁴⁵ Os homens do conhecimento impuseram à massa conceitos banais, frágeis, geradores de fraqueza. A valoração emerge do querer dominar; este domínio parte de uma vontade fraca, mas não deixa de ser uma manifestação da vida. Nietzsche está, desse modo, “visando aos representantes do pensamento socrático-platônico, a metafísica da vontade de verdade, o projeto niilista de uma ‘velha vontade de potência.’”²⁴⁶ A perspectiva dessa concepção criticada pelo filósofo alemão é decadente, mas cria sentidos, remete a determinados tipos de comportamentos, no entanto, o significado desta tendência que busca a todo custo a verdade, é doentio.

Nietzsche vai experimentar o pensamento da vontade [de potência], que afirma que as configurações se dão por meio de uma estrutura essencialmente relacional, na qual cada elemento só conquista a determinação que é a sua a partir do embate relacional com os demais elementos.²⁴⁷

Será esse embate típico da vida que pode torná-la uma força educativa, já que impulsiona o homem para novas formas de constituir-se, de “determinar-se”. A

²⁴³ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 143-144.

²⁴⁴ O filósofo também estabeleceu esta crítica no capítulo *Nas Ilhas bem-aventuradas*.

²⁴⁵ Cf. NIETZSCHE, F. op. cit.

²⁴⁶ MACHADO, R. 1997, p. 100.

²⁴⁷ MELO, Rebeca Furtado de. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 177.

perspectiva sobre a vontade de potência “descreve como a vida se dá (...) deseja pensar um mundo que se autodetermine (...) é, justamente, a descrição dessa dinâmica de autocriação, autodeterminação da vida”.²⁴⁸ Onde Zaratustra encontrou vida, ouviu falar também de obediência, por isso afirma que todo vivente é um obediente²⁴⁹, diz que há na natureza um jogo de forças no qual o mando e a obediência interagem. Essa hierarquia não significa que uma força se submete a outra força por coerção, por tirania, mas por impulso característico da própria vida, ou seja, “a luta é sempre pela precedência, nunca pelo aniquilamento do adversário.”²⁵⁰

Afirma Nietzsche: “Toda força motora é vontade de potência, não existe fora dela nenhuma força física, dinâmica psíquica.”²⁵¹ A força que domina num determinado momento, posteriormente poderá ser dominada e é, nesse embate constante, nessa tensão, que ocorre o devir da existência. “Querendo-vir-a-se-mais-forte, a força se esbarra em outras, que lhe opõem resistência; inevitável, trava luta por mais potência”.²⁵² A vida compreendida como constante expansão de forças tenciona sempre a superação, busca que leva constantemente a “tensão criativa”, pois ela é parte integrante da dinâmica da vontade de potência.

Compreender uma realidade “em movimento”, em constante transformação, leva o homem à possibilidade de interpretar, de criar. Neste contexto, significa gerar “o novo” e não apenas pautar-se no que está socialmente ou culturalmente pré-concebido. Um fragmento do outono de 1885/86 ajuda a compreender essa dinâmica: “o mundo é em fluxo, como algo que vem a ser, como uma falsidade que sempre novamente se desloca que jamais se aproxima da verdade – pois não existe nenhuma verdade.”²⁵³ Se não existe verdade, não há nada estável, e isso pode soar como frustrante, desestimulante, pois somos ensinados desde pequenos que certos conceitos, comportamentos, leis, são universais, intocáveis. A perspectiva nietzschiana parece deixar o homem sem horizontes, a mercê de desistir de uma vida sem sentido ou assumi-la de forma pessimista. Entretanto, o caminho pode ser outro, o homem tem a possibilidade de buscar exatamente nesta ausência de verdade a possibilidade de criar, de ser senhor do seu destino, da sua história, sendo que o sentido da vida não é

²⁴⁸ Ibidem.

²⁴⁹ NIETZSCHE, F. 2010, loc.cit.

²⁵⁰ Ibidem, p. 56.

²⁵¹ NIETZSCHE, F. *Fragmento Póstumo* da primavera de 1888 14 (121).

²⁵² MARTON, S. *Nietzsche, filósofo da suspeita*. Rio de Janeiro: Casa do Saber, 2010, p. 53.

²⁵³ NIETZSCHE, F. *Fragmento Póstumo* do outono de 1885,1886, 2 [108].

“encontrado em nenhum lugar que não seja nela mesma.”²⁵⁴ O homem, enquanto parte do jogo de forças vitais que move o mundo só encontra sentido em si próprio, mas este sentido deve ser compreendido sempre de modo perene, isto é, deve-se estar atento sempre às inevitáveis mudanças no homem e no mundo.

Na luta entre as forças expressa pela vontade de potência a vontade mais forte pode enfraquecer dando lugar à outra que luta para dominá-la, esta última, uma vez adquirindo o domínio sobre as demais forças, já corre o risco de ser dominada. Esta dinâmica evidencia o aspecto mutável da realidade e também exprime a harmonia conflitante entre as forças: “A partir do combate incessante se estabelecem hierarquias provisórias (...) as funções orgânicas são explicadas como resultados de hierarquias estabelecidas num determinado momento.”²⁵⁵ Quem é dominado admite esta condição porque ela faz parte da dinâmica vital, inclusive porque terá a possibilidade de estabelecer o seu momento de domínio. Assim, as forças dominadas dependem das que dominam e vice-versa.

De que modo este pensamento sobre o *jogo de forças* pode articular-se com as questões da educação? Entendemos que contribui basicamente para que não se compreenda o homem e nem a realidade de modo estático, uniforme. A vida entendida como dinâmica, como constante devir no qual as forças querem sempre dominar ultrapassa aquilo que Nietzsche denominou como fraqueza, que seria buscar um lugar de estabilidade, de calma, de equilíbrio diante da existência. O homem não deve tender à constância, a fixidez nas coisas, tal visão contraria a dinâmica da vida - que se caracteriza pela tensão, pela luta entre as forças. A tensão não é destrutiva, aniquiladora do homem e do mundo; ela ocorre exatamente para exprimir a potência da vida. Interpretamos que a educação, compreendida neste contexto, levaria a uma visão ativa associada à necessidade de expansão de si, de inovação constante. Somente para criar é o que sugere a perspectiva educacional que podemos extrair da concepção de vontade de potência, educar só faz sentido quando possibilita intensificar a vida, levá-la ao aumento de potência, ao crescimento. Educar é conduzir o homem a ser mais, a não contentar-se nem consigo nem com a sua época. Seria dar vazão à força vital que move toda a realidade, que se manifesta como vontade de potência, isto é, superar as interpretações decadentes que impedem ou limitam a força que pulsa nos corpos para

²⁵⁴ JULIÃO, J.N. 2012, p. 103.

²⁵⁵ BARBOSA, Marcelo Giglio. *Crítica ao conceito de consciência no pensamento de Nietzsche*, São Paulo: Beca Produções Culturais, 2000, p. 103.

que estes tendam a ir além de si mesmos. Nesse sentido, sustenta Zaratustra que: “onde encontrei vida, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servo encontrei a vontade de ser senhor.”²⁵⁶ Eis um trecho fundamental para entendermos o contexto daquilo que foi sustentado acima. Onde há vida está presente uma força que procura sempre ser mais. Por isso, precisamos destacar novamente o sentido que o filósofo atribui ao termo vontade de potência.²⁵⁷ Até na fraqueza esta vontade se manifesta, já que subjacente à atitude servil existe um desejo de crescimento, tanto que para o filósofo o mais fraco serve ao mais forte, mas quer dominar outros mais fracos e desse prazer não quer prescindir.²⁵⁸ A vontade de potência se manifesta também em quem serve, pois na situação de fraqueza, em formas dominadas e doentias, há também manifestação de força, embora decadente. Tanto que Zaratustra diz: “Onde há sacrifícios e serviços prestados e olhares amorosos: ali também, há vontade de ser senhor.”²⁵⁹

Para esclarecer o que fora descrito acima, lembremos que a vida confiou a Zaratustra um segredo: “Vê, disse, eu sou aquilo que deve sempre superar a si mesmo”.²⁶⁰ Afirmação que aponta para o sentido que o filósofo alemão, através de Zaratustra, assinala como característica da vida. A vida pode ser compreendida como superação constante. A partir dessa afirmação, defendemos a tese de que há uma perspectiva educativa presente na segunda parte de *Assim Falou Zaratustra*. A vontade de potência concebida como vida aponta para a intensificação e não para a conservação²⁶¹ da existência:

[...] a vontade de acumulação é específica para o fenômeno da vida, para a alimentação, a geração, a herança, para a sociedade, o estado, o hábito, a autoridade (...). Não apenas a constância da energia, mas a economia maximal do gasto: de maneira que *o querer-ser-a-ser-mais-mais-forte* é a partir de cada centro de força a única realidade – não a conservação, mas a apropriação, *querer-vir-a-ser-senhor, querer-vir-a-ser-mais, querer-vir-a-ser-mais-forte*.²⁶²

²⁵⁶ NIETZSCHE, F. 2010, loc.cit.

²⁵⁷ Já aludimos anteriormente, na nota de rodapé numero 15 dessa dissertação e em outros momentos no decorrer do texto que vontade de potência é identificada com a vida enquanto expansão. Assinalamos que em “De mil e um alvos”, foi a primeira ocorrência do termo e depois em “Da superação de si”. Além destes dois momentos, o termo aparece em vários outros textos da construção filosófica de Nietzsche, como: Fragmento Póstumo de outubro de 1885 e 1886, 2(190); Fragmento Póstumo da primavera de 1887, 7[9]; e do outono de 1887, 9 [1].

²⁵⁸ NIETZSCHE, F. 2010, op., cit.

²⁵⁹ Ibidem.

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ Nietzsche tece severas críticas a Darwin que, para ele, defende o princípio da conservação da vida sustentando a evolução das espécies. Neste caso viver é conservar-se. Para Nietzsche, porém, viver é expandir-se intensificar-se (Cf. KSA, XII, 7 [25])²¹.

²⁶² KSA 13, do início do ano de 1888, 14 [81].

Essa proposta nietzschiana de constante superação tem o sentido de estabelecer uma possibilidade de vida diferente daquela que os ocidentais viveram até então. A vida moderna baseava-se na visão metafísica de mundo, sustentada pela filosofia socrático-platônica, pelo judaísmo-cristianismo e também pelos homens de ciência - que não acreditam mais em Deus, apenas na verdade da ciência. Schopenhauer com o conceito de *vontade de viver* está entre aqueles visados pela crítica nietzschiana: “Certamente não encontrou a verdade aquele que lhe desfechou a expressão ‘vontade de existência’: essa vontade não existe.”²⁶³ O homem não deseja existir, não é isso que o move, mas é a vida o que impulsiona essa existência. Onde há vida, há a possibilidade de intensificação, de crescimento.

Zaratustra evidencia que o seu ensinamento destaca que a vida é vontade de potência, é desta que emerge o querer avaliar, o criar sentido por meio de uma avaliação. Quando avaliamos, o que nos move é a vontade de potência que age em todo o existente. Nietzsche propõe a superação dos valores estabelecidos e a criação de valores novos, esta é a direção que tal potencialização remete. Rosa Dias esclarece a questão:

A vida como vontade de potência como eterno superar-se, é, antes de tudo, atividade criadora e como tal é alguma coisa que quer expandir sua força, crescer, gerar mais vida (...). O aspecto principal é o da intensificação da potência e a partir dele é que a vida deve ser definida.²⁶⁴

A concepção do filósofo alemão assinala que o homem pode seguir o percurso da própria existência, que é a potencialização de si mesmo, a busca de um centro de força que o torne único. Para isto, é necessário que se afaste de uma compreensão do mundo associada a velhos valores.

Outro capítulo importante para analisarmos o percurso educativo de Zaratustra na construção de si mesmo é *Da redenção*. O texto narra que quando ele passava por uma grande ponte fora cercado por aleijados e mendigos. Nesse momento, falou um corcunda: “o povo também aprende contigo e tem fé em sua doutrina, mas para que ele creia em ti, uma coisa é necessária que curasse os aleijados, esta seria uma oportunidade de fazer com que eles acreditassem em Zaratustra.”²⁶⁵ A proposta do corcunda era que Zaratustra curasse os aleijados para que a sua doutrina viesse a ter crédito. Vemos uma

²⁶³ NIETZSCHE, F. 2010, p. 146.

²⁶⁴ DIAS, R. 2011, p.34.

²⁶⁵ NIETZSCHE, F. op. cit., p. 169-170.

nítida alusão ao evangelho de Mateus,²⁶⁶ no qual a narrativa de milagres é muito presente. O milagre visa corrigir a natureza, pretende modificar aquilo que estaria fora da ordem natural das coisas. Mas o que Nietzsche sugere é outra compreensão da redenção, que não nega os limites da existência, compreende o redimir numa relação diferente com a finitude e com as restrições vitais. Estes devem ser assumidos em sua totalidade, o mundo não é perfeito e um dos maiores equívocos humanos fora o de tentar criar justificativas para tornar “exato” aquilo que é por si mesmo, contraditório.

E Zaratustra respondeu ao corcunda:

[...] quando se tira a corcova do corcunda, também se tira o seu espírito. Quando se dá ao cego a visão, ele vê demasiadas coisas ruins sobre a terra a ponto de amaldiçoar quem o curou. Mas quem faz o parálitico andar, prejudica-o mais que tudo, pois, mal consegue andar, por carregar consigo todos os vícios – é o que ensina o povo sobre os aleijados.²⁶⁷

Neste trecho, sustenta-se uma ideia semelhante à abordada anteriormente, o filósofo assinala que a redenção não é tornar o mundo perfeito ou criar uma realidade para além dele que justifique sua imperfeição, mas encará-lo como este se apresenta, sem tentar retirar do mesmo as suas limitações. Retirá-las seria desfigurá-lo e, de certo modo, o autor sustenta que a doutrina da redenção judaico-cristã e suas derivações (na filosofia, na ciência), deturpam o sentido da vida, remetem a concepções que fazem o homem almejar o impossível; leva a acreditar no extraordinário e o ordinário, o que é realmente vital é desvalorizado, deturpado.

Não são as imperfeições o que preocupa Zaratustra, pois ele vira coisas piores, abomináveis, a ponto de sobre elas não querer falar.²⁶⁸ O que o incomoda são os *aleijados às avessas*, aqueles que proporcionam uma visão deturpada, invertida da vida. Nietzsche aponta para um caminho diverso, o da aceitação plena da existência.

Na continuidade do texto, Zaratustra afirma que quando saiu de sua solidão e passou por uma ponte viu uma grande orelha²⁶⁹, do tamanho de um homem. O povo dizia que a grande orelha não era só um homem, mas um grande homem, um gênio. Zaratustra, porém, nunca acreditou no povo quando eles falavam de grandes homens,

²⁶⁶ Cf. Mt, 15, 30-31.

²⁶⁷ NIETZSCHE, F. 2010, loc.cit.

²⁶⁸ Cf. Ibidem, p. 170.

²⁶⁹ Quando fala da grande orelha, Nietzsche está se referindo também a Wagner e a música do seu tempo que contribuía para a limitação da percepção do mundo revelada pelos sentidos: Segundo Maria Cristina Franco Ferraz, “Já no aforismo 217 de *Humano demasiado Humano*, Nietzsche critica a verdadeira inflação de racionalidade a que o desenvolvimento da música de sua época (leia-se Wagner) também contribuía e também a progressiva intelectualização tanto do olhar quanto da audição, que teriam por resultado uma verdadeira dessensibilização dos olhos e dos ouvidos” (FERRAZ, 2001, p. 108).

conservou sua tese de que era um aleijado às avessas, que *tinha muito pouco de tudo e demasiado de uma coisa só*.²⁷⁰ Com essas palavras Nietzsche critica o homem do seu tempo, principalmente os eruditos que se autocompreendem como grandes homens e são entendidos como tais pelo povo, no entanto, são como aleijados às avessas por outorgarem à realidade uma compreensão que nega a vida por desenvolverem apenas um aspecto de sua existência, em detrimento de todos os outros: “Esse curioso personagem remete, evidentemente, a uma audição totalmente monstruosa, a uma orelha que perdeu qualquer acuidade, deixando de ser capaz de filtrar o que nela penetra.”²⁷¹ Nessa imagem é criticada a racionalidade do homem moderno que pretende criar um sentido pleno para o mundo, incorrendo, deste modo, numa aberração, a ponto da orelha ser desproporcional ao seu corpo. Nietzsche retoma nesta crítica a demasiada racionalização presente na vida dos seus contemporâneos, que acaba por desfigurar a interpretação da vida: “A grande orelha feita homem remete àquele que tudo quer saber, que se deixa invadir por um excesso de informação, que o filósofo identifica como característica da miséria e da vulgaridade de sua época.”²⁷² Não seria exagerado afirmar que esta é também uma tendência dos tempos atuais: a busca pelo excesso de informação na sociedade globalizada e a demasiada racionalização do saber que são posturas características do nosso tempo, definham a cultura e a educação por não valorizarem os sentidos, a dimensão corporal.

Zarathustra se envergonha dos seus contemporâneos, sustenta que caminha entre os homens como entre pedaços de homens. Isso é terrível para seus olhos: encontrar o homem destroçado, disperso sobre um campo de batalha.²⁷³ Ele sustenta que quando o seu olhar escapa do agora para o outrora, depara-se sempre com os mesmos pedaços e membros, apavorantes acasos, mas não homens! Afirma que não conseguiria viver se não fosse um vidente daquilo que há de vir. Embora não aceite o modo de vida do homem moderno, compreende que este é uma *ponte* para o futuro, o autor de *Aurora* estabelece o personagem como um vidente que vislumbra um horizonte diferente para o homem, entende que este pode ir além si mesmo, já que entre os destroços podem emergir aqueles que são horizontes para o porvir.

²⁷⁰ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 170-171.

²⁷¹ FERRAZ, M.C.F. *Por uma filosofia para orelhas pequenas. Assim Falou Nietzsche III: Para uma Filosofia do Futuro*. BARRENECHEA, Miguel Angel; CASANOVA, Marco Antônio; Dias, Rosa; FEITOSA, Charles (organizadores). Rio de Janeiro, 7 Letras, 2001, p. 111.

²⁷² *Ibidem*.

²⁷³ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, op. cit.

O texto prossegue abordando a questão do tempo e do querer. A redenção só existiria quando o homem fosse capaz de ultrapassar todo *foi assim*, isto é, quando não tiver a pretensão de corrigir o passado, sabendo assim harmonizar a sua vida com o que já foi, com o presente e o futuro: “Redimir o passado e transformar todo “Foi em assim” num ‘Assim eu quis’!- somente a isto eu chamaria redenção.”²⁷⁴ O corcunda e os aleijados são a imagem da decadência, do homem doentio que não consegue viver em harmonia com a vida, entendem que a realidade é imperfeita e por isso criam teorias ultramundanas para justificá-la. Deste modo, tais teorias deslocam o homem do *centro de gravidade* de si mesmo, impedindo-o de criar um percurso próprio na vida! O caminho *próprio* teria qual percurso? Segundo Nietzsche, seria o querer, pois *o querer liberta*,²⁷⁵ este querer, porém, é acorrentado pelo “foi assim: este é o nome do ranger de dentes e da mais solitária angústia da vontade. Impotente contra tudo o que está feito - é ela um mal espectador de todo o passado.”²⁷⁶ O homem está aprisionado pelo *foi assim* por ser incapaz de redimir o passado, atitude que gerou o sentimento de vingança. “Espírito de vingança, foi esta até agora, meus amigos, a melhor reflexão dos homens: e que onde havia sofrimento deveria sempre haver um castigo.”²⁷⁷ A impossibilidade de corrigir o passado, de *querer para trás*, fez com que o homem criasse interpretações vingativas e, através dessas, inventara teorias que consideraram a vida uma penalidade, por isso, para se redimir, seria necessário mudar completamente de ótica. Como afirma Oswaldo Giacoia Júnior: “A repugnância da vontade contra o fluir do tempo é outra face da adversidade contra o imutável. Dessa repugnância nasce todo desejo de Além-do-Mundo, toda necessidade de consolo metafísico.”²⁷⁸ Qual seria a saída, como poderia ocorrer a redenção? Como ultrapassar a compreensão da existência entendida como culpa, como *eterno castigo*?²⁷⁹

Nietzsche chama de *loucura* esta negação da vida, porém aponta uma alternativa, uma perspectiva diferente: “Para longe eu vos levei dessas cantigas quando vos ensinei: *A vontade é criadora*. Será a vontade criadora capaz de superar o Foi assim sendo este substituído por um Assim eu o quis! Assim ei de querê-lo!”²⁸⁰ Esta postura modifica radicalmente a concepção da vida. Torna-se desnecessário cultivar um sentimento de

²⁷⁴ Ibidem, p. 172.

²⁷⁵ Ibidem.

²⁷⁶ Ibidem.

²⁷⁷ Ibidem, p. 173.

²⁷⁸ JUNIOR, Oswaldo Giacoia. *Leituras de Zarathustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 400.

²⁷⁹ Cf. NIETZSCHE, F 2010, p. 173.

²⁸⁰ Ibidem.

vingança que atua como inimigo da existência, a redenção que Nietzsche propõe é que a abracemos com tudo o que ela oferece, isto é, assumi-la na sua integralidade. “Recusar o caráter desejante da vontade é atentar contra a essência da vida, que é contínua intensificação de forças, permanente auto-superação e potencialização de impulsos.”²⁸¹ É desnecessário que o homem crie ficções ultramundanas, mas é necessário compreender a existência como imperfeita e limitada sem a necessidade de inventar métodos “purgativos” para corrigi-la.

Zaratustra diz que o homem deve levar uma vida afirmativa sempre, e qual seria a força que nos moveria nesta direção? “E quem lhe ensinou a reconciliação com o tempo, e o que é mais alto que toda reconciliação? (...) Algo mais alto que toda reconciliação tem de querer a vontade que é vontade de poder.”²⁸² É a vontade de potência a força que instiga o homem para ir além do *Foi assim*. A vida entendida como constante superação, intensificação, proporciona a reconciliação com o tempo. O passado deixa de ser algo penoso e passa a ser acolhido como essencial na existência e também como um impulso para o futuro, pois a vida nunca tende à estabilização. *Assim eu quis, assim ei de querer*, significa um sim pleno à vida, em todas as suas nuances, é assumir plenamente e, sem restrições, a imanência do mundo. De que modo o capítulo em estudo contribui para que analisemos a educação no Zaratustra? Considerando que o personagem percorre o decurso para “ser o que se é”, aponta que para que o homem encontre a si mesmo, sendo este o objetivo de toda a trajetória do Zaratustra. Para ser *si mesmo*, encontrar o caminho próprio e exclusivo, é necessário que ocorra a *redenção*. Nietzsche indica que para que esta se efetive é necessário superar uma concepção religiosa da redenção, *redimir* depende da força própria que emerge no ser humano, é preciso também que o homem se redima com o tempo, que saiba dizer sim ao presente sem deixar que os pesos do passado ou os anseios para o futuro anulem a força para afirmar o momento atual. A redenção remete à plena afirmação da vida, põe o ser humano no seu devido lugar, que é o de ser afirmativo sempre. Trata-se de uma postura que não subestima o ser humano, aposta na sua potencialidade criativa, na possibilidade de assumir a vida como contínua tendência à expansão de forças.

Em *A hora mais quieta*, o último capítulo da segunda parte do *Zaratustra*, o personagem afirma que zombaram dele quando disse que encontrou o seu próprio caminho e iniciou o seu percurso. Os que zombaram disseram que desaprendera o

²⁸¹ BARRENECHEA, 2008, op. cit. p. 106.

²⁸² NIETZSCHE, F. op.cit, p. 174.

caminho e também a caminhar.²⁸³ Ele aprende com a vida, diferente dos inimigos - os homens gregários que fazem da existência algo repetitivo e penoso -, que são incapazes de perceber que, ao criar o próprio caminho, Zaratustra é livre, enquanto eles estão tão aprisionados que não conseguem perceber que o caminho construído e percorrido por si mesmo é o que confere ao homem a reconciliação com a vida.

A proposta dos capítulos estudados nesta seção foi demonstrar que ao indicar a possibilidade de superação constante, o homem está se reconciliando consigo, criando horizontes para *ser o que se é*. Na análise desenvolvida frisamos a importância do conceito de vida que, entendido como vontade de potência, pode remeter a uma perspectiva educativa por priorizá-la como constante impulso para irmos além daquilo que somos. A vontade de potência não se ensina ou aprende, pois ela é uma força que se manifesta livremente no mundo. Neste caso seria contraditório falar em educação para ou a partir dela. A questão é de perspectiva, o homem pode manter uma postura fraca ou expansiva; a partir das forças que regem o seu corpo, manifestando uma atitude de superação ou de definhamento. Quando ele é um inconformado consigo e com o *seu tempo* abre caminhos para a transposição de si, para *ser o que se é*, dando vazão à potencialização que move todas as coisas. A vontade de potência não se ensina nem se aprende, mas se assume. O que se pode ensinar não é a vontade de potência, ou a expansão da vida, mas o postar-se diante da existência de forma intensificadora, que seria seguir o seu fluir espontâneo.

A afirmação do que é próprio, o dizer sim a tudo, dimensiona o homem para ações inovadoras, diferente da postura dos *aleijados às avessas*, o homem educado dentro desta perspectiva nietzschiana não está preocupado em corrigir as imperfeições do mundo e muito menos em tentar compreendê-lo plenamente, mas está aberto à criação. Não tem certeza de absolutamente nada e, por isso, pode dar a si mesmo a chance de criar sentidos, caminhos pelos quais se possa compreender que vale a pena viver. A vida é descoberta, abertura para a constante transformação: “O devir, afirmado pelo ato de querer, redimido pelo querer que quer com toda a sua vontade, transfigurado pelo poder da afirmação é possibilidade de criação contínua.”²⁸⁴ Neste sentido, a própria vida entendida como vontade de potência é uma perspectiva que não pretende “conduzir o homem pela mão”, não tem intencionalidade, mas evidencia um impulso visceral, instintivo, que dimensiona para frente, para *querer-ser-mais*.

²⁸³ Ibidem, p. 179.

²⁸⁴ DIAS, R. 2011, p. 78.

A busca pela singularidade está também expressa nessa visão intensificadora da vida; para atingir o cume da ação que é ser si mesmo, é necessário assumir a expansão constante da vida, ser contrário às forças do impessoal, da massa, do “rebanho” que induzem à realização de ações previsíveis, idênticas. Assumir a vida enquanto potencialização é admitir que se pode avançar sempre. Na seção seguinte, abordaremos como Zaratustra caminha para este processo de afirmação do que é *próprio* e como pode indicar o percurso para que outros também possam empreender este caminho.

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA, INDICATIVO PARA TORNAR-SE O QUE SE É

3.1 O “espírito de peso”, empecilho para se chegar à singularidade

Os capítulos centrais da terceira parte de *Assim falou Zaratustra* são *Da visão e do enigma* e *O convalescente*. Nestes, aparece pela primeira vez explicitamente o pensamento sobre o eterno retorno, que, conforme Nietzsche, é a *máxima afirmação* que pode realizar o homem. Entretanto, veremos posteriormente que as figuras do anão e da serpente negra atuam como um empecilho para o personagem-centro atingir a altura de *ser o que se é*. Sobre esta análise nos debruçaremos neste capítulo, isto é, procuramos avaliar o modo como o “espírito de peso”, que como já afirmamos, representa a imagem de uma perspectiva negativa sobre a vida, tentara impedir a *expansão* de Zaratustra e, além disso, procuraremos estabelecer como ele age para superar tais limitações. Iniciaremos analisando capítulos que antecipam os dois que citamos acima, já que trazem estes aspectos significativos para uma análise da questão educativa no *Zaratustra*. Reafirmamos que a *tônica permanente* é a afirmação do que é singular. Este eixo é o que sustenta a trama do livro em estudo enquanto perspectiva educativa. Nos capítulos abaixo continuaremos analisando este percurso do personagem central que tem como foco a afirmação plena de si que ocorrerá com o pensamento do eterno retorno.

O viandante é o primeiro capítulo da terceira parte de *Assim falou Zaratustra*. Nietzsche o inicia apontando que o seu personagem não *gosta das planícies* e não pode ficar *muito tempo parado*.²⁸⁵ Afirma ainda: “E seja lá o que me for reservado como destino ou experiência - sempre será a um escalador de montanha: afinal só se vive a experiência de si mesmo.”²⁸⁶ A escalada de montanhas se refere, na nossa interpretação, à vivência específica de cada um. O equívoco do homem moderno consistiu em assimilar as vivências alheias quando o caminho de si é o único que pode ser efetivamente transitado, Estabelecendo sentidos que o deslocaram do que lhe é peculiar. A afirmação de que só se vive a experiência de si, que Zaratustra é um viandante e um escalador de montanhas, manifesta posturas diferentes daquelas que, segundo Nietzsche, prevalece no mundo ocidental. A busca é pelo ser de exceção, pelos *únicos*, que não

²⁸⁵ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 187.

²⁸⁶ *Ibidem*.

vivem o destino de outrem, mas o “seu”, o que é próprio. O personagem central assevera a sua singularidade na ação, entre *cumes e montes*, isto é, Nietzsche coloca o personagem para além das vivências do homem domesticado e enfraquecido da modernidade. Zaratustra afirma que deve “galgar o caminho mais árduo”²⁸⁷, e “quem é do seu feitio não foge a esta hora.”²⁸⁸ O filósofo está se referindo ao eterno retorno. Este é, para ele, a experiência mais profunda e com esta ocorrerá o efetivo encontro consigo mesmo.

Pergunta Zaratustra: “De onde vêm os montes mais altos? (...). Aprendi então que vêm do mar.”²⁸⁹ Em outras palavras é a partir do mais profundo do homem, não da fuga desesperada de si, que se torna possível atingir o cume. O percurso abismal de Zaratustra está indicando mais uma vez a dureza que é o embate do homem para o encontro consigo. Somos desde muito cedo expulsos de nossas experiências mais singulares, assumindo atitudes marcadas pelo *gosto geral*, por isso, atingir o mar de si mesmo é um ensinamento fundamental de Zaratustra quando ele assume a mais profunda solidão, tanto que diz: “Reconheço meu destino (...) começou agora, minha última solidão.”²⁹⁰ Nietzsche está criticando a luta do homem moderno em estabelecer um sentido para a vida a partir de algo externo, de forças estranhas a ele. A descoberta de que é possível seguir um percurso exclusivamente próprio é ao mesmo tempo bela e assustadora. É bela no sentido de abrir possibilidades de futuro, é assustadora pelo fato de trazer insegurança. Não é mais Deus, o Estado, a Ciência, que ditarão o caminho que se deve seguir, mas “a solidão”. O homem é posto diante do obscuro, do incerto.

A atitude de Zaratustra, porém, não é fugir do encontro mais terrível consigo, mas enfrentá-lo. Outros homens diante de tal situação procurarão “outros deuses”, para dar direção as suas vidas, outros poderão desistir de viver diante de um mundo sem sentido, já os que são do *estilo de Zaratustra* estabelecerão o seu caminho, cunharão o seu bem e mal. Conforme afirma Scarlett Marton, tanto Nietzsche como o personagem principal do livro “em suas vivências singulares (...) percebem os impulsos que deles se apossam (...) notam as estimativas de valor que com estes impulsos se expressam (...). É sobretudo nisto que consiste o estreito vínculo entre reflexão filosófica e vivência.”²⁹¹ Eis uma das indicações singulares presente neste capítulo, a proposta de que cada ser

²⁸⁷ Ibidem.

²⁸⁸ Ibidem.

²⁸⁹ Ibidem, p. 189.

²⁹⁰ Ibidem.

²⁹¹ MARTON, Scarlett. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 280.

humano deve estabelecer a partir de si, “o seu mar”, o modo pessoal e exclusivo de conduzir a vida. Essa proposta não é “egoísta”, individualista, no sentido de desvalorização dos demais seres humanos e do aprendizado social pertencente a todo homem que vive de forma gregária. O “mar próprio” advém das forças terrestres que envolvem todas as coisas, emerge de potencialidades que são múltiplas e pertencem a todos. Nietzsche questiona os seus contemporâneos, cujas ações são doentias, partem de corpos “domesticados”, que foram dominados por influência da engrenagem social e não aprenderam a deixar insurgir o que é mais genuíno em cada um.

O viandante é um capítulo que prepara o seguinte: *Da visão e do enigma*, nele Nietzsche aborda a curiosidade de homens que empreenderam uma viagem com Zaratustra. Após passar três dias em silêncio, o personagem fala aos passageiros do barco e considera que eles são merecedores de ouvir suas palavras por serem corajosos. “Zaratustra era amigo de todos os que empreendem longas viagens e não gostam de viver sem perigo.”²⁹² Paulo César de Souza interpreta que os viajantes são tentadores e tenteadores. Segundo o tradutor, os termos se referem àqueles que estão em busca *de mundos a descobrir*.²⁹³ A eles é que Zaratustra relata o que considera: “a visão do ser mais solitário.”²⁹⁴ A alusão à coragem dos viajantes é outro indicativo da afirmação da singularidade no *Zaratustra*: eles são os que buscam novos horizontes, não há certezas nem caminhos já estabelecidos, “pois não quereis, apalpando-o com mão covarde seguir um fio que vos guie e, onde podeis adivinhar, detestais inferir”.²⁹⁵ O viver dos viajantes não está sustentado na certeza, no pré-determinado, mas no desbravamento de caminhos diversificados. Para Roberto Machado, “depois que o navio atinge a incerteza tenebrosa do alto-mar, longe de todo porto seguro [Zaratustra], escuta as coisas estranhas e perigosas que dizem os marinheiros, e lhe aparecem como provas de coragem.”²⁹⁶ O viajante não busca o saber estabelecido, mas estabelece um saber que é significativo para a sua vida. A sua visão de mundo se constrói no processo, no embate com as experiências que a existência oferece.

Na continuidade do capítulo, Zaratustra afirma que trilhava *para o alto*, mas o seu inimigo *o anão*, o *espírito de gravidade*, pesava sobre suas costas.²⁹⁷ O anão, ou

²⁹² NIETZSCHE, F. 2010, p. 191.

²⁹³ SOUZA, Paulo César de. In: *Assim Falou Zaratustra*, 2011, op. cit. p. 329, comentário de nota de rodapé.

²⁹⁴ NIETZSCHE, 2010, p. 191.

²⁹⁵ Ibidem.

²⁹⁶ MACHADO, R. 1997, p. 121.

²⁹⁷ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, loc.cit.

demônio, ou espírito de gravidade são imagens que aludem a pensamentos que impediam a *expansão* de Zaratustra, “pensamentos como gotas de chumbo no meu cérebro”²⁹⁸: “O anão seria - conforme analisa Vieira - aquele que não anseia mais pela vida porque dela se desiludiu; a vida lhe parece um círculo (...) de inevitável decadência.”²⁹⁹ Zaratustra está subindo em um caminho que leva para além de si, mas o espírito de gravidade o puxa para baixo. O anão lembra a vida cômoda do homem moderno, que prefere manter o *status quo*. O anão é negativo e, com lógica e precisão, põe Zaratustra diante do óbvio: *aquilo que sobe há de descer*, ele atrai para aquilo que é negativo e declinante. Diante da coragem de alguém que busca estabelecer algo novo, ele importuna insistindo que nada vale a pena. “O anão é aquele que vai passo a passo torturando Zaratustra com palavras que tentam puxá-lo cada vez mais para baixo”,³⁰⁰ mas a coragem é algo que habita o personagem nietzschiano. Ele tomou uma decisão e diz ao anão: “ou eu ou tu”. A coragem ataca, mata³⁰¹, faz com que o homem supere o temor e enfrente aquilo que “pesa” sobre ele. A coragem faz com que se assumam a vida afirmativamente. “Era isso a vida? Pois muito bem! Outra vez!”³⁰² Esta frase aponta para o fato de que Zaratustra não é negador, mas afirmador, diferentemente do anão que aborda de forma pessimista o existir.

O anão pula dos ombros de Zaratustra e isto faz com que ele se sinta mais leve.³⁰³ Frisemos que fora a sua coragem, com a expressão “ou eu ou tu”, que fez aquele peso sair de suas costas. Esta postura é singular por ser criadora de perspectivas, é preciso a audácia de optar por si mesmo - “ou eu” - em detrimento das imposições culturais e sociais - “ou tu”. O texto exalta aquele que age corajosamente e neste embate opta por afirmar aquilo que lhe é próprio. A questão fundamental para este trabalho é elucidar de que modo este pensamento pode servir à educação. Nietzsche, não diferente de outros pensadores da educação, acentua a busca de caminhos criativos, originais, que o ato de educar deve oferecer aos indivíduos. O diferencial nietzschiano na nossa interpretação está no fato que essa busca prioriza a singularidade de cada um. Neste sentido, estabelecer caminhos novos não se refere a apenas saber resolver de modo diversificado o que foi criado por outrem. Essa ótica remeteria a uma educação para a repetição, diferentemente trata-se da criação de algo no qual é impresso o que é próprio,

²⁹⁸ Ibidem.

²⁹⁹ VIEIRA, M.C.A. 2000, p. 54.

³⁰⁰ Ibidem.

³⁰¹ NIETZSCHE, F. 2010, p. op. cit.

³⁰² Ibidem.

³⁰³ Cf. Ibidem, p. 193.

tendo a marca específica do seu autor. Em tudo o que faz, o homem pode exprimir as suas questões mais pessoais. Isto não significa que se deve destituir o estabelecido e recomeçar do nada, trazendo novidades diferentes a cada momento da vida. Esta seria uma forma utópica de encarar a realidade. A coragem de estabelecer o novo remete à impressão daquilo que é mais próprio naquilo que cada um faz.

Retomamos a análise do episódio de Zaratustra com o anão, num determinado momento, o primeiro afirma que perto deles existe um portal no qual se encontram dois caminhos ainda não percorridos.³⁰⁴ O portal apresenta em ambas as direções uma rua que aponta para a eternidade. Esses caminhos não se contradizem e se encontram no portal chamando “momento”³⁰⁵. Nietzsche sustenta que na própria temporalidade, no instante se dá a reconciliação com o tempo, “a eternidade está no meio do tempo e não para além do tempo.”³⁰⁶ É dada outra conotação para a temporalidade e a eternidade e, assim, a discussão de que não é possível “querer para trás” é dirimida pelo momento presente, pois neste o passado e o futuro se harmonizam com o agora. Nem o passado, nem o futuro são negados, mas ambos afirmados no presente: “O momento ou instante seria a eternidade do tempo, a possibilidade do extraordinário, que como num relâmpago ou num piscar de olhos, passado, presente e futuro vêm se encontrar.”³⁰⁷ O homem é convidado a dizer sim à vida em todas as suas manifestações; assim, a eternidade para Nietzsche é imanente, não se remete a uma esfera ultraterrena para justificar o passado e o futuro, o eterno se encontra nas contradições inerentes à vida, no modo afirmativo de assumi-la com todas as suas complexidades. Zaratustra pergunta ao anão: se alguém seguir por um desses caminhos não se contradiria eternamente?³⁰⁸ Isto parece significar que a escolha por apenas uma dimensão da vida a tornaria enganosa, suspeita, forçando a criação de teorias ultraterrenas para justificar tal opção.

O anão faz um discurso que apresenta a sua própria visão sobre o eterno retorno: “tudo o que é reto mente (...). Toda verdade é torta, o próprio tempo é um círculo.”³⁰⁹ Zaratustra julga este comentário simplificador, pois o anão tenta explicar o tempo de forma reativa, depreciativa. O anão e Zaratustra, portanto, apresentam duas formas distintas de conceber o eterno retorno, como fora afirmado acima. O anão sustenta a negação da vida, interpreta-a de modo pessimista; para ele, não vale a pena viver e lutar

³⁰⁴ Ibidem.

³⁰⁵ Ibidem.

³⁰⁶ FINK, 1983, p. 109.

³⁰⁷ VIEIRA, M.C.A. 2000, p. 55.

³⁰⁸ NIETZSCHE, F. op. cit., p. 193.

³⁰⁹ Ibidem.

por algo para que a nossa presença no mundo seja diferente, isto seria absoluta perda de tempo. A preguiça do anão é um peso para Zaratustra, porque o leva a uma visão deturpada sobre o tempo. O anão compreende a vida de forma circular, as coisas vão e voltam, portanto, resta ao homem a conformidade diante daquilo que não pode ser modificado.

Na sequência, a concepção de Zaratustra parece ser a mesma do anão, ou seja, que ele acredita no tempo como círculo, que as coisas voltam sempre e do mesmo modo:

Tudo aquilo, das coisas, que pode caminhar, não deve já, uma vez, ter percorrido esta rua? Tudo aquilo, das coisas, que pode acontecer, não deve já, uma vez, ter acontecido, passado, transcorrido?
E se tudo já existiu: que achas tu, anão, deste momento? Também este portal não deve já ter existido?
E não estão as coisas firmemente encadeadas, que este momento arrasta consigo todas as coisas vindouras? Portanto – também a si mesmo? ...
E essa aranha que rasteja ao luar, e o próprio luar, e eu e tu no portal, cochichando um com o outro, cochichando de coisas eternas – não devemos todos, já ter estado aqui.³¹⁰

De fato o discurso de ambos sobre o eterno retorno, nessa passagem, se aproxima, “(...) é um pensamento assustador que pode paralisar o homem, que pode levá-lo a considerar a existência como um castigo, como algo insuportável de ser vivido (...) aparentemente não podemos mudar nada.”³¹¹ Entretanto, a diferença entre ambos é de perspectiva: a do anão induz o homem a assumir uma atitude de completa negação. Zaratustra, inversamente, o compreende de forma positiva, como a máxima expressão de aceitação da vida, pois dela absolutamente nada deve ser retirado. Neste sentido, estamos concordando com a interpretação daqueles comentadores que compreendem o eterno retorno como *um imperativo ético*, isto é, como a conduta que o homem deveria abraçar diante do existir. Analisaremos esta visão do conceito de eterno retorno quando estudarmos, adiante, o capítulo *O convalescente*.

Na continuidade do texto, quase repentinamente inicia-se outro episódio, o da serpente negra. Zaratustra fala cada vez mais baixo, parecia que está temendo os seus próprios pensamentos.³¹² Nietzsche está aludindo ao eterno retorno e o seu personagem sente dificuldades de expressar esse pensamento abissal ou ainda sente-se incapaz de revelá-lo; este é extremamente particular, quase inexprimível. O latido de um cão o

³¹⁰ Ibidem, p. 194.

³¹¹ BARRENECHEA, 2008, p. 111-112.

³¹² Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 194.

alerta que algo terrível ocorria.³¹³ era um pastor com uma serpente negra atravessada na garganta. O protagonista tenta retirá-la sem sucesso, mas intui que ele deveria morder e cuspir a cabeça da serpente; ao fazê-lo ele sorri tão livremente que Zaratustra admite nunca ter visto riso tão alentador.³¹⁴ O riso aparece em vários momentos no Zaratustra e sempre indica a intensificação da vida. Como vimos na conversa do personagem principal com o ancião no *prólogo*, embora com perspectivas diferentes, ambos são solitários e podem rir livremente por estarem distantes do comportamento impessoal do rebanho, que inibe o riso singular. O riso é destaque também em *O despertar*, na quarta parte do livro, quando Zaratustra encontra todos os homens superiores na caverna. Nessa oportunidade será o fato de rirem, aquilo que indica que eles são superiores, pois, tornaram-se capazes de rir de si mesmos e das mazelas da vida. Neste momento, em *Da visão e do enigma* vemos o riso mais significativo de toda a obra. A partir desse riso o personagem se encaminhará efetivamente para a afirmação do eterno retorno. Para dizer um *sim* pleno e irrestrito à existência seria necessário superar o espírito de peso, a serpente negra que impedia a “respiração”, o fluir livre da vida. Esta imagem do riso na nossa interpretação sugere um caminho educativo pelo fato de ser outro aspecto no livro que aponta para a singularidade e indica mudança notável de perspectiva. O pastor-Zaratustra está oprimido, diminuído enquanto ser humano por valores que o paralisam. Como afirma Vieira: “E com que familiaridade estreitam-se sofrimento e alegria quando se vê da boca do pastor, antes convulso e sufocado, de onde pendia a pesada cobra, agora pode se abrir um riso.”³¹⁵ O pastor já não se importa com os valores impostos que lhe foram inculcados. O riso é contagiante, pode envolver o entorno de quem ri a ponto de instigar todos que estão próximos ao desejo de superação. Nietzsche, assim, aponta caminhos para que se chegue a ser si mesmo, neste contexto: é preciso ter a *coragem heroica* de romper com as mazelas que oprimem nossa garganta simbolizada pela *mordida*, assim, aquilo que deprecia a vida é substituído pelo que potencializa a tornando leve e possível de ser criativa. Trata-se da plena afirmação do eterno retorno: a mordida é libertadora porque torna o pastor mais do que humano, capaz de superar o pessimismo, sintetizado pela ladainha schopenhauriana³¹⁶ que diz: “tudo é igual”, “nada vale a pena.” Assim, “o afirmador do eterno retorno ri, num estado de suprema leveza,

³¹³ Cf. *Ibidem*.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 194-195.

³¹⁵ VIEIRA, M.C.A. 2000, p. 58.

³¹⁶ Schopenhauer é o protótipo de um “pessimismo da fraqueza”, de uma concepção que leva a negar e desistir da vida.

já que, ao aceitar e venerar a totalidade da existência, encontra-se em absoluta harmonia com o universo”.³¹⁷ O riso irrestrito opõe-se à seriedade, ao peso que o homem impõe sobre si mesmo para conduzir a vida. A passagem do pastor e da serpente demarca um momento decisivo na obra que é a superação da náusea, da visão circular do retorno que não edifica, para a visão do retorno como afirmação plena do existir.

A serpente, segundo comentário de Machado, pode ter duas conotações: ou representa o niilismo, a negação da vida, sendo a serpente pesada que no chão penetra a garganta do homem, ou a serpente enrolada no pescoço da águia, que *voa em amplos círculos nas alturas* e representa o eterno retorno.³¹⁸ Eis uma questão de avaliação. Diante de uma mesma questão existencial o homem pode afirmar ou negar a vida, atitude que mostra a proposta do autor de *A gaia ciência*. Diante das circunstâncias favoráveis ou ruins com que nos deparamos, podemos nos deixar engasgar com a serpente que prende nossa garganta, que, na interpretação nietzschiana, alude a uma atitude reativa. Contrariamente, é possível assumirmos a tragicidade da existência, celebrando a circularidade do eterno retorno. Assim, reconhecemos que a morte, a dor, os limites, as alegrias, a saúde, a força e todas as potências da vida retornarão e são dignas de afirmação.

O ato de morder a serpente - cujo agente é o próprio Zaratustra e a serpente negra³¹⁹ - simboliza o espírito de peso que o persegue - tem também importantes conotações educativas, por estimular atitudes singulares que permitem cultivar o que é mais genuíno no homem. A imagem de livrar o pastor da angústia que o assola - uma serpente atravessada na garganta - exige a atitude de expulsar o animal e livrar o homem do sofrimento, porém, isso só foi possível após o grito de “morda”.³²⁰ Houve uma atitude que aponta para a superação, isto é, “alguém” que indica o que deve ser feito, qual o melhor caminho. Zaratustra-Nietzsche assinala que é importante que haja quem indique o percurso. Contudo, cada um deve ser “mestre de si”, autor das ações que transformam suas vidas, que contribuem para que nela se estabeleça o “sorriso libertador”. A atitude de “morder a serpente”, de expulsar os demônios que pesam sobre nossos ombros, precisa ser feita por quem deseja ser libertado, não por outrem. Isto indica que a mudança só pode emergir efetivamente da *força própria* de cada um.

³¹⁷ BARRENECHEA, M. A. 2008, p. 114.

³¹⁸ Cf. MACHADO, R. 1997, p. 131.

³¹⁹ Em *O Convalescente*, Nietzsche afirmará que a serpente negra é o fastio, o nojo que sente o homem, que diz sempre “tudo é igual, nada vale a pena”. Refere-se ao homem moderno e a forma negativa que este encara a vida, razões que o filósofo através do personagem encara com *nojo*.

³²⁰ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 195.

Zaratustra, em uma passagem posterior, admite a existência de frutos do seu ensinamento, pois, como árvores verdejantes, os seus filhos crescem no seu melhor terreno, onde estas árvores nascem juntas e há ilhas bem aventuradas, isto é, o lugar da felicidade.³²¹ Entretanto, eles não devem ficar juntos, mas aprender com a solidão: “Mas um dia hei de arrancá-las e replantar cada uma delas separadas da outra: para que aprendam a solidão e a pertinácia e a cautela”.³²² A solidão aparece como um caminho que pode indicar vias para uma educação singular por ser a situação existencial na qual o personagem se afasta da vida gregária havendo o encontro consigo próprio. Os homens devem ser testados para que possam encontrar a sua própria via existencial, tornando-se senhores do seu destino: “Reconhecido e submetido à prova, deverá ser, para saber se é de minha espécie e origem - se é senhor de longa vontade, silencioso, ainda quando fale (...).”³²³ No final deste capítulo, Zaratustra acena para o temor que ele sente diante de seu pensamento abissal: “Ah, pensamento abissal que és meu pensamento! Quando acharei a força para ouvir-te cavar, sem mais tremer?”³²⁴ O personagem principal da obra teme ainda a sua descoberta mais profunda, *o eterno retorno*, mas caminha em direção à realização de sua plena singularidade. Este encontro decisivo, entretanto, não faz de Zaratustra um caminhante que está à procura de certezas, de uma verdade com a qual possa se conformar. Ele parece compreender que a descoberta é difícil de assumir, exige coragem e enfrentamento das vicissitudes da vida, mas não se acovarda, segue o seu caminho intensificador e, desde esse momento, é alguém que procura *tornar-se o que se é*, pois está todo o tempo constituindo a sua via de superação.

Em *Antes que o sol desponte*, Zaratustra se apresenta como alguém que aprendeu a dizer sim e a abençoar:

Abençoador me tornei, e dizedor de sim; e para isto, longamente lutei: e fui um lutador a fim de que, algum dia tivesse as mãos livres para abençoar (...). Mas esta é a minha benção: estar acima de todas as coisas como o seu próprio céu, o seu teto abobadado, a sua redoma azul e a sua eterna certeza; e bem-aventurado é quem assim abençoa!³²⁵

Afirmar que se tornou alguém que *abençoa* e diz *sim* é totalmente diverso de proferir um sim subserviente, que privilegia apenas um aspecto da existência. O sim

³²¹ Cf. Ibidem, p. 197.

³²² Ibidem.

³²³ Ibidem.

³²⁴ Ibidem, p. 198.

³²⁵ Ibidem, p. 201.

não ocorre sem lutas, só se aprende a ser afirmativo no embate, nas contradições vitais. Zaratustra indica ao homem o seu devido lugar, isto é, o de um criador de mundos, de destinos, e para isso é necessário ser abençoador e abençoar: abarcar as dimensões da vida integralmente, sem excluir absolutamente nada, é estar acima do bem e do mal. “Criar o céu” parece pretensão arrogante, mas Nietzsche quer indicar que cada homem deve ser o seu sol, uma luz que brilha por si mesma.

O capítulo *Do passar além* indica a mudança de atitude que o personagem adota no decorrer da obra na sua busca da plena realização de si. O mesmo Zaratustra que iniciou a sua caminhada anunciando o super-homem para a multidão, para o homem da grande cidade, seleciona, neste momento, os seus seguidores a ponto de evitar entrar na *grande cidade*. Lembremos que esse é o lugar onde os homens adotam comportamentos padronizados que impedem o percurso para desenvolver a singularidade.

No capítulo em análise, Zaratustra é interpelado por um louco que lhe sugere que não entre na cidade e aponta as razões para isto, entre elas: “aqui é o inferno para pensamentos de eremitas; aqui, os grandes pensamentos são refogados vivos e cozidos picadinhos.”³²⁶ Ele afirma também que: “São frios, e buscam calor nas aguardentes; estão acalorados, e buscam refrigério em espíritos regelados; ardem todos em febre e tresviam pela opinião pública.”³²⁷ O louco desdenha a cidade, mas Zaratustra replica: “se me acautelaste - porque não te acautelaste a ti mesmo”³²⁸ Aquele homem vive na *grande cidade*, sabe de suas limitações, de sua pequenez, mas não tem força suficiente para dela sair e viver livremente. Zaratustra concorda com o homem: ele tem razão nas suas críticas, mas abomina a sua incapacidade de superar a vida da grande cidade e, em contrapartida, dita um ensinamento ao louco: “daquilo que não se pode mais amar deve-se passar além!”³²⁹ Zaratustra não é mais capaz de amar o homem que se acomoda com a vida comum, *sem perigo*, sem busca de novas perspectivas. É interessante notar que é denominado louco alguém que demonstra muita lucidez. O homem criticado é aquele que sabe das mazelas que assolam o seu tempo, que consegue analisá-las profundamente e tem habilidade para ensinar a outros as razões porque não se deve habitar a *grande cidade*, mas prefere se acomodar e apenas fazer uma crítica sem ser capaz de se confrontar com a realidade que demonstra discordar. A loucura pode estar associada exatamente à postura do homem moderno que é capaz de enxergar os

³²⁶ Ibidem, p. 213.

³²⁷ Ibidem.

³²⁸ Ibidem, p. 215.

³²⁹ Ibidem.

problemas do seu tempo, mas não consegue superá-los. Ao abordar esta parte do livro, Fink comenta:

[...] não encontramos apenas a recusa da grande cidade (...); a grande cidade é como um exemplo de ausência de mundo (...) resta ao grande homem somente a “passagem”(…). O homem não tem a sua pátria no formigueiro das grandes cidades, entre os mediocres e dóceis, entre os devotados e pobres do mundo (...).³³⁰

A vida da cidade desloca o homem do mundo, ao fazê-lo pautar a existência como um exílio de si, uma proteção à sua fraqueza e falta de coragem para ultrapassar-se. Zaratustra passa adiante tanto do louco quanto da grande cidade, por saber que lá não é possível cultivar uma vida autêntica. É importante salientar que o amor para Zaratustra-Nietzsche não se refere ao amor ao próximo, mas ao amor por si mesmo. O homem ama quando se autoafirma, e o louco e a grande cidade não são bons exemplos deste amor, pois negam a si e à existência, como um todo.

Dos renegados é outro capítulo desta terceira parte que aponta para a busca do que é único no *Zaratustra*. O personagem empreende a viagem de volta para a sua cidade e, no caminho, observa as atitudes dos homens. Nietzsche critica a sociedade moderna e o seu modo de sufocar a singularidade humana. No capítulo citado, observa o comportamento dos jovens que, em pouco tempo, se acomodaram com o estilo de vida vigente perdendo a potência, o impulso para expandir a vida. Escreve o filósofo: “Todos esses jovens corações já se tornaram velhos – e nem ao menos, velhos! Somente cansados, comuns, acomodados; chamam a isso: voltamos a ser devotos.”³³¹ Aqueles indivíduos, em pouco tempo, sem chegar à velhice, já se conformaram a um estilo de vida devoto, ou seja, preferiam adequar o seu existir a um padrão social pré-estabelecido. “Em verdade, mais de um deles movia outrora a perna, como um dançarino, a um sinal do riso da minha sabedoria; depois, arrependeu-se. Vi-o, ainda a pouco, curvado - rastejando para a cruz.”³³² Zaratustra acentua que eles outrora eram corajosos a ponto de neles depositar *esperança* para tornarem-se uma *ponte para o futuro*, mas eles abdicaram dessa possibilidade.

O homem moderno, mesmo após ter realizado uma crítica ferrenha à religião, à divindade, tornou a se curvar perante Deus, embora alguns não o admitissem: “Voltamos a ser devotos, é o que professam esses renegados; e alguns deles ainda são

³³⁰ FINK, 1983, p. 100.

³³¹ NIETZSCHE, F. 2010, p. 216.

³³² *Ibidem*.

demasiados covardes para confessá-lo.”³³³ Esses homens *são daqueles que voltaram a rezar* e Zaratustra considera isso uma vergonha, um retrocesso.³³⁴ Esta renegação à vida, à potência, à intensificação, pode ser interpretada como uma volta a acatar valores decadentes. Contrariamente, Zaratustra propõe que o homem tende a tornar-se *exceção* e não adequar-se à *regra impessoal*. Em *Do espírito de gravidade*, o protagonista do livro relata como muitas vezes somos cooptados pela vida gregária:

E, em verdade, não é um mandamento para hoje ou amanhã o de aprender a amar-se a si mesmo. Ao contrário, de todas as artes, é a mais sutil, a mais astuciosa, a última e a mais paciente.

Para o possuidor, com efeito, toda a sua posse acha-se bem escondida; e, de todos os tesouros ocultos, o último que se procura e desenterra é o tesouro próprio, assim obra o espírito de gravidade.

Quase ainda no berço, já nos dotam com graves palavras e valores: bem e mal - assim se chama esse dote. E, graças a ele perdoam-nos estarmos vivos. E, além disso, mandam vir a si as criancinhas, para impedir-lhes, a tempo, que se amem a si mesmas (...). E nós carregamos fielmente conosco, nas duras coisas e por ásperos montes, aquilo que recebemos em dote! E, se suamos, nos dizem: “Sim, a vida é um pesado fardo”.

Mas somente o homem é um pesado fardo para si mesmo! E isso procede de que carrega às costas demasiadas coisas estranhas. Tal como o camelo, ajoelha-se logo e deixa que o carreguem bem.³³⁵

Os diversos motivos que impedem que o homem atinja a realização de si mesmo constituem o aspecto fundamental deste capítulo em análise. Por que razão Zaratustra diz que o amor a si é o último tesouro a ser desenterrado? Porque já nascemos dentro de uma cultura que estabelece valores de bem e mal; as crianças recebem este dote mesmo antes de poderem escolher por si mesmas os seus parâmetros, os seus rumos. Este dote se torna algo difícil de ser carregado, tornando a vida um peso. Na realidade, são os valores predominantes que domesticam o homem, o tornando subserviente, tolhido a carregar os pesos socialmente impostos. A tarefa da educação, neste sentido, poderia contribuir para que o homem aprendesse a amar-se, a fugir do *espírito de gravidade* que impõe valores que não foram estabelecidos por ele. Zaratustra, quase no final do capítulo, apresenta sugestões para que o ser humano se encontre consigo, e não adote valores alheios a si, “(...) este é o meu ensinamento: quem um dia quiser aprender a voar, deve primeiramente aprender a ficar em pé, andar, correr, saltar, escalar e dançar: não se aprende a voar voando!”³³⁶ Ou seja, o percurso para afirmação de si mesmo é

³³³ Ibidem, p. 217.

³³⁴ Cf. Ibidem.

³³⁵ Ibidem.

³³⁶ Ibidem, p. 186.

processual, exige diversas etapas a serem vencidas. Cada homem deve atingir a sua verdade e para isso precisa encontrar os caminhos. Nesta direção aponta Zaratustra:

Por muitos caminhos e meios diferentes alcancei a minha verdade; não apenas por uma escada subi às alturas de onde meu olho vagueia pelas distâncias que são minhas.

E somente com relutância perguntei pelos caminhos, isto sempre repugnou ao meu gosto! Preferi perguntar e tentar os próprios caminhos.

“Este é o meu caminho, qual é o vosso?”, assim respondi aos que me perguntaram pelo caminho. Pois o caminho não existe.³³⁷

Na perspectiva nietzschiana, para atingir uma *distância própria*, muitos caminhos diferentes devem ser seguidos. Isso pode contribuir para que criemos o nosso rumo singular. Nietzsche, coerente com toda a questão levantada no capítulo, não determina um caminho único, universal, apenas indica que cada um deve estabelecer o seu. O objetivo não é formar em vista de um determinado fim, como comenta Oliveira Júnior: “não se pode trans-formar os demais, [Zaratustra] acaba por entender que há uma limitação e um alcance no seu ensinamento, que é o fato de apenas servir de ‘inspiração’ e, jamais de conversão.”³³⁸

A forma de vida do homem ocidental, tanto individual como nas instituições escolares, exige trilhar percursos já percorridos; o incentivo ao caminho próprio é geralmente renegado. A partir do pensamento de Nietzsche, podemos reafirmar a importância de pensarmos uma *educação indicadora de caminhos*, cuja proposta central é atizar a adoção de percursos singulares. Frisamos que não se trata de uma criação a partir de aspectos externos ao homem, de valores que são impostos de fora, mas, acentuamos a árdua tarefa de estabelecer aquilo que é mais próprio. Educar indicando caminhos exigiria não se pautar apenas na transmissão de conteúdos ou nos saberes que se tornaram historicamente instituídos, não negamos que esses sejam importantes, mas, a relação com o saber deve conduzir o homem, sobretudo para a criação. É desejável que se aprenda a fazer, partindo do já instituído, algo inovador, que traga a marca de quem realiza a ação ou estudo. Neste sentido, o incentivo na caminhada educacional de qualquer indivíduo deveria acentuar aquilo que é intransferível, aquilo que pertence exclusivamente a um determinado ser humano, mesmo que se parta de conhecimentos já instituídos.

³³⁷ Ibidem.

³³⁸ OLIVEIRA JR. 2004, p. 197.

O capítulo seguinte do *Zaratustra* que analisaremos é *De velhas e novas tábuas*. Nele podemos encontrar várias passagens onde Nietzsche sustenta a importância da superação. Ao tratar da intensificação, o filósofo propõe uma mudança de um modo de vida para outro. Vejamos uma importante passagem quando Zaratustra, diz aos discípulos:

[...] eu vos consagro e indico uma nova nobreza: deveis tornar-vos criadores, os cultivadores e semeadores do futuro (...). Não de onde vieste, seja doravante a vossa honra, mas para onde ireis! Que a vossa vontade e o vosso pé, que quer ir além de vós mesmos – seja a vossa honra (...). A terra dos vossos filhos deveis amar: seja esse amor a vossa nobreza – a terra por descobrir em mares distantes! É essa que mando vossas velas procurar e tornar a procurar!³³⁹

A nobreza, na perspectiva nietzschiana, não se refere ao que tem preço ou valor econômico, pois “tem pouco valor tudo o que tem preço.”³⁴⁰ Também, a nobreza não está na procedência biológica, mas na possibilidade de criar um futuro. Nietzsche estabelece a *honra* como aquela força que impulsiona o homem. Não se trataria da instalação nas terras já descobertas, mas de seguir o impulso para procurar os *mares distantes*. Na terra dos filhos seria possível vislumbrar horizontes novos, que indiquem novas possibilidades vitais. Trata-se de indicar um modo diversificado de encarar a existência, tendo em vista o futuro, aquilo que há de vir. O filósofo alude a um futuro não escatológico, mas simplesmente imanente, algo que não depende de crenças transcendentais, somente do homem que é capaz de criar os seus valores. Ser semeador do futuro é apontar para a singularidade, para a capacidade de afirmar a vida. Zaratustra retoma a crítica àqueles que pensam que *tudo é igual*, que a vida não vale a pena, que não se *deve querer* outras metas, isso “é um pregar a servidão”³⁴¹, afirma ele. Não querer faz com que o homem não almeje projetar-se, não queira avançar. Para Zaratustra “o querer liberta, pois querer é criar: assim ensino eu. E somente a criar deveis aprender.”³⁴²

Após a análise dessas passagens, podemos sustentar que a educação na perspectiva nietzschiana remete ao ensinamento da criação, não se deve aprender outra coisa que não seja criar. Querer procriar, avançar, é o que Zaratustra ensina. Tal ensino remete novamente à intensificação; o homem que é movido pela potência da vida

³³⁹ NIETZSCHE, F. 2010, p. 242-243.

³⁴⁰ Ibidem.

³⁴¹ Ibidem, p. 246.

³⁴² Ibidem.

estabelece espontaneamente para si possibilidades novas. Se a vida é constante querer-vir-a-ser-mais, o ato criativo pulsa no homem a partir das forças viscerais, terrenas que o movem, por isso, a criação é uma consequência de afirmar a vida como potência criativa. A força para estabelecer modos de vida diversificados vem do inconformismo com aquilo que já está determinado. Por isso, o impulso para se expandir que é próprio da existência manifestada como vontade de potência, se efetiva concretamente quando se cria.

A existência encarada com suavidade, leveza, prazer, apesar das adversidades, é o que o homem deve buscar a cada dia: “E perdido seja o dia que não dançamos uma vez sequer! E consideremos falsa toda a verdade em que não houve ao menos uma risada!”³⁴³ Viver pode tornar-se uma celebração, uma dança, uma abertura ao riso, que é sinal de leveza, de não levar tão a sério as crenças humanas, pois o homem deve se colocar acima dos valores criados.

O capítulo *O convalescente* será o que analisaremos na sequência. Ele traz reflexões que permitem aprofundar a análise educacional na obra em estudo, que se detém na afirmação daquilo que é único, próprio no homem. O percurso existencial de Zaratustra apresenta-se como uma constante “busca” da singularidade que terá como auge a afirmação do eterno retorno. Após ter ficado sete dias dentro da caverna, como morto, o protagonista do livro ressurgiu revigorado.³⁴⁴ Os sete dias remetem à narrativa da criação, presente no primeiro capítulo do *Gênesis*, livro da Bíblia. Zaratustra, que voltava a sua caverna, se apresenta como a possibilidade da criação num outro aspecto, ele “não inunda abismos de vida tal como Deus o faz na criação, mas chama das profundezas o seu pensamento abissal, o pensamento do eterno retorno, aquele cujo movimento traz a possibilidade de recuperação da vida.”³⁴⁵ Nessa passagem Nietzsche assinala a possibilidade do homem recriar a si mesmo. Ele sustenta a valorização do mundo, da terra, de tudo o que é imanente. Zaratustra aparece como afirmador, por isso os seus animais assim falam: “Sai da tua caverna; o mundo está à tua espera como um jardim. Brinca o vento com intensos perfumes, que te procuram; e todos os córregos gostariam de seguir teus passos.”³⁴⁶ Os animais fazem um longo discurso sobre o eterno retorno e entre as suas afirmações destacamos a seguinte:

³⁴³ Ibidem, 202.

³⁴⁴ Cf. Ibidem, p. 258.

³⁴⁵ VIEIRA, M.C.A. 2000, p. 65.

³⁴⁶ NIETZSCHE, F. 2010, p. 259.

Para os que pensam como nós, as próprias coisas dançam: vem e dão-se a mão e riem e fogem - e voltam.

Tudo vai tudo volta; eternamente transcorre o ano do ser.

Tudo se desfaz, tudo é refeito; eternamente constrói-se a mesma casa do ser. Tudo separa-se, tudo volta a encontrar-se; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser.³⁴⁷

Conforme comenta Roberto Machado, os animais de Zaratustra têm uma perspectiva natural com relação ao eterno retorno, por isso não passam pela experiência do niilismo, não sofrem o horror da náusea, a sua perspectiva está aquém do bem e do mal.³⁴⁸ Eles encaram o retorno de modo espontâneo, sem complexas formulações teóricas sobre o mesmo, não padecem náuseas porque vivem naturalmente o *círculo da vida*. Zaratustra lembra o episódio da serpente negra que atravessou a sua goela, quando mordeu a sua cabeça e a cuspiu para longe. Naquele momento, ainda sofria, encontrava-se enfermo tentando afirmar o retorno de tudo o que existe.³⁴⁹ O eterno retorno é um saber abissal, enigmático de Zaratustra, ele raramente fala sobre este, na maior parte do texto são os animais que aludem a um saber tão complexo. A sua experiência abissal é quase impronunciável. É importante reafirmar que o encontro consigo mesmo ocorrera a partir do momento da mordida na cabeça da serpente, trata-se de uma atitude extremada e intransferível.

Os animais apresentam aquilo que Zaratustra deve se tornar, *mestre do eterno retorno*.³⁵⁰ O que significa ser mestre de si mesmo, é ter encontrado o seu próprio caminho. Os animais fazem novamente um longo discurso e comentam como Zaratustra ensina o retorno de todas as coisas: “Nós sabemos o que ensinas: que eternamente retornam todas as coisas e nós mesmos com elas e infinitas vezes já existimos e todas as coisas conosco.”³⁵¹ Esta é apenas a sequência que inicia as palavras dos animais, mas, na conclusão, Zaratustra silencia e nada diz sobre elas, apenas *dialoga com a sua própria alma*.³⁵² Diante da problemática do eterno retorno Zaratustra apenas conversa consigo mesmo. Este momento parece indicar que esta não é uma experiência externa, que se pode aprender ou ensinar, mas é própria, ser “mestre do eterno retorno” é ter encontrado aquilo que é *seu*. Trata-se de uma experiência absolutamente singular.

Como afirmamos anteriormente, agora iremos focar em aspectos afirmativos do conceito de eterno retorno. Essa dimensão positiva nos instiga a dizer sim à totalidade da

³⁴⁷ Ibidem, p. 260.

³⁴⁸ MACHADO, R. 1997, p. 141.

³⁴⁹ Cf. NIETZSCHE, F. op. cit., p. 260.

³⁵⁰ Cf. Ibidem, 262.

³⁵¹ Ibidem.

³⁵² Ibidem, p. 263-264.

vida, a acolher a existência no seu sentido trágico: “Se estamos inseridos num mundo que floresce e se repete eternamente, por que não aceitar todas as coisas, sem reservas (...). Se tudo faz parte da fantástica dança da vida, como poderia haver algo nela digno de condenação?”³⁵³ Na nossa concepção de eterno retorno, iremos privilegiar os teóricos que interpretam esse saber abissal no seu aspecto ético, ou seja, nas suas conotações para a vida prática. Em um Fragmento Póstumo, o filósofo acentua ainda outra dimensão do eterno retorno, como repetição contínua das coisas. Essa formulação traz à tona a abordagem cosmológica do eterno retorno:

Minha doutrina diz: a tarefa consiste em viver de tal maneira que devas desejar viver de novo - tu viverás de novo de qualquer modo!

Aquele a quem o esforço proporciona o mais alto sentimento, que se esforce, aquele a quem o repouso proporciona o mais alto sentimento, que repouse, aquele a quem integrar-se, seguir, obedecer proporciona o mais alto sentimento, que obedeça. Possa ele tornar-se *consciente* do que lhe proporciona o mais alto sentimento e não recuar diante de nenhum meio!³⁵⁴

A doutrina nietzschiana do eterno retorno remete a um profundo respeito por si mesmo e pela vida. A tarefa suprema da existência humana é viver de tal modo que o homem deseje de novo usufruir da mesma existência. O filósofo alerta ao homem, através de sua perspectiva do retorno, que não se deve existir de modo subserviente, adotando atitudes segundo imposições externas, mas impulsiona a buscar aquilo que nos proporciona *o sentimento mais alto*, o da superação.

É importante salientar que a doutrina do eterno retorno da filosofia nietzschiana veio ao filósofo não num momento de debate teórico e metódico consigo ou com outros, mas caminhando pelos bosques, próximo a um lago³⁵⁵, ou seja, foi uma experiência oriunda de importantes vicissitudes vitais. Deleuze resume em um imperativo o que poderia ser a máxima da *ética* nietzschiana, “o que quer que eu queira (...) devo querê-lo de tal maneira que queira o seu eterno retorno.”³⁵⁶ A ética nietzschiana não visa um comportamento baseado em normas gerais, mas visa ecoar na criação de valores peculiares, “o que é meu julgamento de valor não vale para outro”.³⁵⁷ Vejamos outro importante fragmento sobre o eterno retorno, que aprofunda o significado do retorno de todas as coisas.

³⁵³ BARRENECHEA, 2008, p. 116.

³⁵⁴ NIETZSCHE, F. *Fragmento Póstumo* 11[163] da primavera de 1881.

³⁵⁵ Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*, Assim Falou Zaratustra, &I.

³⁵⁶ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 31.

³⁵⁷ NIETZSCHE, F. *Fragmento Póstumo* 34[134] de abril/junho de 1885.

Meus amigos, sou o mestre do eterno retorno. Isto é: ensino que todas as coisas retornam eternamente e vós mesmos com elas, - e, que vós haveis existido já inumeráveis vezes e todas as coisas com vós; ensino que há um grande, largo, enorme ano do vir-a-ser que quando expirado e transcorrido retorna uma e outra vez qual uma ampolheta: de que forma esses anos são iguais a si mesmos no menor e no maior.”³⁵⁸

O texto acima também remete à concepção cosmológica do eterno retorno, traz a evidência de que o filósofo efetivamente pensara no retorno de todas as coisas de forma cosmológica. Conforme sustenta Roberto Machado, Nietzsche teve o desejo de *provar argumentativamente* o eterno retorno cosmológico e muitos fragmentos póstumos demonstram isso, mas nas obras publicadas, *a afirmação é mais hipotética do que categórica*, estando à interpretação cosmológica sempre subordinada a uma concepção ética do termo.³⁵⁹ Outros textos do filósofo alemão, porém, se referem ao eterno retorno como uma possibilidade, mesmo “no caso de que a repetição cíclica seja uma probabilidade ou uma possibilidade (...) pode nos sacudir e transformar, não só as sensações ou certas expectativas! Qual foi o efeito exercido pela possibilidade da condenação eterna!”³⁶⁰ Conforme comenta Vânia Dutra de Azeredo, Nietzsche buscara um subsídio científico para sua doutrina, pois sempre se interessou pelas ciências da natureza, como a física e a biologia especialmente. O seu interesse em buscar uma nova interpretação para o mundo não foi impulsionado pela “demonstração técnica ou científica, mas pela pertinência de uma tal interpretação em compatibilidade com a interpretação das forças de vontade de potencia presentes em todo acontecer.”³⁶¹ O eterno retorno é apresentado também como uma possibilidade, uma via de compreensão do mundo que visa à plena asseveração da vida.

Diante da doutrina do eterno retorno, duas posturas podem ser assumidas, ou a negação ou a afirmação do existir, tal como relata um dos mais importantes textos publicados sobre o tema, o aforismo 341 de *A gaia ciência*:

Que diria você se um dia ou uma noite um demônio penetrasse em sua solidão mais solitária e lhe dissesse: Esta vida, tal como você a vive agora e tem vivido, você terá que vivê-la mais uma vez e inúmeras vezes; e nela nada haverá de novo: cada dor, cada prazer, cada pensamento, cada gemido e tudo o que existe de indizivelmente grande e pequeno em sua vida deverá voltar na mesma ordem e na mesma sucessão...

Você cairia no chão rangendo os dentes e amaldiçoando o demônio que falasse assim? Ou estaria vivendo um momento formidável em que lhe

³⁵⁸ Ibidem, 25 [7] da primavera de 1884.

³⁵⁹ Cf. MACHADO, R. 1997, p. 136.

³⁶⁰ NIETZSCHE, F. *Fragmento Póstumo* 11 [203] da primavera/outono de 1881.

³⁶¹ Cf. AZEREDO, V.D. de, 2008, p. 167-168.

responderia: Você é um deus; nunca ouvi palavras tão divinas! Se este pensamento se apoderasse de você, ele lhe transformaria e talvez lhe esmagasse; colocada a respeito de tudo, a questão ‘você quer isso mais uma vez e inúmeras vezes’ pesaria como o peso mais pesado sobre sua ação. Ou então como seria necessário querer bem a você mesmo e a vida para nada mais desejar a não ser esta última eterna confirmação.³⁶²

Diante de tal doutrina o homem pode assumir um profundo pessimismo, pois encarará o destino como algo que torna a vida pesada, ou, ao contrário, ele pode assumir a vida como ela é, em todas as suas vicissitudes. O eterno retorno é uma questão de atitude, de reconhecer decididamente que a vida não tem finalidade, sentido ou destino; logo o homem deve, a partir de si mesmo, *celebrar permanentemente* a vida, “o que importa (...) é viver como se cada instante fosse retornar eternamente. Querer a eternização do momento vivido (...) é amar a vida com o máximo de intensidade.”³⁶³ O eterno retorno instiga o homem a viver com intensidade cada momento. Exige atitude, posicionamento, isto é, a questão não é constatar cientificamente o retorno das coisas, mas como comenta Barrenechea, “exigir a aceitação ou rejeição desse ciclo.”³⁶⁴ O importante desta doutrina é de como ela influencia a ação humana: “O fundamental é o *pathos* que diz sim a todo o existente. Mesmo que não tenhamos nenhuma forma de provar que tudo se repete eternamente (...). Mesmo que se trate de uma ficção, os seus efeitos serão marcantes no nosso proceder.”³⁶⁵ A doutrina do eterno retorno não é uma teoria filosófica que pretende apresentar uma interpretação precisa e detalhada sobre a realidade, mas refere-se a uma proposta. Além disso, no nosso entendimento, mais do que indicar que os homens deveriam seguir tal doutrina, Nietzsche sugere que cada um deve descobrir a sua experiência singular sobre o eterno retorno de todas as coisas.

A perspectiva que consideramos mais relevante na concepção do eterno retorno é exatamente o seu caráter de exclusividade, já que Nietzsche parece que traçou para o personagem um percurso, desde o início da obra, de conquistas e frustrações, um combate incessante com a própria vida até chegar a hora de *dizer sim*; só a partir desse momento Zarathustra pode chegar ao máximo da afirmação de si mesmo e do mundo. O que implica proferir que o eterno retorno não é uma experiência que Zarathustra-Nietzsche pretende anunciar para outros, trata-se de algo pessoal, exclusivo. Os outros podem até usufruir desta perspectiva como algo útil para a sua própria vida, entretanto, interpretamos que Nietzsche quer indicar que cada um deve procurar o seu próprio

³⁶² NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. p. 129-130.

³⁶³ MACHADO, R. 1997, p. 142.

³⁶⁴ BARRENECHEA, M.A. 2008, p. 117.

³⁶⁵ *Ibidem*, p. 120.

eterno retorno, a sua perspectiva singular para afirmar a vida na sua totalidade, tornando-se *aquilo que se é*. Este enfoque, para nós, traz relevantes sugestões para o homem: a condução da vida não por crenças transcendentais ou por imposições sociais, mas, sem prescindir destas, saber ser condutor dos seus próprios passos.

O outro canto da dança é outro capítulo importante para a nossa análise, por também apontar para o “trajeto existencial” e singular de Zaratustra. Nele vemos uma perspectiva diversa daquela desenvolvida nos cantos da segunda parte da obra, nestes o personagem se sente angustiado, ainda não é capaz de encarar a vida afirmativamente. Nesse momento, Zaratustra perscruta a vida pelos olhos e a convida para dançar³⁶⁶, isto significa que ele se sente livre, é capaz de estabelecer um embate com ela sem temê-la. Em *O canto da dança* ele assistiu a vida dançar, mas não teve a necessária leveza para dançar também³⁶⁷. Agora, porém, “a relação da sua sabedoria com a vida muda. Contudo, há ainda em Zaratustra a vontade ou a necessidade de força-la a dançar, segundo o seu desejo.”³⁶⁸ Ele debate de igual para igual com a vida, não se sente inferior, mas sim integrado a ela já que está de posse do seu segredo abissal, o eterno retorno de todas as coisas. Zaratustra confessa algo nos ouvidos da vida e esta se admira, pois ninguém sabia até então o segredo da existência.³⁶⁹ Consegue apreender o seu segredo - que justamente se trata do eterno retorno - algo que não é dito, explicitado, apenas segredado, que é o encontro com a própria capacidade de transpor-se.

A vida não é perfeita: aceitar esta verdade não leva à mera passividade, mas instiga a uma mudança de postura, sugere a superação da necessidade, de longa data no ocidente, de se querer mudar o mundo. Machado comenta que “Se Nietzsche critica, desde *O nascimento da tragédia*, a ideia racionalista de que a vida deve ser corrigida, não será porque anseia por uma postura em que o homem se entregue à vida, caia em seus braços?”³⁷⁰ Após a sua experiência mais terrível, do eterno retorno, o seu embate com a vida é de alguém que só sabe dizer *sim* a absolutamente tudo que envolve a existência. Reforça este raciocínio o que Nietzsche escreve em *Os sete selos*, onde Zaratustra sustenta que o seu aprendizado só se dá pelo caminho singular: “Se, algum dia, estendi sobre mim céus serenos e, com asas próprias voei para os meus próprios

³⁶⁶ NIETZSCHE, F. 2010, p. 267-268.

³⁶⁷ Cf. MARTINS, A. 2011, p. 459.

³⁶⁸ Ibidem, p. 460.

³⁶⁹ Cf. NIETZSCHE, F. op. cit., p. 270.

³⁷⁰ MACHADO, 1997, p. 147-148.

céus.”³⁷¹

Como já apontamos anteriormente, a perspectiva educativa no *Zaratustra* ultrapassa a esfera formal de educação, trata-se de uma educação não formal no sentido que visa redirecionar o estilo de vida de homens singulares. O “sim” à existência é o ensinamento essencial destes capítulos da terceira parte da obra. Vemos uma perspectiva educativa que sugere que é com o devir da vida que aprendemos, no embate constante conosco e com ela, sem negar absolutamente nada. Se considerarmos que educação alude ao aprendizado, à mudança de atitudes, ou revisão de determinadas convicções consideradas significativas para um povo, ou seja, educar, nessa concepção, seria imprimir de algum modo uma determinada concepção de mundo. O que Nietzsche questiona é uma visão decadente da vida presente em sua época, que se manifestava vivamente na educação formal. Isso fica claro na crítica do filósofo aos institutos de ensino alemães e também no questionamento à visão de mundo imposta pelos homens cultos, da área da ciência, da literatura, da política; para ele, esses também são construtores de concepções decadentes, incentivadores de uma cultura enfraquecida. Mas, a sua crítica extrapola os limites do seu espaço e tempo, se estende a toda a cultura do ocidente que criou formas de interpretar a vida que aviltam e despotencializam o homem. Ao propor que a cultura avança justamente pelo estabelecimento de um *estilo único*, Nietzsche não está valorizando comportamentos uniformes, mas indica que quando uma sociedade for guiada por homens singulares, ou seja, os que sabem exprimir a sua força, ela terá melhores condições de criar estilos de vida também intensificadores e potentes.

3.2 Os homens superiores e a educação

A análise que desenvolveremos a seguir será realizada a partir da quarta parte do *Zaratustra*. O objetivo é esclarecer a perspectiva educativa presente no debate do personagem central com os homens superiores. Estes são empregados por Nietzsche, para estabelecer uma crítica a diversos modos de vida do homem moderno, propondo, em contrapartida, outros horizontes para o homem do ocidente.

Esta parte do livro inicia-se com o capítulo *O sacrifício do mel*, no qual lembra-se que passaram já muitos anos, de modo que Zaratustra ficou com os cabelos brancos,

³⁷¹ NIETZSCHE, F. 2010, p. 274.

porém ele não se importara com esta passagem do tempo.³⁷² Ele se tornou maduro, já não busca mais a felicidade, e sim *a sua obra*.³⁷³ Ele diz aos seus animais: “O que se passa comigo, dá-se com todos os frutos que amadurecem.”³⁷⁴ Eis um trecho importante para pensarmos a questão educativa no *Zaratustra*. Não se importar com a passagem do tempo é um indicativo de maturidade, trata-se de um comportamento não de alguém que se acomoda diante de uma circunstância que não pode ser mudada, apenas a aceitando passivamente. Ao contrário, para o personagem principal da obra em estudo, antes de atingir esta calma, esta maturidade, este sentimento de harmonia, muitos turbilhões e situações complexas foram vividos. A questão essencial é que ele se tornou um fruto amadurecido e não desdenha a vida, praguejando-a e a maldizendo, já que tem o equilíbrio de quem aprendeu a dizer *sim*.

Os animais propõem ao personagem central que ele suba a um alto monte donde é possível ver *mais mundo*. Zaratustra considera essa sugestão excelente e pede que providenciem para que lá haja mel, pois quer fazer o *sacrifício do mel*.³⁷⁵ Esta ideia fora apenas um pretexto, pois ao chegar ao monte ele dispensa os animais já que lá em cima se sente mais livre para falar do que diante de eremitas e dos seus animais domésticos.³⁷⁶ O alto é um lugar simbólico, espaço-tempo onde nem todos os homens podem ou querem chegar, do alto é possível *ver o mundo* de forma mais ampla, já entre eremitas e animais domesticados é difícil dizer o que Zaratustra pretende.

Continuando a análise do capítulo, quando desejava mel, afirma Zaratustra, este era apenas uma isca, pois, para ele, o mundo é como uma escura selva povoada de animais ou um *mar cheio de peixes e crustáceos*: lugar propício para caçadores e pescadores.³⁷⁷ Observemos que, de alguma forma, encontramos uma perspectiva educativa, porque analisa o mundo como o lugar no qual se pode formar “os homens superiores”, os que criam a sua própria *ética*. Zaratustra diz que lança no mundo, no *mar dos homens*, a sua *cana de pesca*. “Com a sua melhor isca, quero hoje físgar os mais singulares peixes humanos”.³⁷⁸ É importante salientar que esses “peixes humanos” são

³⁷² Cf. *Ibidem*, p. 281.

³⁷³ Em vários momentos do livro, Zaratustra se remete à *sua obra*. Este termo se refere ao que ocorrerá no capítulo *O Sinal* (NIETZSCHE, 2010), o último do livro no qual o personagem admite que “*o grande meio dia*” e a “sua hora chegou”; que “os seus filhos estão para chegar”. A *obra*, porém, não visa um fim, um objetivo, mas trata do propósito central de Zaratustra que é atingir a superação de si próprio, *tornando-se o que se é* e encontrar discípulos que apontam para um futuro intensificador.

³⁷⁴ NIETZSCHE, F. op. cit., p. 282.

³⁷⁵ Cf. *Ibidem*

³⁷⁶ Cf. *Ibidem*.

³⁷⁷ Cf. *Ibidem*.

³⁷⁸ *Ibidem*, p.283.

buscados no *mar do mundo*. Como já apontamos, o mar é o lugar do embate, da tensão, do paradoxo, onde ele quer pescar os melhores peixes. Não é mais a busca por todos, no meio da multidão, na praça pública - onde os comportamentos são idênticos- mas no mar ou na selva, onde reina a coragem de lutar e assumir a vida como um risco.

Zaratustra quer trazer do fundo dos mares aqueles que podem subir até a sua altura: “Porque tal como sou eu, no mais fundo do meu ser e desde o início: alguém que tira a si, para cima, para o alto, um tirador, criador e tratador, que não em vão, um dia determinou a si: *Torna-te quem és!*”³⁷⁹ O protagonista busca “pescar” homens que, como ele, aprenderam a dar um rumo a si mesmos, a serem aquilo que eles poderiam ser. Ele ficou no monte à espera do sinal de que chegara o tempo de sua descida; está nos altos *montes sem paciência nem impaciência*, pois já não mais padece. Como comenta Fink, do alto da sua montanha “lança aos peixes humanos o isco do mel da sua secreta felicidade de solitário e da sua liberdade nas montanhas (...) é o solitário que suporta a solidão, o ateu que sabe viver sem Deus.”³⁸⁰ O sofrimento que Zaratustra passara em vários momentos no decorrer do seu percurso, sobretudo a dificuldade de afirmar o seu saber abissal, o eterno retorno, é neste momento ultrapassado porque soube colocar a seu favor o tempo. Desde o início, ele fora afirmador da vida, determinou-se *a ser o que se é* e buscou “pescar” homens que fossem como ele.

Na sequência, o primeiro homem superior é apresentado. No capítulo *O grito de socorro* onde se narra o reencontro do personagem central com o adivinho, aquele que, na primeira parte do seu itinerário, o hospedou e dissera: “Tudo é igual, nada vale a pena, o mundo não tem sentido, o saber sufoca.”³⁸¹ Zaratustra o chama de profeta do *grande cansaço*.³⁸² O adivinho³⁸³ faz uma extensa ladainha pessimista e repete as suas teses negativas: “tudo é igual, nada vale a pena, inútil é a procura, não mais existem,

³⁷⁹ Ibidem, p. 283.

³⁸⁰ FINK, 1983, p. 123.

³⁸¹ Cf. NIETZSCHE, F. op. cit., prólogo.

³⁸² Ibidem, p. 285.

³⁸³ Salientemos que a imagem do adivinho remete a Schopenhauer, filósofo pessimista que segundo Nietzsche teria contribuído para a construção de uma moral decadente por sustentar que o que move o homem é a *vontade de viver*. Afirma Nietzsche: “Quando falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos obriga a instaurar valores, a vida mesma valoriza através de nós *quando* instauramos valores... Daí se segue que também aquela *contranatureza da moral*, que toma Deus por conceito contrário e condenação da vida, é apenas um juízo de valor da vida. *De que vida? De que tipo de vida?* – Mas eu já dei a resposta: da vida decadente, enfraquecida, cansada, condenada. A moral, tal como foi entendida até aqui – como por fim foi ainda formulada por Schopenhauer, como “negação da vontade de vida” -, é o próprio *instinto da decadência* que se transforma em imperativo. Ela diz: “*Pereça!*” Ela é o juízo dos que foram condenados...” (NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*, 2008, p. 47).

tampouco, ilhas bem aventuradas.”³⁸⁴ Ele é portador da desesperança, da negação da vida. Durante um momento, põe Zaratustra em um profundo abismo. Conforme comenta André Martins, deixou-se “influenciar pelo adivinho, foi porque sentia ‘uma solidão mortal’ no silêncio de seu isolamento”³⁸⁵. Contudo, Zaratustra continua o caminho em busca do “homem superior.” Fink defende que este personagem [o adivinho] “é o profeta do futuro niilismo.”³⁸⁶ Constatamos nele uma concepção de mundo pessimista, no sentido de que não mais acredita em nenhum fundamento. Resta a ele a negação completa da vida, e, ao negar, abre-se também a possibilidade da afirmação, descortina-se a chance do cultivo de si. O adivinho é o profeta da negação, sendo um inconformado com o tempo vigente, isto é, com a vida do homem moderno. Ele traz em si um forte sentimento de rejeição da existência o que é um impulso à superação de si mesmo, a possibilidade de ser singular.

Colóquio com os reis é uma seção da obra que alude a outros homens superiores, *os dois reis*. Eles estão fugindo dos reinos, dos *bons costumes* e da *boa sociedade*. Afirma um dos reis: “(...) De que, então, estamos fugindo? Não é dos bons costumes? Não é da nossa boa sociedade? Antes, na verdade, viver entre eremitas e pastores de cabras do que com a nossa plebe revestida de ouro (...) ainda que se chame boa sociedade.”³⁸⁷ Os reis são críticos do estilo de vida a que estavam habituados - aludem às experiências de rebanho do homem moderno - e por isso vão ao encontro de Zaratustra. Salientemos que a sua atitude é diferente daquela do homem que advertiu o personagem central das loucuras da grande cidade, mas permaneceu lá sem ter a coragem de buscar novos horizontes. Os reis, pelo menos, desprezam o estilo de vida que levavam e o abandonam, procuram novos caminhos. Eles estão sufocados pela vida superficial que levavam e: “Eu sufoco desta náusea: de que nós mesmos, os reis, nos tornamos falsos, cobertos e disfarçados pelo velho e desbotado fausto de nossos avós.”³⁸⁸ Os reis apresentam uma perspectiva singular porque se mostram insatisfeitos e se recusam a repetir as atitudes e superstições aparentes da “vida monárquico-estatal”, isto é, a repetição de velhos comportamentos que os induzem a não serem eles mesmos. Segundo Fink, eles: “têm bastante do caráter aparente da sua realeza; já não são senhores, nem guerreiros, já não querem o poder, são os netos tardios dos guerreiros,

³⁸⁴ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 287.

³⁸⁵ MARTINS, A. 2011, p. 460.

³⁸⁶ FINK, E. 1983, p. 124.

³⁸⁷ Cf. NIETZSCHE, F. op. cit., p. 289.

³⁸⁸ Ibidem, p.290.

desprezam a falsa representação do Poder que já não é realmente Poder (...).³⁸⁹ Zaratustra que ouvia escondido a conversa entre os reis se apresenta a eles e diz: “Eu sou Zaratustra que, certa vez, disse: ‘Que importância tem todos os reis!’ Perdoai-me, mas me alegrei quando dissestes um ao outro: Que importância ainda temos nós, os reis!”³⁹⁰ A autocrítica dos reis alegra Zaratustra, já que estes que buscam o homem superior são também superiores, pois deram pelo menos um passo para se autossuperarem.

Em *A sanguessuga*, o “homem superior” apresentado é o *consciencioso do espírito*. Este fora encontrado por Zaratustra enquanto caminhava em busca do “homem superior”, apontado pelo adivinho. O consciencioso fora também picado várias vezes por sanguessugas e por isso encontrava-se caído e enfraquecido.³⁹¹ Zaratustra se apresenta e o consciencioso se sente feliz por conhecer aquele que denomina “a grande sanguessuga das consciências”. Ele após longa conversa se apresenta a Zaratustra e diz qual é o seu ofício. Zaratustra o pergunta se é o pesquisador da sanguessuga e ele diz que é apenas um mestre e conhecedor do cérebro da sanguessuga; e esse é o seu mundo.³⁹² Vemos nesta passagem uma crítica ao especialista, ao homem do conhecimento que se dedica a apenas uma parte do saber sem ter o domínio e compreensão do todo. Nesse sentido, diz o consciencioso: “É o que de mim exige minha consciência do espírito: que eu saiba uma coisa e, de tudo o mais, não saiba nada; repugnam-me todos *os meios termos* do espírito, todas as mentes nebulosas, oscilantes, exaltadas.”³⁹³ Com esta metáfora do consciencioso, Nietzsche critica o homem da ciência, do saber especializado, que é capaz de abordar com precisão uma parte limitada do saber desconsiderando a totalidade. Para o especialista, o importante é a perspicácia na exatidão, “julga tudo objetivamente e usa sempre a sua poderosa lente de aumento para não deixar passar um milímetro desta preciosa verdade”.³⁹⁴ O formalismo do homem de ciência desconsidera “os meios termos”, renegando o espaço para o incerto, minimizando o surgimento das “leituras” diversificadas de mundo.

O consciencioso sabe de sua atitude de especialista. Este fato o torna um homem superior. Quando se abre à possibilidade de superação, embora não amplie a sua pesquisa para além do cérebro da sanguessuga, compreende que isto é uma limitação. Nietzsche, com a figura do especialista, ironiza o homem da ciência que se fixa em um

³⁸⁹ FINK, E. 1983, p. 124.

³⁹⁰ NIETZSCHE, F. 2010, loc.cit.

³⁹¹ Cf. Ibidem, p. 294.

³⁹² Cf. Ibidem, p. 295.

³⁹³ Ibidem, p. 296.

³⁹⁴ VANDERLEI, S. 2011, p. 408.

saber específico, pretendendo com este envolver toda a realidade. Ele sabe muito sobre uma parte limitada, mas não consegue perceber a diversidade no mundo; propõe o absurdo de abarcar a complexidade da existência em uma teoria. Sobre isso comenta Sabina Vanderlei: “para Nietzsche, ele é o símbolo da ciência positiva que, sem dúvida, perdeu a vontade de relação, se afundou na especialização extrema, mas renuncia expressamente a todos os domínios do saber onde apenas se arvora um pretenso saber.”³⁹⁵ O consciencioso do espírito trata com tanta rigidez o seu conhecimento que é sugado pelo seu desejo de dominar a realidade, é picado por muitas sanguessugas a ponto de ficar sem forças; o seu desejo de conhecimento o oprime, o sufoca, é o especialista que deixa sugar sua energia vital, estudando coisas estéreis para a existência. Nietzsche questiona o saber demasiado especializado, muito comum na ciência de sua época, estabelecidas de teorias que minimizam as forças vitais humanas e dificultam a expansão da vida.

O outro homem superior é *O feiticeiro*, citado no capítulo de mesmo nome. Continuando a sua caminhada, Zaratustra avistou alguém que caíra “de braços no solo.”³⁹⁶ Ele acreditou que havia finalmente encontrado o homem superior, mas era apenas um velho com dificuldades de ficar em pé, aparentava não ter consciência do que ocorria à sua volta, parecendo *abandonado pelo mundo e forçado à solidão* e emitiu um longo lamento³⁹⁷ e, logo a seguir, Zaratustra fala com ele, o espancando com um bastão. Tratava-se do feiticeiro que o pedira para parar de batê-lo.³⁹⁸ O personagem central descreve o feiticeiro como um enganador- alusão a Wagner e à sua música³⁹⁹- como alguém que só vive para trapacear. O diálogo toma outro rumo quando o enganador afirma: “(...) estou cansado disso! Minhas artes me repugnam, eu sei que não sou grande, que me vale disfarçar-me! Mas tu bem o sabes, eu procurei a grandeza! Ó Zaratustra, tudo, em mim, é mentira; mas que eu sucumba, esse meu sucumbir é verdadeiro!”⁴⁰⁰ Esta atitude do velho feiticeiro - o velho Wagner- faz Zaratustra afirmar: “E isto é o que tem de melhor e mais honesto (...) e o que eu respeito em ti: que te cansaste de ti mesmo e disseste: ‘Não sou grande’”.⁴⁰¹ O feiticeiro foi sincero, admitiu que pretendia ser grande sem sê-lo de fato e esta atitude o tornara superior. Ao assumir a pequenez, abriu

³⁹⁵ FINK, 1983, p. 124.

³⁹⁶ NIETZSCHE, F. 2010, p. 297.

³⁹⁷ Cf. Ibidem, p. 297-300.

³⁹⁸ Cf. Ibidem, p. 301.

³⁹⁹ Ver nota 269.

⁴⁰⁰ Ibidem, p. 302.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 303

espaço para adotar uma atitude de grandeza. Fink assinala que o feiticeiro: é “o artista que já não vive nada realmente, que já não possui autenticidade (...) que vive das velhas máscaras de uma existência outrora repleta.”⁴⁰² As palavras dele ao tentar enganar Zaratustra indicam que se trata do homem “piedoso”, tanto que o personagem central diz que ele não apenas fingia ser um “penitente do espírito”, mas tinha de fato algo dos homens que criam teorias enganadoras e as estabelecem como se fossem uma verdade universal e inabalável. Nietzsche aponta que o homem não deve viver na mentira, isto é, projetar significações que o distanciam de si, criando teorias que justifiquem uma “grandeza” inexistente. A perspectiva singular neste personagem é proporcionar a si, através do reconhecimento de sua pequenez, a possibilidade de recriar-se, de constituir um modo de vida que ultrapasse aquilo que sempre fora, o disfarce de um *grande homem*⁴⁰³.

No capítulo seguinte, intitulado *Sem ofício*, Zaratustra inicia o texto maldizendo o fato de ter encontrado outro homem da religião: “ali está uma tribulação mascarada e, ao que me parece, da raça dos padres; que pretende essa gente no meu reino?”⁴⁰⁴ Era o velho papa, outro homem superior que Zaratustra encontra no seu caminho. Estava ele sem ofício, pois *Deus não vivia mais* e o ancião servira este velho Deus até o fim.⁴⁰⁵ Nietzsche está assinalando que o homem religioso busca até o fim um refúgio graças ao qual possa alimentar a sua fé. Somente quando todas as possibilidades estão esgotadas, o velho busca Zaratustra, o “sem Deus.” O papa “é o homem que respeita, o homem cuja natureza é venerar e abençoar, embora saiba que está morto aquele em nome de quem abençoava.”⁴⁰⁶ É uma imagem muito forte, pois o papa é a figura suprema da hierarquia do catolicismo, aquele que “sustenta a fé.” Mesmo assim ele tampouco encontra alternativas que não seja outra que a de admitir que os valores transcendentais não têm mais vigência para darem sentido à vida humana. Zaratustra pergunta se não fora a compaixão pelos homens que teria matado o velho Deus. Ele indaga se o fato de vê-los

⁴⁰² FINK, 1983, p. 124.

⁴⁰³ É importante salientar que Nietzsche considera “grandes homens” aqueles que souberam conquistar uma autenticidade exclusiva e se tornaram exemplos para outros homens. Tanto que afirma: “o grande homem precisa, para poder existir, ter domínio sobre uma força que seja maior que a força de resistência que é desenvolvida por milhões de indivíduos” (NIETZSCHE, F. *Fragmentos finais*, p. 37). Podemos citar que Goethe, Wagner, Schopenhauer foram para o filósofo alguns destes raros exemplos aos quais ele não seguiu cegamente, mas, instituiu um percurso próprio a partir do que considerou contribuições e equívocos nestas grandes personalidades.

⁴⁰⁴ NIETZSCHE, F. loc.cit., p. 305.

⁴⁰⁵ Ibidem.

⁴⁰⁶ FINK, 1983, p. 125.

pendurados numa cruz se tornara o seu inferno e por isso ele teria sucumbido?⁴⁰⁷ O papa não responde a esta indagação, após um longo silêncio diz que sobre as coisas divinas entende mais que Zaratustra, pois delas se ocupara a vida toda.⁴⁰⁸ O papa comenta que:

Quando era jovem, esse Deus vindo do Oriente, era duro e vingativo e edificou um inferno para deleite de seus prediletos (...). Finalmente, porém, ficou velho e mole e combalido e compassivo, mais semelhante a um avô que a um pai e mais semelhante, ainda, que a qualquer coisa, a uma avó trôpega.⁴⁰⁹

Após tais palavras, Zaratustra se admira do fato do papa ter visto nisso a decadência de Deus com os seus olhos e diz que ele pode ter morrido deste ou de outros modos, como ocorre *com todos os deuses mortos*. O significativo de fato é que esse deus está morto definitivamente.⁴¹⁰ O que importa após tal constatação é o papa possibilitar a si a chance de dar à vida outro rumo, por isso Zaratustra disse: “não penses mais nele, está morto”⁴¹¹. Se o papa pode redimensionar a sua vida, significa que todos os crentes também podem fazê-lo. Nietzsche, através desses homens, aponta de novo para os rumos da cultura ocidental, que se pautou em valores ultraterrenos, mas agora pode reinventar um destino terreno, e como afirma Zaratustra: “É melhor não termos nenhum Deus, é melhor forjarmos o destino com as nossas próprias mãos, é melhor sermos doidos, é melhor sermos Deus nós mesmos.”⁴¹² Conforme ocorre em vários momentos da obra, Nietzsche acena para a importância de o homem construir, com as suas próprias mãos, o seu percurso. Durante séculos, o ocidente sustentou a sua existência tendo como fundamento uma doutrina baseada em um Deus que agora está morto, logo, não podendo mais acreditar na sua presença, o homem pode traçar o caminho em direção a si mesmo. Ajudar o velho papa a desvencilhar-se da sua crença é dimensionar o homem moderno a recriar o seu caminho para afirmar sentidos terrestres, oriundos da força que emerge do mais particular do ser humano.

O mais feio dos homens aparece na sequência e, neste, Zaratustra faz um interessante comentário sobre o que havia vivido até aquele momento: “Que boas coisas, dizia, me ofereceu este dia (...). Que estranhos interlocutores encontrei! Vou, agora, mastigar longamente suas palavras como um bom trigo; triturá-las, deverá meu dente, e

⁴⁰⁷ NIETZSCHE, F. 2010, p. 306.

⁴⁰⁸ Cf. Ibidem, p. 306-307.

⁴⁰⁹ Ibidem, p. 307.

⁴¹⁰ Cf. Ibidem.

⁴¹¹ Ibidem, p. 306.

⁴¹² Ibidem, p. 308.

esmoê-las, até que, como leite, escorram para a minha alma!”⁴¹³ Zaratustra considera que o encontro com aqueles homens foi frutífero, com eles ele pode aprender ensinamentos relevantes. São homens com experiências negativas da vida, mas que souberam buscar perspectivas inovadoras. São poucos os momentos em todo o *Zaratustra* nos quais Nietzsche admite que o seu personagem principal está aprendendo algo com alguém. Isto ocorreu com os pescadores, por exemplo, que são homens que enfrentaram as adversidades do mar da vida; já com os homens superiores, o elogio é nítido e isto se dá porque eles apontam para a possibilidade da superação de si.

Na sequência do capítulo, Zaratustra se depara com uma paisagem árida, sem vida, um local que todos *os animais evitavam*. Tal lugar trouxe a Zaratustra tenebrosas recordações.⁴¹⁴ Viu em seguida uma figura inominável, que parecia um ser humano, e se sentiu envergonhado do que os seus olhos enxergavam. O homem pede a Zaratustra que descubra o seu enigma, isto é, quem ele era, e Zaratustra descobre que era *o mais feio dos homens*. “O homem feio significa a náusea que o homem inspira a si próprio; enquanto (...) tiver consciência do que existe nele de fragmentário, de enfermo, enquanto (...) quiser afastar-se de si próprio tem ainda uma certa ideia de grandeza (...).”⁴¹⁵ Ele fora o assassino de Deus que passou a ser desprezado pelos homens, não com ódio, mas *com compaixão*, por isso busca refúgio na companhia de Zaratustra.⁴¹⁶ O homem horrendo, representa o *último homem* da modernidade que *reduz ao mínimo a potência humana*. Esse personagem orgulhosamente crê que com a ciência vai melhorar o mundo, mas esconde na alma a *fealdade*, a pobreza do seu espírito.⁴¹⁷ O homem feio é também um dos homens superiores, “é também um homem moderno e pequeno, porém não é satisfeito, não aceita esta realidade, não pode conviver nem consigo mesmo.”⁴¹⁸ Sendo um inconformado pode elevar-se, “só o homem que se satisfaz consigo (...) é um homem perdido.”⁴¹⁹ Por esta razão, Zaratustra o acolhe, pois nele ainda é possível vislumbrar a autossuperação.

A compaixão, acima citada, é aqui analisada como algo extremamente inibidor do vigor humano, tanto que o homem preferira ser odiado a que se sentissem compaixão por ele. Este é um sentimento fraco e mentiroso, pois põe o homem para fora de si, o

⁴¹³ Ibidem, p. 309.

⁴¹⁴ Cf. Ibidem.

⁴¹⁵ FINK, 1983, p. 125.

⁴¹⁶ NIETZSCHE, F. op. cit., p. 311.

⁴¹⁷ Cf. SOUZA, K.S.P.de. LOSSO, E.G.B. *Leituras de Zaratustra*/ Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores. Rio de Janeiro: MauadXFaperj, 2011, op. cit., p.120.

⁴¹⁸ Ibidem, p. 121.

⁴¹⁹ FINK, 1983, p. 125

instiga a “sentir com” a dor do outro. Na perspectiva nietzschiana, isso é um engodo, porque a verdadeira experiência é própria. A esmola seguida do sentimento de compaixão é algo que irrita o mais feio dos homens. Na sequência, o homem feio diz que outro teria lhe jogado esmolas, mas Zaratustra apenas se envergonhou ao vê-lo e isto o honrou.⁴²⁰ Notemos que quando Zaratustra chegou àquele lugar sem vida, sentiu-se frustrado, com lembranças lúgubres. O homem mais feio alertou que esse é um caminho que torna a vida um peso, é deste pessimismo que ele parece querer livrar Zaratustra. O protagonista da obra em estudo diz ao interlocutor: “Tu, exilado que a ti mesmo te exilaste, não queres viver no meio dos homens? Pois muito bem, faz como eu! Aprende também alguma coisa de mim; somente agindo se aprende.”⁴²¹ A sentença “aprende também algo de mim” significa que Zaratustra estava aprendendo com aquele homem superior. Um aspecto do seu ensinamento indica que o assassino de Deus trazia uma esperança, a possibilidade de propor ao homem moderno algo diverso do que criara durante séculos; um estilo de vida descentrado de si. O homem feio se exilou dos seus contemporâneos e o seu desprezo aponta para outras expectativas. O matador de Deus indica: o ser humano pode ser arquiteto do seu próprio projeto existencial. O protagonista da obra em análise ao dizer que só se aprende agindo, está pondo a ação como alvo de todo ensinamento. É com e através da vida que se aprende a criar mundos, a instituir caminhos. Zaratustra ensina a aprender na ação, no contato com as experiências concretas, as boas e as más. Indica que o homem não deve ser passivo, inerte, repetidor do que já fora criado, mas ser “obra de arte de si mesmo”⁴²², pois na ação ele deixa naquilo que faz a marca daquilo que lhe é mais genuíno. Zaratustra afirma também que aquele interlocutor é um grande desprezador e que não encontrara até então quem se desprezasse tanto. Ele ama os grandes desprezadores, pois o homem é algo que *deve ser superado*.⁴²³ O ensinamento da superação de si, do desprezo por aquilo que se é, indica que o homem pode empreender um decurso: tornar-se o que se é.

O mendigo voluntário é o homem superior que aparece posteriormente. Ele “renuncia a todos os bens e vagueia pelas montanhas pregando a doçura, é também um

⁴²⁰ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, loc. cit.

⁴²¹ Ibidem.

⁴²² Na obra de Rosa Dias *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, a comentadora propõe a interpretação do ser humano como obra de arte de si mesmo segundo a perspectiva nietzschiana. Segundo a autora o homem deve “sair da posição de criatura contemplativa e atribuir os hábitos e os atributos do criador, ser artista de sua própria existência” (2011, p. 20).

⁴²³ Cf. Ibidem, p. 314.

nostálgico e [um homem] que procura.”⁴²⁴ Caminhando nas suas montanhas Zaratustra encontra este homem perto das vacas tentando descobrir com elas “a felicidade na terra.”⁴²⁵ Ele era *um pregador da montanha* que, sendo muito rico, deixara os ricos e a riqueza para viver e partilhar com os pobres, mas foi por eles desprezado, por isso, escolheu conviver com os animais. Das vacas, afirma ele, deve-se aprender a *ruminar*.⁴²⁶ “O reino dos céus está entre as vacas”⁴²⁷, não mais entre os pobres que impulsionam a rebelião plebeia e dos escravos.⁴²⁸ Nietzsche critica novamente o homem da *grande cidade*, que deturpa o comportamento nobre, colocando aquilo que é vil e serviçal como se fosse o comportamento norteador dos seres humanos. Lembremos que Nietzsche recrimina veementemente o agir sabujo que enfraquece a expansão dos homens. A postura plebeia que domina na ciência, na política, na religião, na vida em sociedade, conduzindo a atitudes servis, garante o *status quo* em detrimento da ampliação da potência, minimizando as forças vitais, os impulsos criativos.

Zaratustra provoca o mendigo perguntando por que ele não distribuiu entre os ricos os seus bens. Ele compreende que está sendo posto à prova e responde:

Sabes disso ainda melhor do que eu. Que foi que me levou para os pobres (...) não foi a repugnância aos nossos ricos (...). A essa plebe revestida de ouro, falsificada, cujos pais eram ladrões ou abutres trapeiros, casada com mulheres complacentes, lascivas, esquecediças – para meretrizes, em verdade, pouco falta a todas elas.⁴²⁹

Não são somente os pobres que têm um comportamento plebeu, declinante, quando preferem facilidades e viverem à custa de outrem, mas os ricos também. Há homens e mulheres que não construíram nada, mas usufruem do roubo dos seus antepassados e o que aprendem é a trapacear, enganar, buscar a vida cômoda. Esses são, portanto, fracos, não têm em si a nobreza do comportamento guerreiro, do homem que luta com suas próprias forças para conseguir o que precisa e almeja constantemente a autossuperação. O mendigo afirma que o comportamento plebeu, servil, está entre os ricos e os pobres, por isso ele foi viver com as vacas.⁴³⁰ A aptidão mais importante das vacas é a ruminação, diversas vezes elas retornam o mesmo alimento para a boca e estes são só ingeridos quando estão aptos para suprirem de forma eficaz as suas necessidades

⁴²⁴ FINK.1983, p. 125.

⁴²⁵ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 314-316.

⁴²⁶ Cf. Ibidem.

⁴²⁷ Ibidem, p. 316.

⁴²⁸ Cf. ibidem.

⁴²⁹ Ibidem, p. 317.

⁴³⁰ Cf. Ibidem.

fisiológicas. Nesta imagem encontramos uma crítica contumaz ao homem moderno, que aprecia com muita rapidez as coisas sem se debruçar rigorosamente sobre elas. Trata-se de um estilo de vida apressado, disperso, que ignora a “ruminação das ideias” e acaba integrando para sua vida comportamentos e pensamentos sem reflexão, sem analisar que estes podem ser nocivos a uma existência saudável. Além disso, a ruminação se refere à cultura jornalística, “que imperava na modernidade e continua até os nossos dias (...) cuja pressa acaba provocando alterações ‘gástricas’ - a diarreia ou bem a indigestão - e, finalmente o estômago, isto é, o pensamento.”⁴³¹ Ao mencionar a ruminação, Nietzsche critica um estilo de vida no qual o homem é dominado pelo tempo cronológico, não sendo senhor do seu tempo. Crítica que infelizmente ainda pode ser dirigida ao comportamento do homem civilizado da atualidade.

A *sombra* é o último capítulo que aborda a questão do homem superior. Seguindo o seu caminho, Zarathustra se depara com *uma sombra* e pergunta quem ela é. Esta responde que era um viandante que há muito tempo o acompanhava, que era errante, pois não tinha lugar, não tinha pátria nem lar. A sombra não tem origem nem destino, embora pareça eterna.⁴³² Crer na eternidade impõe a confiança em um fim, o condicionamento da vida em função de algo que aparentemente está por vir. O judaísmo-cristianismo espera pelo messias e até que ele venha vive errante em busca da terra prometida. Tais perspectivas são contrastantes para quem é itinerante como a sombra que diz: “terei que estar a caminho de nenhum lugar?”⁴³³ A sombra diz que andou em várias superfícies, mas foi *atrás de Zarathustra que seguiu por mais tempo*, com ele desejou *tudo o que é proibido* e a virtude que possui constitui em não ter proibições.⁴³⁴ A sombra se apresenta como sem lei, livre, aberta para o mundo, ousada e contrária a qualquer norma. Imagem expressiva para entender a perspectiva singular de Zarathustra que sempre almeja a liberdade, a construção de si mesmo, o estabelecimento de valores que provêm de si e não da coerção social, por isso, ele diz: “Viver como me apraz ou não viver de todo: assim quero...”.⁴³⁵ Zarathustra reconhece que se trata de sua própria sombra e acentua o perigo que ela corre. Por ser *errante e sem pouso* é fácil que caia em prisões: “Já viste, algum dia, como dormem os criminosos encarcerados? Dormem

⁴³¹ BARRENECHEA, 2009, op. cit., p. 129.

⁴³² Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 320.

⁴³³ Ibidem.

⁴³⁴ Ibidem.

⁴³⁵ Ibidem, p. 321.

tranquilos, gozam a sua nova segurança.”⁴³⁶ A sombra corre o risco de cair em ilusões exatamente pelo fato de ser extremamente livre, “é um perigo permanente da sua própria natureza: a temerária libertinagem intelectual, a alegria inquietante da inexistência de amarras.”⁴³⁷

Os homens superiores indicam a possibilidade de um caminho singular ao se remeterem à superação do homem aniquilado, ultrapassando o estilo de sociedade em que habitam, “todos esses são homens do grande desprezo, da grande náusea, do grande anseio (...). Eles representam aqueles que não sabem viver nos dias de hoje, que não aprenderam a resignação.”⁴³⁸ Vemos que é possível enxergar uma postura educativa em cada um dos homens superiores. Zaratustra aprendeu e age de forma diferente do que fizera na primeira e segunda parte da obra, quando anunciou para a multidão e para os seus discípulos, respectivamente, o super-homem e a vontade de potência. Neste momento, ele não vai ao encontro de ninguém, todos os homens superiores demonstram ter ouvido a doutrina de Zaratustra e livremente vão ao seu encontro. Eles são aqueles frutos que o personagem central esperava germinar, há um processo de superação neste caso, isto é, os homens superiores escolhem Zaratustra como mestre, admitem que sua doutrina é útil para que eles encontrem horizontes novos. Só se hospeda na caverna de Zaratustra quem tem de algum modo a expectativa de superação, quem não está atrelado ao modo de vida do rebanho, quem é capaz de romper com as mazelas do passado e recriar-se. Esses hóspedes podem aprender e ensinar algo junto a Zaratustra, numa atitude diferente do homem gregário que dificilmente entenderia a sua proposta educativa que instiga a *tornar-se o que se é*.

3.3 Decurso para tornar-se o que se é

Analisaremos nesta última seção como a educação em *Assim Falou Zaratustra* pode ser um decurso para tornar-se o que se é. Aprofundaremos o sentido deste termo e tomaremos como base os capítulos que sucedem ao diálogo do protagonista com os homens superiores. Focaremos também no estudo do livro *Ecce Homo*, no qual podemos encontrar indicações que reforçam os ensinamentos anunciados no *Zaratustra*.

Ao meio dia é o capítulo que segue este longo encontro de Zaratustra com os

⁴³⁶ Ibidem, p. 322.

⁴³⁷ FINK, 1983, p. 125.

⁴³⁸ Cf. SOUZA, K.S.P.de. LOSSO, E.G.B. 2011, p. 122.

homens superiores. O filósofo inicia essa seção, aludindo ao fato de que Zaratustra caminhara por muito tempo sem encontrar ninguém, contudo, continuou reencontrando a si mesmo e pensando em coisas boas durante muitas horas.⁴³⁹ Esta significativa passagem indica que Zaratustra percorria o seu caminho educativo de encontro consigo mesmo. Isso ocorrera em todo o decurso do livro, mas, após passar por momentos tenebrosos, ele se sentiu pleno, teria estabelecido o encontro abissal consigo mesmo. Ele não se encontrou definitivamente, mas *continuou* a caminhada para encontrar-se. É importante frisar o termo *continuar*, pois entendemos que podemos associá-lo com a sentença *tornar-se o que se é*. Zaratustra se sente pleno e “na hora do meio-dia” deita-se embaixo de uma velha e frutífera parreira de uva e dorme. Este estado de sono, porém, não é aquele que limita e impede a expansão da vida, mas aquele que revigora, que fortalece, que impulsiona as forças vitais. Zaratustra, enquanto adormecia disse: “Silêncio! Silêncio! Não acaba o mundo de atingir a perfeição? (...). Ei-la deitada e quieta, a minha alma singular (...)”.⁴⁴⁰ Zaratustra considera aquele um momento sublime: utiliza o termo *meio-dia*, que para Nietzsche tem o significado de plenitude; simboliza que a sua alma é singular porque ele é plenamente afirmativo e o seu *demônio*, o *espírito de peso*, não mais o afeta. *O mundo acabara de atingir a perfeição*, afirma Zaratustra.⁴⁴¹ Perfeição, porém, marcada pela perspectiva de uma alma que se tornou singular.

A *saudação* é o capítulo no qual Zaratustra reconhece que aqueles gritos, ouvidos durante o dia foram proferidos por aqueles homens que encontrara. Ao voltar a sua caverna ouve o mesmo grito e descobre que era de muitas vozes, embora parecesse único: os homens que ele buscara estavam em sua caverna.⁴⁴² Tal fato remete à questão educativa que estamos analisando, pois, os homens superiores eram diferentes, tinham perspectivas absolutamente diversificadas diante do existir, contudo o seu grito parecia idêntico, tanto que, ao estarem juntos na caverna emitiram um “som” que pareceu uníssono. Isso talvez indique que configurem um *coro de únicos*, eles conseguiram desprezar as mazelas da vida moderna que impedia a asseveração de sua singularidade. Zaratustra se admira inicialmente, mas depois constata que foi ele quem os atraiu com o seu *sacrifício do mel*.⁴⁴³ Entretanto, embora os considere superiores, eles ainda não são

⁴³⁹ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, op. cit.

⁴⁴⁰ Ibidem, p. 323.

⁴⁴¹ Ibidem, p. 324.

⁴⁴² Cf. Ibidem, p.325.

⁴⁴³ Cf. Ibidem, p. 326.

“bastante elevados e fortes.”⁴⁴⁴ Ainda têm muitas coisas *tortas e disformes*, há neles a *plebe escondida*, quanto a isso o protagonista diz: “são apenas pontes (...). Viestes a mim somente como prenúncio de que homens superiores a vós já estão a caminho.”⁴⁴⁵ Eis a expectativa de Zaratustra, que seres humanos superiores possam surgir no futuro. Aqueles personagens têm ainda traços da modernidade, neles estão impressos os malefícios que uma cultura decadente pôde impor, mas são superiores porque são pontes, neles é possível vislumbrar que homens totalmente afirmadores podem surgir.

Do homem superior é outro capítulo no qual entendemos que é possível encontrarmos perspectivas singulares que impulsionam a tornar-se o que se é. A trama decorre durante a refeição que Nietzsche denominou *A ceia*, título da seção que o antecede e o assunto que prevalece é a questão do homem superior. Zaratustra começa fazendo uma autocrítica: “Na primeira vez que fui para o meio dos homens, pratiquei (...) a grande estultície: fui à praça de mercado. E, como falasse a todos, não falei a ninguém.”⁴⁴⁶ Tal fato demonstra que o personagem basilar do *Zaratustra* vai aprimorando o seu percurso, não desce pronto da montanha, é nos encontros e desencontros com a vida que constitui o seu percurso de ensino-aprendizado. Ao realizar um anúncio a multidão, comete o equívoco de tentar ensinar a todos os homens. O super-homem era o conteúdo do seu ensino e nem todos estavam capacitados para entender a dinâmica da potencialização da vida que tal anúncio trazia. Para quem fora educado na praça de mercado, qualquer ensinamento que difere do que a maioria considera verdade, que fuja dos padrões estabelecidos socialmente, é totalmente ignorado, por isso ele reconhece que não falara a ninguém ao se dirigir à maioria. Zaratustra alerta os homens superiores para que não percam tempo com tais homens, eles fechariam os ouvidos por acreditarem que *todos são iguais*.⁴⁴⁷ Nietzsche repete agora aquilo que já afirmou antes: agora que Deus morreu, não existem mais homens iguais perante ele, relembra que é o super-homem que deve surgir.⁴⁴⁸ Reitera que a postura adequada é buscar a intensificação constante, tendo a si e as forças terrestres que potencializam a vida como norte. “A repulsa aristocrática de Nietzsche quer separar o que deve e o que não deve dominar, o que mereceria ocupar o tempo de todos, formar

⁴⁴⁴ Ibidem, p. 329.

⁴⁴⁵ Ibidem, p. 330.

⁴⁴⁶ Ibidem, p. 333.

⁴⁴⁷ Cf. Ibidem, p. 334.

⁴⁴⁸ Cf. Ibidem.

indivíduos fortes, e o que só existe para diminuir e fragilizar o caráter.”⁴⁴⁹ O que merece a atenção de todos, o que deve dominar, não é o interesse e projeções da maioria, mas o que emerge do mais particular de cada um.

Afirma Nietzsche: “Os mais preocupados hoje indagam: ‘Como se conservará o homem?’ Zaratustra, porém, foi o primeiro e único que indagou: ‘como se superará o homem?’”⁴⁵⁰ O personagem-centro louva o fato dos homens superiores terem se desesperado, pois isso demonstra que eles não estavam resignados.⁴⁵¹ Diz ainda que para *atingirem as alturas*, devem usar suas *próprias pernas* e não se *sentarem nas costas e cabeças alheias*.⁴⁵² Aqueles homens superiores remetem a indivíduos que constroem *o caminho para ser o que se é*, pois, não aceitam passivamente o estado de vida vigorante. Todos eles estão insatisfeitos com as suas próprias existências e com a dos seus contemporâneos, trazem o impulso para constituírem algo distinto. Em vários momentos, Zaratustra sustenta que os homens superiores devem aprender a rir e é com esta admoestação que termina o capítulo: “Quantas coisas ainda são possíveis! Aprendei, portanto, a rir para além de vós mesmos! Levantei vossos corações, ó exímios dançarinos, bem alto, mais alto! Sem esquecer-vos, tampouco, do bom riso”.⁴⁵³ O sorriso remete a algo intensificador como ocorreu com o pastor que mordeu a serpente. Ele se livrou do peso que o aprisionava, dos valores decadentes que o assolavam e Zaratustra propõe o mesmo àqueles homens.

Em *Da ciência*, o consciencioso do espírito afirma que o medo é um sentimento hereditário no homem, do qual teria nascido a ciência.⁴⁵⁴ Zaratustra discorda veementemente dele, dizendo que o medo “é a nossa exceção. Mas a coragem, gosto pela aventura, pelo incerto, pelo que ainda não foi ousado – coragem parece-me toda a pré-história do homem.”⁴⁵⁵ O homem teria herdado “as virtudes dos animais mais bravos e corajosos; somente então tornou-se homem.”⁴⁵⁶ Nietzsche não interpreta o passado humano tendo como base a sua vida civilizada e moralista. Este processo histórico teria enfraquecido as forças mais intensas da humanidade. O medo que dominou a ciência os levou a buscar a veracidade dos fatos, remetendo ao incessante interesse pela *manutenção* das atitudes. A coragem seria herdeira dos nossos instintos mais primitivos,

⁴⁴⁹ SOUZA, K.S.P.de. LOSSO, E.G.B. 2011, p. 119.

⁴⁵⁰ NIETZSCHE, F. 2010, p. 335.

⁴⁵¹ Cf. Ibidem.

⁴⁵² Cf. Ibidem, p. 339.

⁴⁵³ Ibidem, p. 346.

⁴⁵⁴ Cf. Ibidem, p. 353.

⁴⁵⁵ Ibidem.

⁴⁵⁶ Cf. Ibidem.

mas que permanecem latentes em nós. Baseado nesta interpretação seria tarefa da educação fazer emergir tal força tornada exceção em lugar da fraqueza, geralmente tomada como regra. É importante salientar que Nietzsche não está defendendo a violência exacerbada, o estilo de vida de guerra constante; defende, sim, que o homem assuma a incerteza da vida, já que não existem verdades absolutas. O mundo está regido por tensões constantes e nós somos somente parte integrante desse *jogo de forças*. Assumi-lo torna-se algo que eleva o homem para além de si mesmo, ao deixar de se remeter a um tipo de vida moldado a um determinado tempo histórico, forjando a origem dos que arriscam grandezas e se elevam acima dos seus contemporâneos.

Em O despertar ocorrem duas situações distintas. No primeiro, Zaratustra se regozija por ver os homens superiores sorrindo. Eles demonstravam leveza e liberdade. Zaratustra afirma: “Mordem no anzol, a minha isca tem efeito, também deles foge o seu inimigo, o espírito de gravidade. Já estão aprendendo a rir de si mesmos...”⁴⁵⁷ E ainda: “A náusea retira-se desses homens superiores; ótimo! é esta a minha vitória. No meu reino, tornaram-se seguros de si, todo o seu pudor vai-se embora, e desabafam”.⁴⁵⁸ A proposta singular que detectamos no livro em estudo é novamente evidenciada aqui, Zaratustra lançou o seu anzol e pescara homens capazes de rir deles mesmos, pois perderam o desgosto pela existência, ultrapassando as mazelas da vida moderna e ocidental. Os valores que deturpam a potencialidade humana presentes nas diversas manifestações do ocidente moderno não devem ser levados tão a sério, pois eles são, afinal, criações humanas e muitas delas dispensáveis para que se tenha uma vida autêntica.

O momento seguinte que aparece no final do capítulo acima citado e é denominado *A festa do burro*.⁴⁵⁹ Nele, os homens superiores voltam a tornarem-se crentes e celebram uma festa em louvor ao burro; Zaratustra admirado diz ao ver a cena: “Voltaram todos a ser devotos, estão rezando, enlouqueceram! (...) estavam todos de

⁴⁵⁷ Ibidem, p. 362.

⁴⁵⁸ Ibidem, p. 363.

⁴⁵⁹ Já, conforme comenta Mário da Silva, é uma palavra que em português corresponde a já, em alemão significa “sim”. Há então uma homofonia entre já (sim) e I-A -zurro do asno- [Cf. comentário de nota de rodapé – (NIETZSCHE, 2010, p. 232)]. O burro, ou asno, é o símbolo daquele que diz sim, mas um sim subserviente, não afirmativo, que se inclina aos valores já estabelecidos. Como comenta Jorj Salaquarda, para Nietzsche, “são asnos todos os que agem por convicção motivada moralmente, não se importando com o auxílio dessa medida e critério, mascaram o imoral presente no cotidiano” (SALAQUARDA, 1973, p. 177). Nietzsche está questionando tudo o que se torna “convicção”, que remete a algo estático, o asno representaria este comportamento que ignora o fluxo vital. “O asno representa o povo europeu como um todo, mas apenas na medida em que antes de tudo representa a convicção moral da *decadence* que predomina em meio a esse povo” (Ibidem, p. 194). A imagem do asno remete então a um estilo de comportamento que não é intensificador.

joelhos, como crianças e velhas beatas, rezando ao burro.”⁴⁶⁰ Zaratustra conversa com cada um dos homens superiores e indaga as razões deste regresso, de voltarem a rezar, mas, posteriormente, interpreta positivamente tal atitude: “Aquilo que inventastes na minha morada, interpreto-o como um bom sinal: só os convalescentes sabem inventar tais coisas!”⁴⁶¹ Aqueles homens, embora ainda contendo muitas marcas de uma época decadente, aprenderam o caminho da autossuperação. A festa do burro é uma celebração a um animal limitado, que só sabe dizer sim, que anda de modo pesado, que não sabe dançar, mas o burro, mesmo com as suas limitações, é um animal existente, tangível, assim, celebrar ao burro é mais vital do que acreditar em ficções transcendentais, que distanciam de tornar-se *aquilo que se é*.

Os homens superiores são *convalescentes*, desse modo, abrem para si mesmos a possibilidade de viverem afirmativamente, de não mais se deixarem dominar pelo espírito de peso que puxa o homem para trás, induzindo a um profundo pessimismo, a uma angustiante decepção diante da existência. *O canto ébrio* traz algumas questões que desdobram as situações anteriores. Os homens superiores e Zaratustra saem, à noite, para fora da caverna e “acharam-se eles reunidos e em silêncio, todos pessoas idosas, mas com o coração consolado e animoso, e admirados de se sentirem tão bem na terra.”⁴⁶² Tais homens, embora tenham atingido a maturidade, período no qual é comum maldizer a vida, reclamar por causa das frustrações do passado, do definhamento das forças físicas, contrariamente, eles são positivos, sentem ânimo por estarem vivos. *O mais feio dos homens* comove todos os presentes com estas palavras:

Ó vós todos, meus amigos (...). Só por causa do dia de hoje estou contente, pela primeira vez, de ter vivido a vida toda.
E atestar apenas isto não me é suficiente. Vale a pena viver na terra: um só dia, uma só festa com Zaratustra ensinaram-me a amar a terra. ‘Era isso a vida? Hei de dizer a morte. Pois muito bem! Outra vez’”⁴⁶³.

As palavras *do homem mais feio*, aquele que se despreza, são totalmente isentas de qualquer rejeição: *Era isso a vida? Outra vez!* Para quem desprezava a si e a vida dos contemporâneos há uma imensa mudança de perspectiva. Ele aprende com Zaratustra que podemos existir de forma criativa. Ele, que não sabia viver alegremente, em um só dia encontra-se liberto dos pesos impostos por uma sociedade decadente, percebe que a vida é bela, que merece ser vivida, e que na imanência do mundo encontra

⁴⁶⁰ NIETZSCHE, F. op. cit., p. 363-364.

⁴⁶¹ Ibidem, p. 369.

⁴⁶² Ibidem.

⁴⁶³ Ibidem, p. 370.

as razões para que se queira o retorno de todas as coisas vividas. O *homem feio* percorreu uma longa existência sem saber desta usufruir; ao aprender novas dimensões vitais, poderia agir negativamente, reclamando do passado, mas aqui Nietzsche, através de Zaratustra, ensina uma reinterpretação do tempo, no qual o essencial é viver com a máxima intensidade, ultrapassando as frustradas vivências anteriores, dando novos sentidos às experiências atuais.

O Sinal é o último capítulo do livro *Assim falou Zaratustra* e, do mesmo modo que ocorrera no início da obra o protagonista faz um louvor ao sol. Vigoroso como se apresentou no início, também aparece neste momento: “saltou Zaratustra de seu leito, cintou os francos e saiu da caverna, ardente e forte como um sol matinal surgindo detrás de escuros montes.”⁴⁶⁴ Isto significa que do início ao fim do livro o protagonista é singular, guerreiro, intensificador, mas não é daqueles heróis que vão ascendendo e chegam a um fim heroico, definido, e deixam a mensagem: - façam como eu fiz! Ou, sigam o meu exemplo! Ele é o herói que não nega as contradições da vida, que instituiu um caminho exclusivamente seu e apenas indica aos homens: sigam a vocês mesmos, encontre cada um o seu próprio caminho!

Repentinamente é rodeado por um bando de pombas e por um enorme e manso leão, afirma então: “Chegou o sinal”. O leão e as pombas, ambos estavam solícitos diante de Zaratustra.⁴⁶⁵ O que significam estas imagens do leão e das pombas que Nietzsche interpreta como um sinal? Trata-se da harmonia que encontrara a alma de Zaratustra: ele finalmente tornou-se si mesmo, aquilo que ele é. O leão representa o animal mais feroz da natureza, as pombas simbolizam a paz, além disso, são animais leves, que pisam e voam com suavidade e talvez remetam à leveza com que se deve encarar a vida e também conduzir os pensamentos. Para Jorj Salaquarda, “o leão com o bando de pombas (...) representa a síntese de ‘Zaratustra’ entre fortaleza e inocência (do vir-a-ser).”⁴⁶⁶ Na alma de Zaratustra, a tensão e a paz entram em harmonia. Nesse momento, ele já se tornou capaz de asseverar a doutrina do eterno retorno sem restrições.

Os homens superiores depois de muito tempo acordam, são atacados pelo leão e por isso fogem rapidamente.⁴⁶⁷ O que representa esta imagem? Os homens superiores ainda não dominam as suas almas, a “fera” que habita dentro deles ainda vive em

⁴⁶⁴ Ibidem, p. 378.

⁴⁶⁵ Cf. Ibidem.

⁴⁶⁶ SALAQUARDA, Jorj. *Zaratustra e o asno: uma investigação sobre o papel do asno na quarta parte de Assim Falou Zaratustra de Nietzsche*. In: *Theologia Viatorum* XI-1973, p. 181-213. Tradução de Maria Clara Cescato. Revisão técnica de Scarlet Marton, p. 170.

⁴⁶⁷ NIETZSCHE, F. op. cit., p. 380.

conflito. Notemos que aparecem perspectivas diferentes na atitude do leão. Perto de Zaratustra ele é risonho e transmite paz, frente aos homens superiores, ainda desarmonizados consigo mesmos, ele age como fera. É importante ressaltar que em diversos momentos no decorrer da história Zaratustra também padeceu conflitos imensos. Esse é um indicativo de que os homens superiores estavam no percurso certo e ainda não tinham chegado à altura de serem eles mesmos, mas, o encontro vital com Zaratustra possibilitou que progredissem nesse caminho. Zaratustra, por sua vez demonstra o trajeto que precisou percorrer para chegar a ser si próprio e relembra o encontro que tivera com tais personagens quando sentiu compaixão por eles:

Compaixão, compaixão pelo homem superior, exclamou; e seu semblante converteu-se em bronze. Pois muito bem! Isso já teve o seu tempo!
 O meu sofrimento e a minha compaixão, que importam? Viso, acaso à felicidade? Eu viso à minha obra! (...).
 O leão chegou, os meus filhos estão próximos, Zaratustra amadureceu, a minha hora chegou...⁴⁶⁸

A compaixão aprisionava Zaratustra, o impedia de atingir aquilo que lhe é mais próprio, então, ele precisava ultrapassar tal sentimento. Trata-se de um sentimento que afasta o homem de suas capacidades mais íntimas, das forças terrestres que o impulsionam. Ao superá-la Zaratustra ensina que ser forte consiste em *converter-se em bronze*, sendo cada um capaz de amadurecer, de buscar a sua obra, isto é, Zaratustra chegou à plenitude porque atingiu o seu assenhramento e aponta a ultrapassagem da compaixão como um momento necessário para que alguém se torne *aquilo que se é*.

A compaixão é o *pecado* que ele precisava superar para afirmar a vida de forma irrestrita. Ela ainda o mantinha atrelado ao modo de viver dos homens superiores e também ao seu passado e a todas as experiências decadentes que eles representavam. Este momento, porém, não é conclusivo, já que o personagem “não está imune a ‘novas tentações’ (...) não atinge qualquer configuração final (...) continua completamente exposto ao declínio (...) à necessidade de seguir superando a si mesmo”.⁴⁶⁹ Zaratustra visa *a sua obra*, os *seus filhos estão a caminho*, são os que foram gerados no mais severo embate consigo e com o próprio tempo, frutos de forças viscerais.

O término da caminhada de Zaratustra é incerto, não fica claro qual será o rumo do personagem a partir de então, Julião afirma que Nietzsche desistira de terminar o livro na terceira parte, onde aparentemente atingiria um *telos*, já na quarta parte, faz

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 381.

⁴⁶⁹ MELO, R.F.de. 2011, p. 184.

deste uma obra em aberto.⁴⁷⁰ Tal postura está filosoficamente e estilisticamente de acordo com o pensamento de Nietzsche, pois dar um destino ao personagem seria trair a sua filosofia que contesta que existam “fins” na existência. O personagem é o exemplo do homem sem destino que se obriga a criar todo dia o próprio caminho. As tensões que emergem na terceira e quarta partes do *Zaratustra*,⁴⁷¹ e as questões que ficam sem resposta nos levam a estudar a obra *Ecce Homo*, de 1888, para respondermos o problema central do nosso trabalho: Zaratustra se tornou o que se é? É ele um indicativo para que outros homens também o sejam? É o que investigaremos na sequência. A obra *Ecce Homo* não será analisada como um complemento ao *Zaratustra*, mas é possível encontrarmos nesta autobiografia do filósofo alemão, o último livro escrito por ele, uma espécie de confirmação das ideias centrais apresentadas no livro foco do nosso estudo.

Antes de estudarmos o prólogo da obra acima citada, nos deteremos no subtítulo da mesma: como tornar-se aquilo que se é. A análise dessa sentença é um passo significativo para esclarecermos a questão central dessa dissertação. O termo provém de uma máxima do poeta grego Píndaro e originariamente poderia ser traduzido por: “tendo aprendido o que você é, torne como você é”.⁴⁷² Nietzsche estabelece modificações ao sentido que esta sentença tinha em Píndaro. Com diversas mudanças, o termo aparece em vários momentos da obra nietzschiana.⁴⁷³ Para elucidar a perspectiva educativa que subjaz no *Zaratustra*, o entendimento do sentido que o filósofo outorga a essa sentença é primordial, inclusive por esta trazer diversas conotações e significados.

O verbo *ser* pode remeter a uma instância estática que estaria presente no ser humano e no mundo; pareceria haver um objetivo, um fim a ser atingido, entretanto, conforme esclarece Sílvia Pimenta Velloso Rocha: “longe de conduzir a uma identidade, esse processo se abre para a diferenciação: tornar-se quem se é sinônimo de transformar-se, inventar-se, diferir de si mesmo, reinventar-se (...). O ‘conhece-te a ti

⁴⁷⁰ JULIÃO, J.N. 2012, p. 108.

⁴⁷¹ Vários comentadores têm posições diversificadas sobre a terceira e quarta partes do *Zaratustra*: Machado afirma que “a quarta parte do Zaratustra não acrescenta ao livro” (1997, p. 153); Julião comenta que esta “é considerada a menos significativa das partes do livro” (2012, p. 107). Para Fink: “toda a quarta parte é uma queda” (1983, p. 123). André Martins sustenta que será na quarta parte que Zaratustra finalmente supera o Romantismo, “com a parte quatro que sua intuição filosófica escapa de fato ao viés romântico de sua forma” (2011, p. 465).

⁴⁷² Dias, R. 2011, op. cit., p. 98.

⁴⁷³ Rosa Dias comenta sobre a aparição do termo nas obras de Nietzsche, que ocorrera pela primeira vez em um texto sobre Teógnis, depois na *Terceira extemporânea*; nos aforismos 263 de *Humano, demasiado humano* e 270 e 335 de *A gaia ciência*; nas seções *O convalescente*, *A sanguessuga* e *O sacrifício do mel* em *Assim falou Zaratustra*, essa sentença retorna também. Está presente em cartas do filósofo aos seus amigos e sob diversas formulações aparece no decorrer da obra do filósofo (Cf. 2011, p. 99).

mesmo' dá lugar a um 'inventá-te a ti mesmo'".⁴⁷⁴ A sentença alude ao devir, não ao *ser* ou a uma identidade, remete àquilo que passa não ao que permanece. A interpretação educativa que emerge dessa interpretação visa à transformação, à mudança permanente do ser humano:

Concebida como formação, a educação pressupõe o saber e o conhecimento: evidentemente, só se pode ensinar o que se sabe. Do ponto de vista de uma lógica da transformação, ao contrário, "o que se sabe" é precisamente o que deve ser superado, problematizado. A transformação implica um certo espaço para o não saber, pois, transformar-se é ser capaz de abrir mão do que se sabe, de deixar de ser aquele que sabe para experimentar o desconhecido.⁴⁷⁵

A transformação remete ao vir a ser, parte de uma perspectiva de que não há nada de estável no homem e no mundo, por isso não se "forma" o ser humano, como é a pretensão de algumas tendências educativas tradicionais, isto seria um engessamento baseado em verdades estáticas. *Tornar-se o que se é* consiste em educar-se na perspectiva da transformação constante, na desconstrução de valores considerados eternos em vista do estabelecimento de avaliações que emergem da força mais singular de cada um. Rocha continua afirmando que: "o ensinamento central de Nietzsche é que as coisas só podem ser ensinadas na experiência; é somente superando-se que se atinge o que se é".⁴⁷⁶ Concepção que está absolutamente em consonância com a atitude de Zarathustra, que é *um viajante*, alguém que constantemente cria para si caminhos novos. A educação para tornar-se o que se é, não busca o *ser*, mas o *poder ser*. Em outras palavras, atija o *nosso* leque de possibilidades, nos mostra a contínua criação do que é próprio, a nossa capacidade de fazer e refazer o nosso caminho.

Ao relacionar o termo tornar-se *o que se é* da filosofia nietzschiana e a expressão "conhece-te a ti mesmo", atribuída a Sócrates, Barrenechea comenta que "o pensador ateniense frisa a necessidade de conhecer *algo já dado*: a interioridade e a essência humana. Nós já teríamos um repertório fixo de possibilidades".⁴⁷⁷ A concepção socrática que, segundo Nietzsche, prevalece na educação e cultura ocidentais, remete a uma perspectiva de educação enquanto formação, "a pedagogia nietzschiana diz outra coisa, ao retomar a frase de Píndaro. Não devemos auscultar algo prévio. O verbo

⁴⁷⁴ ROCHA, Sílvia Pimenta Veloso. *Torna-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*. In: Charles Feitosa; Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro (orgs.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Assim Falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A:Faperj: Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006, p. 272.

⁴⁷⁵ Ibidem, p. 273.

⁴⁷⁶ JULIÃO, 2012, p. 25.

⁴⁷⁷ BARRENECHA, M. A. 2006, p. 132.

chegar a ser implica um trânsito, um percurso, um devir: não há nada fixo em nós.”⁴⁷⁸ Jorge Larrosa, por sua vez, comenta o silêncio de Zaratustra quando os animais dizem o que eles pensam sobre o eterno retorno. Em *O convaléscente*, o comentador sustenta que tal silêncio demonstra que “só pela afirmação do eterno retorno [é] possível ‘chegar a ser o que se é.’”⁴⁷⁹ Ser singular remete necessariamente à máxima afirmação de si e do mundo exigida pela doutrina do eterno retorno, pois para “tornar-se o que se é - conforme comenta Dias - nada tem a ver com o saber, o poder e a vontade como atributos de um sujeito que sabe o que quer; é, ao contrário, um desprender-se de si, uma coragem para lançar-se no sentido do proibido, uma travessia (...).”⁴⁸⁰ Tornar-se o que se é na ótica nietzschiana não consiste em afirmar um sujeito indentitário, mas aponta para a constante superação, para uma permanente invenção de si mesmo.

A abordagem de *Ecce Homo* a partir do prólogo, no qual Nietzsche retoma as críticas que estabelece em *Assim falou Zaratustra* sobre o ideal, isto é, de uma interpretação transcendente do mundo, que desapropria o homem de sua efetiva morada, a terra, leva a questionar as ideias, as ficções transcendentais: “até agora a mentira do ideal constitui a maldição contra a realidade (...).”⁴⁸¹ Nietzsche se apresenta como aquele que transvalora os valores estabelecidos como verdade no ocidente. O que ele compreende como filosofia não se sustenta na busca de certezas, mas na afirmação exultante da perenidade da vida: “a filosofia como compreendi e vivi até agora (...) é busca de tudo o que é estranho e duvidoso na existência, de tudo o que foi até agora proscrito pela moral.”⁴⁸² Os valores anti-vitais que, segundo o autor de *Ecce Homo*, alavancam a compreensão ocidental do mundo, impõem a moralização, a idealização, e ao *caminhar no proibido* Zaratustra aprende a contemplar de forma diferente a vida, ou seja, ele opta por um caminho diverso, estranho, duvidoso. Esse novo caminhar não é o preciso, o exato, o “certo”, mas o vital, o singular. Percebemos que há no pensamento de Nietzsche uma relação íntima entre o filosofar e a vida: “Pondo-se por inteiro como instrumento para o filosofar [ele] sublinha o estreito vínculo que julga dever existir entre reflexão filosófica e vivência.”⁴⁸³ Tal raciocínio pode-se encontrar em momentos diversos no *Zaratustra* e reforçam a afirmação de que a obra, agora em análise - *Ecce Homo* -, confirma as teses levantadas naquele livro.

⁴⁷⁸ Ibidem, p. 132-133.

⁴⁷⁹ LARROSA, J. 2009, p. 61.

⁴⁸⁰ DIAS, R. 2011, p. 130.

⁴⁸¹ *Ecce Homo*, prólogo, & 2.

⁴⁸² Ibidem.

⁴⁸³ MARTON, S. 2010, p. 34.

Ainda no prólogo, após afirmar que o *Zaratustra* ocupa lugar à parte entre os seus escritos, o filósofo faz questão de caracterizar o personagem principal supracitado como alguém que diverge de todos os pregadores. “Nele não fala um ‘profeta’, um desses espantosos híbridos de carência e de vontade de potência denominados fundadores de religiões”.⁴⁸⁴ Zaratustra é um “mestre”, mas não quer dominar, controlar rebanhos, destituir almas de seus “próprios seres” para seguirem a um guia espiritual, ele “não só fala de outro modo, mas é outro modo.”⁴⁸⁵ A atitude educativa do personagem central do livro está baseada em sugerir a atenção e cuidado do homem pelo seu “ser próprio”, oriundo das forças viscerais que entram em embate o tempo todo no seu próprio corpo.

Continuando a análise da obra *Ecce Homo*, em *Por que sou tão sábio*, Nietzsche retoma a abordagem do *Zaratustra* no que diz respeito aos homens superiores quando o personagem ouve o grito de angústia, ele relembra que “a piedade quer atacá-lo de surpresa como um derradeiro pecado, quer desviá-lo de *si mesmo*.”⁴⁸⁶ Anteriormente, a piedade foi apresentada como uma *virtude dos decadentes*: o amor ao próximo foi entendido como fraqueza, como *incapacidade de resistir aos impulsos* reativos. Zaratustra precisou demonstrar força para passar por esta prova, por este *último pecado*. Para superar a piedade, a compaixão, foi necessário que fosse além da submissão a estes sentimentos.

O filósofo retoma a crítica a conceitos transcendentais dos quais ele afirma não ter se ocupado durante a vida: “‘Deus’, ‘imortalidade da alma’, ‘salvação’, ‘além’ são outros tantos conceitos aos quais não dediquei nenhuma atenção, tampouco nenhum tempo (...).”⁴⁸⁷ A preocupação do pensador é com as coisas concretas que estiveram fadadas ao desprezo na tradição do pensar, como *a questão da alimentação*, “muito mais que qualquer curiosidade de teólogos, depende a ‘salvação’ da humanidade: o problema da alimentação (...). Como há de alimentar-te precisamente tu, para chegar a teu máximo de força, de vigor (...).”⁴⁸⁸ A questão fisiológica da alimentação é tratada como mais valiosa, como mais importante para uma vida forte, enquanto ele não leva em conta os conceitos transcendentais. Esses conceitos ideais distanciam o homem do seu corpo, que significa distanciar-lo de si mesmo, uma vez que “precisa escolher seu

⁴⁸⁴ *Ecce Homo*, loc. cit.

⁴⁸⁵ *Ibidem*.

⁴⁸⁶ *Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, & 4.

⁴⁸⁷ *Ibidem*, Por que sou tão inteligente, &1.

⁴⁸⁸ *Ibidem*.

regime alimentar, descobrir aquele que é adequado às necessidades de seu organismo, sempre procurando compreender seu corpo e o que convém a ele.”⁴⁸⁹ O filósofo, além da alimentação, considera *a escolha do clima, do lugar e do divertimento apropriado* como elementos “essenciais” da vida.⁴⁹⁰ A dieta, a diversão, o clima, o lugar, todas essas são escolhas “concretas”, vitais, que contêm um significado mais efetivo para o ser humano. Esta postura é extremamente relevante na análise educativa do *Zarathustra*. Questões como a alimentação, o dormir bem, o lugar em que se vive, são indicativos para a vida que devem ser contemplados pela educação, porque, sem lugar a dúvidas, dimensionam o comportamento humano: ou de forma doentia ou de modo intensificador. Tais questões, historicamente fadadas ao desprezo, são, para Nietzsche, fundamentais para se assumir a vida afirmativamente.

No parágrafo oito de *Por que sou tão inteligente*, Nietzsche analisa como se pode chegar à resposta a pergunta: *como tornar-se o que se é?* Considera que para ser o que se é não se deve duvidar minimamente daquilo que se é. Logo, ser o que se é remete à superação do que se é, não à manutenção de algo supostamente já dado. Tal princípio de conservação está associado ao “conhece-te a ti mesmo” socrático, perspectiva que remete a uma visão estática do ser humano e aponta para algo que deve ser buscado, trata-se da busca de uma essência fixa no homem. Nietzsche denomina que esta seria “uma receita para se perder, então o esquecimento de si, o equívoco sobre si (...) a mediocrização de si se tornam a própria razão.”⁴⁹¹ Em termos educacionais, a perspectiva socrática remete à busca de um comportamento individual e socialmente esperado, já a visão nietzschiana aponta para o devir, para a autoconstrução, por isso, ser o que se é alude a um processo sempre inacabado. *Conhece-te a ti mesmo* impulsiona à busca de objetivos, a metas a serem atingidas e Nietzsche indica que ele mesmo dispensara tal atitude: “‘Querer’ alguma coisa, ‘aspirar’ por algo, ter uma ‘meta’, um ‘desejo’ em vista – nada disso conheço por experiência.”⁴⁹² Com estas afirmações o filósofo destaca a sua forma de expressar a grandeza humana, “o amor ao destino.” Não se trata de uma invenção de fórmulas que justificam a existência do homem na terra, mas propõe assumir a fatalidade da existência: “Minha fórmula para a grandeza do homem é o *amor fati*: que ninguém queira nada de diferente nem no

⁴⁸⁹ DIAS, R. 2011, p. 121.

⁴⁹⁰ Cf. *Ecce Homo*, Por que sou tão inteligente, & 3.

⁴⁹¹ *Ecce Homo*, op. cit., & 8.

⁴⁹² *Ibidem*.

passado nem no futuro nem por toda a eternidade (...).”⁴⁹³ Com esta proposição Nietzsche ratifica aquilo que havia sido afirmado no *Zaratustra* sobre o eterno retorno: adotar uma atitude extremamente afirmativa que diz sim a todas as circunstâncias da existência.

A concepção de *amor fati* está em consonância com a perspectiva educativa presente em *Assim falou Zaratustra*, na qual vemos que o fio condutor é procurar desenvolver a singularidade, a busca do que é mais genuíno no homem, pois, trata-se de uma postura que impõe uma vontade, um querer, uma atitude diante da vida. Amá-la não é *indiferença*, ou *resignação*, como afirma Iracema Macedo, é uma condição para a criação, “amar a fatalidade é um modo de realizar a grandeza, o homem seria pequeno se sucumbisse diante dela, se resignando ou se tornando indiferente.”⁴⁹⁴ Amar o necessário, aquilo que ocorrerá independente de nossa vontade pode ser assustador e impôs ao homem do ocidente, de formação socrático-platônica e judaico-cristã, a adotar modos de vida que negam as contradições existenciais. Azeredo por sua vez comenta: “a educação escolar reflete e representa valores predominantes da cultura e da sociedade. Por isso, Nietzsche radicaliza a crítica aos valores da cultura ocidental, procedentes da moral cristã”.⁴⁹⁵ Através de *Zaratustra*, que é alguém que plenamente *ama o destino*, o filósofo de Röcken oferece uma interpretação que visa mostrar a importância de redimensionar todos os aspectos da vida, não os desprezando, mas os amando.

Em *Por que escrevo livros tão bons*, o filósofo admite que *nascera póstumo*, voltado para o futuro. O seu próprio tempo ainda não era capaz de compreender e assumir a sua doutrina da afirmação plena da vida: “dia virá em que vai se sentir a necessidade de instituições nas quais se viva e se ensine como entendo que é preciso viver e ensinar; talvez se criem cátedras especiais para a interpretação do *Zaratustra*.”⁴⁹⁶ Nietzsche admite que o ensinamento da singularidade presente no *Zaratustra* pode ser um destino, orientando aos homens do porvir para uma vida de efetiva valorização do devir do mundo. Ao dizer sim inclusive ao que parece doloroso e contraditório, o

⁴⁹³ Ibidem, op. cit. & 10.

⁴⁹⁴ MACEDO, I. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.p.90.

⁴⁹⁵ AZEREDO, 2008, p. 90.

⁴⁹⁶ *Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, &1.

filósofo se apresenta como o primeiro que institui uma sabedoria trágica, dionisíaca.⁴⁹⁷ Contudo, ele admite que talvez Heráclito tivesse sido um prenúncio dessa filosofia:

[...] ao dizer sim à contradição e a guerra, o devir, com uma recusa radical do próprio conceito de ‘ser’- nisso tenho de reconhecer, em qualquer circunstância, o que está mais próximo de mim dentre o que até agora se tem pensado. A doutrina do ‘eterno retorno’, ou seja, o ciclo incondicional, infinitamente repetido, de todas as coisas - essa doutrina de Zaratustra poderia, em definitivo, já ter sido ensinada por Heráclito.⁴⁹⁸

Heráclito, assim como Zaratustra, é afirmador das contradições do mundo, não admite que se deve viver para equilibrar as tensões inerentes ao existir. Para ele a natureza é por si mesma embate, guerra, *jogo de forças* e o homem educado nesta doutrina deve aprender a adotar uma atitude trágica, isto é, assumindo a vida em sua totalidade.

Em *Ecce Homo*, na seção dedicada a *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche afirma que o conceito fundamental da obra “é o pensamento do eterno retorno, essa fórmula suprema da afirmação a que se pode chegar em absoluto...”⁴⁹⁹ A obra ocupa um lugar à parte, o conceito de “dionisíaco” se torna supremo no *Zaratustra*, a ponto de figuras como Goethe, Shakespeare, Dante, não atingirem, segundo Nietzsche, a sua altura.⁵⁰⁰ O *Zaratustra* oferece a máxima afirmação tanto na escrita, quanto na sua forma de traduzir um ensinamento para o homem. O filósofo alemão esclarece que escrevera o livro num momento de extremo sofrimento.⁵⁰¹ Isso poderia fazê-lo negar a vida, mas, até no ato de escrever, ele fora afirmativo e na personagem transmite esta força interna, como comenta Martins: “este diálogo do livro com seu próprio autor, este escrever para si próprio, (...) reforça o sentimento trágico de *Assim falou Zaratustra* (...). A afirmação trágica da vida só faz sentido caso inclua não apenas o prazer, mas também a dor.”⁵⁰² Na própria escrita Nietzsche remete a uma atitude educativa, a dor também deve ser celebrada. O *Zaratustra* foi gerado na dor, porém canta a vida, a intensidade, a suprema afirmação. Desse modo, o homem que dimensiona a sua estada no mundo, nesta perspectiva, saberá cantar as dores e alegrias da existência.

⁴⁹⁷ Ver nota 6.

⁴⁹⁸ *Ecce Homo*, O nascimento da Tragédia, &3.

⁴⁹⁹ *Ibidem*, Assim Falou Zaratustra, & 1.

⁵⁰⁰ Cf. *Ibidem*, & 6.

⁵⁰¹ Cf. *Ibidem*, & 5.

⁵⁰² MARTINS, A. 2011, p. 456.

Ao final de *Ecce Homo*, Nietzsche retoma a sua severa crítica a moral cristã: “a única moral que se ensinou até hoje, a moral da renúncia, traduz uma vontade de aniquilamento, nega radicalmente o próprio fundamento da vida.”⁵⁰³ E continua: “Definição da moral: (...) a idiossincrasia de decadentes, com a intenção oculta de se vingar da vida – e isso, com sucesso. Dou muito valor a esta definição.”⁵⁰⁴ Na sequência do texto, o filósofo afirma: aquilo que dissera anteriormente, já havia dito no *Zarathustra* cinco anos antes e termina acentuando a necessidade de valorizar o que realmente importa: “Tudo o que até hoje se chama ‘verdade’ é reconhecido como a forma mais nociva, mais pérfida, mais subterrânea de mentira; o pretexto sagrado de ‘melhorar’ a humanidade, reconhecido como astúcia para sugar o sangue da vida, para torná-la anêmica (...).”⁵⁰⁵ Rosa Dias comenta, aludindo aos idealismos, que esta *ladainha ideal* visa melhorar a humanidade, e, nesta tentativa, acaba a negando. “Em vez de criar, isto é, de inventar novas possibilidades de vida, buscam adequar-se aos valores existentes, querem para si um lugar ao sol (...). O ideal não é outra coisa senão uma forma de fraqueza e fadiga.”⁵⁰⁶ A perspectiva do pensador alemão recupera a morada humana, a terra, recoloca o homem diante das coisas que parecem supérfluas, mas são as que efetivamente valem a pena por elas lutar, pois dão significado à vida.

A ideia de “além”, de “verdadeiro mundo”, inventada para depreciar o único mundo que existe - para não deixar a nossa realidade terrestre nenhuma finalidade, nenhuma razão (...) para contrapor uma leviandade horripilante a todas as coisas que merecem seriedade na vida, às questões de alimentação, de habitação, de regime intelectual, do tratamento dos doentes, da higiene, da meteorologia. Em vez de saúde, “a salvação da alma” - quer dizer uma loucura circular intermediária entre as convulsões da penitência e a histeria da redenção (...).⁵⁰⁷

De forma decisiva, Nietzsche considera uma loucura as “doutrinas além-mundo” que distanciam o homem de si mesmo e de sua verdadeira morada. A questão do agir humano em todo o *Zarathustra* instiga o homem à desconstrução de “modos de existir” minimizadores das suas forças. Segundo o jogo de intensificação constante é que o homem deveria pautar a sua breve passagem pela existência. Agora levantamos a questão que orienta esta reflexão: Zarathustra tornou-se o que se é? Podemos afirmar que o final do livro aponta para esta direção. Ele sempre fora afirmador, porém passa por estágios diferentes, considerando que houve uma “progressão imanente” do personagem

⁵⁰³ *Ecce Homo*, Por que sou um destino, & 7.

⁵⁰⁴ *Ibidem*.

⁵⁰⁵ *Ibidem*, & 8.

⁵⁰⁶ DIAS, R. 2011, p. 67-68.

⁵⁰⁷ *Ecce Homo*, loc. cit.

até afirmar a doutrina do eterno retorno. Este foi o momento máximo, atestado em *Ecce Homo*, no qual o supremo dizer sim se tornou possível. Através do protagonista, Nietzsche indica que o homem pode viver intensamente, vindo *a ser o que se é*, que como vimos, é uma experiência constante, como é constante à própria dinâmica da vida.

3.3.1 Uma educação da singularidade

Concluimos a nossa análise sustentando que há uma perspectiva educacional no *Zarathustra* que conduz o homem a “ir além” das construções sociais gregárias; criando o caminho de si próprio. Nesse sentido, indicamos algumas proposições que sugerem uma proposta educativa não formal na obra *Assim falou Zarathustra*: do corpo pode emergir perspectivas educativas; é possível educar tendo o que é “particular” como parâmetro; a educação pode ser entendida enquanto intensificação; a educação compreendida a partir da criação artística e a educação como percurso, como trânsito para tornar-se o que se é.

Destacamos que as proposições elencadas estão densamente relacionadas ao corpo que ocupa um lugar de destaque no pensamento de Nietzsche. Mesmo não sendo o objetivo desse trabalho uma análise detalhada sobre esse aspecto para a educação, considerarmos o corpo, a partir da interpretação do *Zarathustra*, um dos caminhos privilegiados para pensar a tarefa educativa. Ao sustentar as atividades instintivas como algo mais precioso para interpretar a vida que a “alma”, o filósofo critica o dualismo imposto pelo socratismo-platonismo e pelo cristianismo que criaram uma interpretação dicotômica da existência. Como analisamos em *Dos desprezadores do corpo*, esse último é considerado “uma grande razão”. Isto significa que o homem *é corpo* e graças a ele pode dar respostas vitais às questões existenciais. Não se trata da corporeidade individual pela qual o homem deveria interpretar o mundo, um corpo singular faz parte da dinâmica de forças presentes na realidade. Como, então, ele se manifesta em alguém, em particular, tendo características específicas? Podemos afirmar com Nietzsche que se trata de um domínio momentâneo das forças que estão em constante transformação. Neste sentido, é possível pensar uma educação a partir do corpo. Ele não remete à exatidão, à precisão dos comportamentos; uma perspectiva educativa emergida desta visão aponta mais precisamente a propostas que buscam a restituição de todas as capacidades do ser humano. Para Nietzsche a realidade é constante devir e os impulsos viscerais estão inseridos nesta mudança, não faz sentido sustentar a existência de uma

educação que visa à estabilização, estagnação e controle, mas uma educação que busca intensificar os corpos, ajudando-os a encontrar permanentemente um centro de forças que os torna únicos. Por esta razão, como o filósofo destaca em *Ecce Homo*: as questões da alimentação, do sono, do clima, são mais relevantes do que as questões racionais. O ser humano não é movido apenas pela razão, pela capacidade de pensar, mas, o domínio sobre si se dá através de todas as forças instintivas que constituem o nosso devir fisiológico. Sempre que o homem interpreta e cria algo, está levando em consideração todas as atividades orgânicas que o movem. Nesse sentido, é importante levar uma vida salutar para que seja possível criar interpretações saudáveis. Ser educado a partir do corpo remete ao tema central da educação no *Zaratustra* que, segundo a nossa interpretação, é sempre conduzir o homem à realização da sua singularidade. Como afirma Rosa Dias, “o corpo é pensador”⁵⁰⁸, desse modo, a partir das forças corporais podemos criar nossas formas de interpretar o mundo e aquelas forças que se tornam conscientes são apenas um pequeno reflexo dos impulsos do organismo. Um corpo saudável sempre tem a si mesmo como “centro do mundo”, busca a realização através da capacidade de criar modos singulares de interpretar a realidade.

Embora o nosso estudo não tenha como foco analisar questões pontuais da educação formal, é importante que indiquemos de que modo esta perspectiva fisiológica teria efeitos em tal modelo de educação. Nessa ótica, poderíamos contribuir para que os estudantes saibam ouvir a voz do corpo, tal posicionamento pode ser mais eficaz do que uma educação regida quase eminentemente pelo conhecimento racional. Por exemplo, o ensino da música, do teatro, da pintura, do esporte, são saberes geralmente considerados secundários, apenas como um complemento ao conhecimento linguístico e lógico-matemático. Tudo aquilo que diz respeito às atividades orgânicas é desvalorizado; prima o saber que ativa as faculdades racionais: matemáticas, línguas, ciências etc. Numa ótica diferente, as atividades corporais tem tanta relevância como as racionais, já que contribuem para desenvolver as forças mais instintivas e poderosas do homem. Para Nietzsche é preciso ver o homem em sua completude, razão, afetos, vontade fazem parte da totalidade corporal. Valorizar a emoção, os sentimentos, a intuição, forças que são muitas vezes minimizadas como fontes de saber na escola, podem ser reinterpretadas como aspectos fundamentais no processo educativo, pois, nelas emergem também os impulsos viscerais dessa totalidade orgânica que é o homem.

⁵⁰⁸ DIAS, R. 2011, p. 50.

Assim, é possível pensar uma educação que considere o que é particular como parâmetro primordial. Mostramos que a filosofia nietzschiana prima pelo desenvolvimento da singularidade, tal concepção contribui para que pensemos em uma educação particularizada, que não uniformize todos os discentes de uma sala de aula e não exija deles comportamentos idênticos. Nietzsche indica que o aspecto único de cada homem deve ser respeitado, deve ser cultivado. Quando se educa de forma padronizada, o objetivo parece ser formar estudantes em série para que estejam aptos a assumirem com competência funções sociais da engrenagem econômica. Essas funções são impostas sem muitas vezes estarem afinadas com os anseios dos estudantes, dessa forma, eles passam vários anos da vida em uma profissão apenas pela necessidade de sobrevivência. A proposta economicista, que forma apenas para o desempenho no mercado, é criticada pelo filósofo alemão desde suas primeiras obras. Essa crítica torna-se ainda mais veemente ao questionar o comportamento do homem moderno no *Zarathustra*. O filósofo aponta para outro caminho: o cultivo do que é *próprio*.

Na perspectiva educativa que consideramos emergir da filosofia nietzschiana não se trata de vislumbrar apenas o aspecto individual de cada discente, esta tese estaria mais de acordo com outras propostas educacionais que postulam uma educação para *formar o indivíduo* enquanto sujeito.⁵⁰⁹ Para Nietzsche, ser singular não é ser tratado de modo uniforme, visando fazer emergir através da educação uma identidade que supostamente seria individual em cada um. *Tornar-se o que se é*, na perspectiva nietzschiana, significa estar em trânsito, é nunca chegar a um estado definitivo. Nessa ótica, que abriga o permanente devir de cada estudante, as salas de aula poderiam propor um constante incentivo à potencialização, à criação de novas formas de vida, indicando que é possível ir além, que o homem é um ser em construção, que a função primordial da educação não é formar para um determinado fim ou objetivo, mas impulsionar ao constante crescimento de todas as capacidades dos educandos. A transformação é, sobretudo, interna e particular, as questões externas que também fazem parte da vida, como o trabalho e tudo aquilo que é criado pelo homem são apenas aspectos através dos quais se pode exercitar a criação, entretanto, nunca devem ser fins em si mesmos. A perspectiva educativa que emerge de *Assim falou Zarathustra*, ao

⁵⁰⁹ Podemos indicar algumas correntes pedagógicas como a de Piaget, de Vygotsky, o escolanovismo e outros, que trouxeram significativas contribuições para o universo da educação formal, mas, não romperam totalmente com uma concepção que perpassa toda a cultura ocidental que é dimensionar a educação como um instrumento que analisa o homem enquanto sujeito racional. Tomemos como exemplo que a filosofia de Kant é a base teórica pela qual Piaget desenvolve as sua teoria cognitiva.

primar pelo caráter único de cada homem, indica um profundo respeito pelo ser humano, é uma demonstração de confiança nas possibilidades dele ativar sua condição de autossuperar-se.

A educação entendida enquanto intensificação é outra proposição que emerge da obra em estudo. Analisamos que o conceito de vontade de potência para Nietzsche é compreendido como constante intensificação da vida. Como podemos relacionar esta concepção com a educação? Lembremos que para o filósofo alemão, *tudo o que não serve para nos intensificar* não deve ser considerado, logo, a demasiada formalização da educação sem aproximação com a vida concreta do estudante e de questões vivenciais, deturpam a existência. Por isso, o ambiente, a alimentação, as distrações, os jogos, as pessoas com quem se convive, a profissão que se escolhe, tudo deve ser analisado de forma vital. A educação afirmativa é aquela que eleva o homem a ir além, a não se conformar consigo e nem com os conhecimentos que adquire. Neste sentido, não podemos sustentar que esta interpretação educativa é para todos, pois, é possível que muitos homens prefiram se acomodar em um determinado patamar na busca por si mesmo e pelo saber, mas, aquele que tem força para *querer sempre mais*, deve receber incentivo educacional para que esta potência possa ser extravasada. Dessa forma, o Estado não deveria impor o mesmo estilo de educação para todos, mas visar o máximo de potência que cada um dos educandos possa atingir e criar condições para ampliá-la. Como ocorreria uma educação intensificadora em sala de aula? Consideramos a possibilidade de incentivar a criação sem necessariamente modificar todo o sistema educacional ou criar outro. Dessa maneira, é indispensável o estímulo para que o estudante supere o patamar em que está. Esse aspecto muitas vezes pode ser entendido, como afirma Nietzsche: *uma propensão à preguiça*.⁵¹⁰ Portanto, consideramos a necessidade de motivar, sem imposição, a propensão à intensificação.

A educação compreendida a partir da arte e da criação é outra importante proposição que emerge da perspectiva educativa que vimos no *Zaratustra*. Ressaltemos que a arte para Nietzsche está associada à capacidade criativa no homem. Desde *O nascimento da tragédia*, o filósofo a pensa como intensificadora da vida. Conforme comenta Dias, a vida é compreendida como fenômeno estético.⁵¹¹ Ao criar algo para além de si mesmo, o homem exerce a sua capacidade artística, faz de si uma “obra de arte”. No *Zaratustra*, destacamos a relação do personagem com a arte, por exemplo, em

⁵¹⁰ Cf. Nietzsche, *Schopenhauer educador*, 2008, p.15.

⁵¹¹ Cf. DIAS, R. 2011, p. 85.

O canto da dança e em *O outro canto da dança*. Conforme comentamos, no primeiro desses diálogos, por ainda não ter condições de expressar livremente o seu pensamento abissal, o personagem apenas assiste a dança das jovens, mas também sente o impulso para cantar: a expressão da arte o impulsionou de algum modo a se exprimir artisticamente também. Em *O outro canto da dança*, já tendo superado a náusea da negação da vida, o personagem foi capaz de afirmá-la integralmente a ponto de com ela dançar. Zaratustra se une à existência de forma plena. Em que medida estas ideias podem contribuir para a educação? Interpretamos que a arte tem a capacidade de impulsionar diretamente os instintos humanos, que, para Nietzsche, são mais relevantes que a mera compreensão lógica do mundo. Sendo assim, ele indica que ela é o meio mais eficiente para estimular as capacidades do homem. Do mesmo modo que Zaratustra, sofrendo influência do *espírito de peso* que o impulsionava a negatividade existencial, ao entrar em contato com a arte, foi capaz de superar-se.

Esclarecemos que, nessa perspectiva, o significado da arte é contrário ao empregado usualmente na educação formal. Estabelecer um currículo específico para as aulas de música, teatro, dança e pintura, é uma simplificação utilitária e instrumental, uma deturpação da compreensão do que é a arte. Trata-se principalmente de contribuir para que os alunos relacionem o próprio corpo com as expressões artísticas. Dessa forma, a experiência educativa revelada através de tais expressões, favorece à expansão vital. Pela arte temos a capacidade de nos afastarmos do exagerado formalismo presente em vários campos da existência. Não é apenas o ensino da técnica artística que favorece à potencialização, uma educação que coloca a arte como referência remete à constante intensificação de formas expressivas, ao contínuo processo de lidar com a sensibilidade, com a vontade, com o intelecto.

Zaratustra ensina em *De velhas e novas tábuas*: “e somente a criar deveis aprender”. A criação é o elemento pelo qual o homem pode se transformar. Neste caso, todas as disciplinas podem tornar-se espaços nos quais a criação seja possível, para que o espírito artístico, inovador seja estimulado, desenvolvido. Compreendemos que tal postura, que parece economicamente pouco interessante, pode servir à sociedade com mais eficiência do que imprimir nas mentes dos jovens e crianças a necessidade de acumular exclusivamente informações e conceitos. A arte pode aproximar a educação da vida, dos afetos e pode tornar a escola mais intensa, mais expressiva, o que contribuiria para melhorar as relações, as trocas entre os discentes, e sua melhor inserção no espaço coletivo.

A educação como percurso é outra proposição que consideramos emergir da perspectiva educativa no *Zaratustra*. O processo educativo neste caso está sustentado no princípio de que a realidade é mutável. Toda a trajetória que percorre o personagem Zaratustra pode ser entendida como um percurso educativo, pois demonstra como ele vai delineando o itinerário para *tornar-se o que se é*. A ideia de percurso remete também à compreensão do mundo como jogo de forças, no qual tudo tende a constante intensificação, a mudança ao fazer e desfazer criativo. O decurso natural da existência não é a manutenção da vida, conforme estudamos a partir da crítica de Nietzsche as concepções de Darwin e Espinosa, mas à expansão, a busca por ser mais. Sendo assim, tal postura nos ajuda a repensar e questionar um processo educativo que pretende apenas manter o *status quo* social ou dispõe a formar tendo em vista um determinado modelo fixo de comportamento.

Educar pode contribuir para o homem querer ser mais do que ele é, entretanto, é preciso ressaltar que não se trata de um crescimento que tende à competição com os outros, como na visão economicista da modernidade, a questão nietzschiana é principalmente estimular o desenvolvimento da singularidade. Devemos lidar com nosso próprio caminho, o inconformismo deve ser, sobretudo, consigo e com o tempo em que se vive. Esta ideia pode sugerir uma perspectiva educativa na nossa interpretação quando indica a possibilidade de se pensar o mundo através de visões diversas, uma vez que o jogo de contrários - como afirma Nietzsche - indica que não há nada imóvel; o imutável é apenas aparente e no interior de todas as coisas, assim como no ser humano, age a potência vital que impulsiona a existência para *ser mais*.

As ideias retomadas acima remetem a uma educação não formal, como uma perspectiva possível de ser percorrida por qualquer homem que queira assumi-la, mas, também poderiam ter impactos na educação formal. A escola pode ser um espaço que motiva a autossuperação quando se entende a vida como um percurso, como algo não acabado e sempre em trânsito. Contribui-se, assim, para que as teorias ensinadas não sejam consideradas noções estáticas, estanques, verdades absolutas, mas sempre ideias em fluxo, passíveis de transformação. Outro aspecto significativo de uma educação como percurso é compreender que cada um tem caminhos, intensidades, perspectivas próprias de encarar a vida, isto é, somos singulares e isso deve ser respeitado pela educação. Os decursos não devem ser considerados sempre iguais, mas necessariamente como diferentes. Sendo o homem um ser em percurso, em trânsito, isso significa que este não tem um sentido pré-estabelecido, logo, precisa aprender a criar os seus próprios

caminhos. Nietzsche nos ajuda a pensar que, desde os primeiros anos de educação que é possível estimular os discentes a tornarem-se si mesmo. O fato de estarmos situados socialmente não deve impedir que cada estudante perceba a importância do que lhe é mais genuíno. Isso evidentemente exige a presença de docentes que ensinem que eles mesmos, por serem singulares, também queiram que outros seres humanos sejam. Assim como Zarathustra não quis discípulos ou seguidores, uma escola baseada nesta perspectiva da transitoriedade remete a este impulsionar ao que é próprio de cada um, a não repetir conteúdos ou atitudes fixos.

As proposições acima emergem da tese central do trabalho que é destacar a perspectiva educativa do *Zarathustra* que conduz à singularidade, *a tornar-se o que se é*. Este é o “fio condutor” central que permeia tais concepções. Ainda é importante refletirmos que a busca de incentivar o singular pode conflitar também com duas questões: a relação com o outro e a educação formal. Isto é, podemos indagar de que forma a máxima da educação nietzschiana pode servir à realidade concreta das escolas? De que modo a afirmação do “que é genuíno em cada um” não exclui a relação com os demais seres humanos? Isso não contribuiria para o aprofundamento de um individualismo exacerbado, já demasiadamente presente na atual sociedade?

Rosa Dias comenta que há interpretações a partir da fórmula *tornar-se o que se é* que situam Nietzsche como “arauto do individualismo anárquico.”⁵¹² Partindo desta visão, toda a perspectiva educativa presente no *Zarathustra* poderia ser entendida como a afirmação do mais radical egocentrismo. Assim, chegar a ser si mesmo, remeteria a dissociação com o ser outro? Cada um, ao educar-se, desconsideraria os seus pares sociais? Neste caso, poderíamos denominar esta máxima como educativa? Não cairíamos num anarquismo pedagógico? Na atual sociedade, por exemplo, grandes contingentes de seres humanos não têm acesso a uma educação formal digna, além disso, outros inúmeros seres humanos vivem na mais extrema “miséria intelectual” e socioeconômica! Devemos ficar indiferentes a esta realidade e simplesmente buscarmos “ser mestres de nós mesmos” sem considerar a nossa relação com o mundo em que vivemos? Nietzsche não seria um partidário do mais extremado “egoísmo”, do mais indiferente individualismo?

As perguntas acima podem ser respondidas a partir do que demonstra o próprio itinerário que o filósofo alemão estabeleceu em sua obra principal. Zarathustra não

⁵¹² DIAS, R. 2011, p. 100.

despreza os homens. Em várias situações os critica, faz ironia com eles, combate o seu estilo de vida decadente, mas, em todos os momentos do seu percurso, volta a eles. Após cada momento de solidão, uma nova expectativa se apresenta, e por detrás dessas idas-e-vindas está à convicção da possibilidade do homem ir além de si mesmo. O filósofo aproxima o seu personagem da dinamicidade da vida, ele não é alguém que desde o seu gabinete analisa de forma distante o comportamento humano e cria teorias para que os homens as aceitem passivamente, mas, aprende e ensina com o embate *no mar da existência*. Ele justamente propõe aos os homens percorrer um caminho próprio impulsionando à concretização de uma perspectiva educativa: “quem cria o próprio estilo mostra-o para todos. E então podemos considerá-la como tendo a dimensão para o mundo.”⁵¹³ O decurso que o levou a chegar a ser si mesmo não remete ao isolamento ou ao desprezo dos outros homens, mas a cultivar um modo realmente único de ser e também apontar caminhos para que outros também queiram atingir uma expressão própria. A sua solidão, então, é estratégica no sentido de distanciar-se daquilo que minimiza as forças humanas, mas é um distanciamento para aproximar, para após o afastamento, redimensionar para si um encontro autêntico.

O que Nietzsche pretende não é desprezar a vida social, nem ambiciona que a maioria assuma a sua doutrina da singularidade, mas despreza o modo de vida subserviente que o estilo moderno de existência estabeleceu. Viver em rebanho é uma atitude de auto-defesa dos fracos para não assumirem a precariedade da vida e, neste sentido, viver coletivamente exigiria a conservação, a adoção de atitudes reativas. O Estado, a religião, as ciências, as escolas tornaram-se, em muitos casos, instrumentos de enfraquecimento da vitalidade humana.

A educação formal, neste contexto, serve de motivadora para que se possibilite a criação, para que se intensifique a vida, para que se ame a “arte de viver” e não apenas para conservar e transmitir conteúdos do passado para que os estudantes aprendam a codificar e decodificar códigos já estabelecidos. O desafio da educação formal é evitar o distanciamento do que é próprio e encontrar meios que valorizem aquilo que é singular, intransferível em cada um: “quando a prática pedagógica atrela-se tão somente a fixidez dos conteúdos, não se ensina o educando a desenvolver seu pensamento crítico e autônomo; ensina-se tão somente a ser um reproduzidor de saberes já cunhados pela

⁵¹³ DIAS, R. 2011, p. 140.

tradição.”⁵¹⁴ Nietzsche indica que não se deve ensinar a “ser outro”, mas, “a ser si mesmo”, e, sendo único, contribuir para que os demais também o sejam. Entendemos que o caminho que o filósofo sugeriria para ser adotados pelas escolas formais é o da criação. Assim, as aulas de todas as disciplinas deveriam ser laboratórios de criação, espaços nos quais, a partir do saber acumulado socialmente, os estudantes de todas as fases poderiam ter a possibilidade de inventar e recriar conhecimentos já estabelecidos e, ao mesmo tempo, estabelecer novos saberes. Uma educação que prioriza o próprio de cada um revela meios mais efetivos para a construção de um conhecimento autêntico que encontra sentido vital na própria realidade dos estudantes. Nesse sentido, o conhecimento adquirido seria resultado da singularidade e das significações atribuídas pelos educandos, ao colocar o corpo como “fio condutor” do aprendizado. Assim, os estudantes afirmam todas as suas capacidades – intelectuais, volitivas, afetivas, motrizes -, não dissociando teoria e prática, mente e corpo, pensamento e vida.

Além desse aspecto mais formal acima exposto, sobre os efeitos de uma educação para *tornar-se o que se é*, podemos afirmar que a educação no *Zarathustra* é uma perspectiva, uma proposta sem a pretensão de postular um “sistema pedagógico” *stricto sensu*. Desse modo, a visão educativa ali presente pode ser um horizonte para que o docente repense a sua prática. A partir da filosofia nietzschiana presente no *Zarathustra*, é possível redimensionar e revitalizar a maneira de pensar e atuar na educação.

⁵¹⁴ RAMOS, Neide Ana Pereira. *Nietzsche: arte e educação*. Dissertação de Mestrado, Unirio, Rio de Janeiro, 2008, p. 85.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo sobre a perspectiva educativa presente na obra *Assim falou Zaratustra* vimos que Zaratustra, após dez anos de solidão sentiu necessidade de apresentar o seu “excesso”: a sua sabedoria. Anunciou inicialmente para a multidão o super-homem, “profetizou” a morte de Deus e a fidelidade à terra como um caminho pelo qual o homem moderno poderia superar a si mesmo. Ao observar o descrédito perante a multidão com o seu “novo anúncio”, Zaratustra modifica a estratégia e sai em busca de companheiros: os que seriam capazes de estabelecer valores novos, os homens que fogem do rebanho e procuram afirmar a sua singularidade. A esses são direcionados os discursos, nos quais a tônica que prevalece é a exaltação do homem criador.

A indicação educativa que encontramos nos discursos de *Zaratustra* é a afirmação permanente de todas as capacidades e forças do homem. Constatar a morte de Deus e apresentar o super-homem é sustentar que se pode ir além de si mesmo, criando sentidos existenciais a partir das forças fisiológicas que emergem do que nos é mais próprio, isto é, do nosso corpo. Trata-se de pensar uma forma de harmonizar o pensamento e a vida, já que a cisão entre ambos manteve a humanidade aquém de suas mais profundas possibilidades. A criação é apresentada como o caminho da superação do velho homem, que pode estabelecer novas formas de ser e estar no mundo. Para isso, é necessário deixar as posturas cômodas e seguir o desafio de afirmar o fluxo conflitante, impetuoso e belo da vida, isto é, acolher as nossas forças corporais.

Analisamos a educação como intensificadora da vida, interpretando-a como constante superação e potencialização das aptidões dos discentes. A vida não é manutenção, tendência à estabilidade, mas expansão, força, impulso ao crescimento. Essa atitude fomenta a afirmação irrestrita da vida e é um indicativo de uma perspectiva educativa que impulsiona o homem criador a afirmar sempre e constantemente a existência de si e do mundo, concepção segundo a qual o existir é compreendido como constante querer-vir-a-ser-mais. A criação não remete a construção de objetos palpáveis, que venham dar respostas às necessidades utilitárias do mercado, mas ocorre genuinamente quando aflora das forças que inconscientemente regem o corpo. Ouvir a voz do corpo sem conceder demasiada importância à razão, à consciência, que predominaram durante tanto tempo na história ocidental como portadoras mais efetivas da apreensão do saber, é tarefa crucial na educação. A vontade de potência compreendida como intensificação das forças vitais que emergem do que é fisiológico,

indica que a superação constante aproxima o homem daquilo que é próprio dele, já que o mundo é jogo de forças, e o homem também é jogo de forças. O ser humano está integrado a esta força vital, logo uma educação que as resgate e valoriza só ocorreria quando possibilita a autossuperação.

Nietzsche mostra que Zaratustra só se tornou capaz de afirmar a sua plena singularidade no momento em que se sentiu apto para assumir a sua ideia abissal: o eterno retorno. Admitir o retorno de todas as coisas foi para o personagem a experiência e provação máxima, graças a qual foi possível estabelecer uma relação harmoniosa com a vida. Neste sentido, para que o personagem possa atingir o cume do seu percurso foi preciso estabelecer um embate efetivo consigo mesmo até admitir plenamente o retorno de todas as coisas. Zaratustra aprendeu com a vida uma sabedoria abissal, o seu ensinamento extrapola totalmente a educação formal. Além disso, Zaratustra conheceu grandes homens que contribuem para que o sentimento de *manutenção* seja substituído pelo de *crescimento*. *Esses homens*, principalmente com as suas vidas, se tornaram um destino, um indicativo de um futuro intensificador. Zaratustra aprendeu a dizer “sim” ao destino. Por isso, o *amor fati* foi a proposta de afirmação irrestrita do existir ao abarcar a totalidade da vida, sem nada excluir. Ultrapassa todas as tentativas idealistas que propõem a *fuga* para ultramundos; de forma contrária, o seu ensinamento que começou na primeira parte do livro, impulsiona o homem a assumir as forças terrestres que nele pulsam. Desse modo, a alimentação, o clima, o sono reparador, têm mais significado que a penitência, a oração e a negação do mundo, pois possibilitam ao homem interpretar o devir a partir do que é fisiológico, da sua situação vital de saúde ou de decadência, sito é, dos aspectos mais significativos e viscerais da existência.

A perspectiva de uma educação singular que emerge do *Zaratustra*, que inicia com o embate com o homem da praça do mercado estabeleceu uma tensão entre o solitário, aquele que não teme percorrer o caminho *genuinamente seu* e a massa, ou seja, o homem que prefere seguir o comportamento predominante em uma determinada sociedade. Nietzsche, ao exaltar a solidão do seu personagem, indica que é pelo caminho *próprio* que podemos atingir a dimensão que nos leva a *tornar-se aquilo que se é*. Termo que, como vimos, não se refere a algo preciso e determinado, mas alude a um trânsito, a um contínuo movimento para *poder ser*. Este poder ser só é acessível quando o homem constata a possibilidade de a partir de si construir um caminho inovador, singular. Na concepção educacional que pretendemos abordar no *Zaratustra* enxergamos uma questão de perspectiva, indicando que cada um pode criar suas

particulares visões e interpretações sobre a vida! Nietzsche, a partir das tensões que emergem das vivências do personagem Zaratustra, contribui para que pensemos a educação como incentivadora do que é singular, não do que é gregário. Um ensino que prioriza aquilo que é mais genuíno no homem pode desenvolver o que cada um tem de mais visceral, de mais característico em si mesmo. A escola e a sociedade, criticadas pelo filósofo no século XIX, cujas características prevalecem ainda hoje, atuam como incentivadoras de comportamentos previsíveis e impessoais. Elas cultuam a preservação, a manutenção de um estilo de vida e pensamento mantenedores de um determinado modo de vida padronizado. O filósofo alemão propõe, em contrapartida, o próprio como parâmetro: cada ser humano é único e a sua particularidade deveria ser impulsionada pela educação.

É importante ressaltar que todos nós nascemos situados em uma determinada sociedade e recebemos valores coletivos que nosso grupo social impõe como legítimos, como “verdadeiros”. Mas isto é problemático e questionável, já que o homem é conduzido a desvincular-se de si mesmo e conformar-se passivamente com as regras estabelecidas. Outro problema, talvez ainda mais sério, é transformar a educação em um instrumento a serviço de uma visão deturpada da existência. Contrapondo-se a estas posturas, Zaratustra é um afirmador do “vir-a-ser-mais”, zombando do estilo de vida servil que os homens ocidentais acataram passivamente. No final das contas, a proposta de Zaratustra é “querer a superação”, não deixar o mundo na mesmice. Afinal, nesta perspectiva, é possível que o homem se reinvente sempre, convocando a constante transformação, a aceitar o desafio permanente de “tornar-se o que se é”.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a aurora de uma nova ética*, São Paulo: Humanitas; Unijuí, 2008.

BARBOSA, Marcelo Giglio. *Crítica ao conceito de consciência no pensamento de Nietzsche*, São Paulo: Beca Produções Culturais, 2000.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2008.

_____. *Notas sobre política nietzschiana (mensagem pessoal). Mensagem recebida por amorim@sabraego.com.br*. 2003. In: OLIVEIRA JR. José Amorim de. *Nietzsche, Super-homem e Superação: Uma abordagem política*. Goiânia: Alternativa, 2004.

_____. *O questionamento radical da pedagogia moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação fundamental*. In: GOUVEA, G. et. al. (Org.). *Pesquisas em educação*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 125-136.

CALOMENI, Tereza Cristina B. *Leituras de Zarathustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

COSTA, Gustavo B.N. *Leituras de Zarathustra/ Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores*. Rio de Janeiro: MauadXFaperj, 2011.

CRAGNOLINI, Mónica. B. *Leituras de Zarathustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

DAMASCENO, Letícia, *A fidelidade à terra, pathos afecções e o corpo trágico em Nietzsche*. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008 - ISSN 1676-2924.**

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. São Paulo: Edições 70, 1985.

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. Rio de Janeiro: Scipione, 1998.

_____. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *O que nos faz pensar -14. Homenagem a Friedrich Nietzsche por ocasião do cem anos de sua morte*. Org: Kátia Muricy, Cadernos do departamento de Filosofia da PUC Rio, 2000, 201p.

_____. *Por uma filosofia para orelhas pequenas. Assim Falou Nietzsche III: Para uma Filosofia do Futuro*. BARRENECHEA, Miguel Angel; CASANOVA, Marco Antônio; Dias, Rosa; FEITOSA, Charles (organizadores). Rio de Janeiro, 7 Letras, 2001.

FERNANDES, EDRISI DE ARAÚJO. *As origens históricas do Zarathustra nietzscheano: o espelho de Zarathustra, a correção do “mais fatal dos erros” e a superação da “morte de Deus”*. Natal, 2003, p. 2. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 353 p.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1993.

FREZZATTI JR., Wilson Antônio. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Rio Grande do Sul, Ed. Unijuí, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GIACOIA JR, Osvaldo. *Leituras de Zarathustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

JULIÃO, José Nicolao. *Para Ler o Zarathustra de Nietzsche*, Barueri, SP: Filosofia em pílulas. 1ª edição, Ed. Manole, 2012.

_____. *O ensinamento da superação em Also sprach Zarathustra*, Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, SP, 2001.

LARROSA, J. *Nietzsche & a educação*, Belo Horizonte: 3ª edição, Autêntica, 2009.

MACEDO, I. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia / textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Mollendorff; Introdução e organização Roberto Machado; tradução do alemão e notas de Pedro Sussekind*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: 2ª Edição, Ed. Graal, 2002.

_____. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MARTINS, André. *Leituras de Zaratustra/ Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores*. Rio de Janeiro: MauadXFaperj, 2011.

MARTINS, Angela. *Nietzsche e a mudança de valores na educação*. In: Feitosa, C.; Barrenechea, M.A. et. al. (Org). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Assim Falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 317-327.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Nietzsche*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Nietzsche, filósofo da suspeita*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2010.

_____. *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

_____. *Silêncio, solidão*. Cadernos Nietzsche 9, p. 79-105, 2000.

MELO, Rebeca Furtado de. *Leituras de Zaratustra/* Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores. Rio de Janeiro: MauadXFaperj, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução Antonio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, São Paulo: Ed. Escala, 2008.

_____. *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. 18ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução: Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Ed. Sete Letras, 1996.

_____. *Correspondências com Wagner*. Apresentação de Elizabeth Foerter-Nietzsche, Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2008.

_____. *Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*. Segunda consideração intempestiva. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2008.

_____. David Strauss: el confesional y el escritor. In: *Consideraciones Intempestivas*. Madri: Aguilar, 1932.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que se é*. Tradução de Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2006.

_____. *Fragments do espólio*/ Friedrich Nietzsche; seleção, tradução e prefácio de Flavio R. Kothe. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2004, 2008 (reimpressão).

_____. *Fragments finais*/ 1885-1889; seleção, tradução e prefácio de Flavio R. Kothe. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2002.

_____. *A Genealogia da Moral*. Tradução Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2006.

_____. *O anticristo*. Tradução Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2006.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *Schopenhauer Educador*. Terceira Consideração Intempestiva. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2008.

_____. *Sobre os Nossos estabelecimentos de ensino*. São Paulo. Ed. Loyola, 2003.

OLIVEIRA JR. José Amorim de. *Nietzsche, super-homem e superação: uma abordagem política*. Goiânia: Alternativa, 2004.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. *Nietzsche e a auto-superação da moral*, Coleção Nietzsche em Perspectiva, Ijuí: ed. Unijuí, 2009, 200p.

PLATÃO, *A república*, Livro VII. Coleção “Os Pensadores”: Obras incompletas. São Paulo, Nova Cultural, 2005.

RAMOS, Neide Ana Pereira. *Nietzsche: arte e educação*. Dissertação de Mestrado, Unirio, Rio de Janeiro, 2008.

ROCHA, Sílvia. P.V. *Torna-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*. In: Charles Feitosa; Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro (orgs.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Assim Falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj; Unirio; Brasília, DF: capes, 2006.

SALAGUARDA, J. *Zaratustra e o asno: uma investigação sobre o papel do asno na quarta parte de Assim Falou Zaratustra de Nietzsche*. In: *Theologia Viatorum* XI-1973, p. 181-213. Tradução de Maria Clara Cescato. Revisão técnica de Scarlet Marton.

SILVA, Marinete Araújo da Silva. *Nietzsche e a Educação: da crítica à educação moderna a uma educação para a criação*. In: GOUVEA, G. et. al. (Org.). *Pesquisas em Educação*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 116-124.

SLOTERDIJK, Peter. *O quinto Evangelho de Nietzsche: É possível melhorar a boa nova?* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2004.

SOUZA, Maria Cristina dos Santos de. *Leituras de Zaratustra/ Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores*. Rio de Janeiro: Mauad X Faperj, 2011.

SUFFRIN, Pierre H. *O "Zaratustra" de Nietzsche*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

TOMAZELLA, Marlon. *Leituras de Zaratustra/ Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores*. Rio de Janeiro: Mauad X Faperj, 2011.

VIEIRA, Maria Cristina Amorim. *O desafio da grande saúde em Nietzsche*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000.

VIEIRA, Samantha Aparecida Moura Martins. *A perspectiva Nietzscheana sobre a Criação de Valores na Educação*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.